

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL

**A PERMANÊNCIA DO CICLO MÍSTICO-RELIGIOSO NA LITERATURA DE
CORDEL E SUA CORRELAÇÃO COM OS NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL**

ANTONIO CARLOS FERREIRA LIMA

MACEIÓ-AL
2008

ANTONIO CARLOS FERREIRA LIMA

**A PERMANÊNCIA DO CICLO MÍSTICO-RELIGIOSO NA LITERATURA DE
CORDEL E SUA CORRELAÇÃO COM OS NÍVEIS DE CONSTRUÇÃO TEXTUAL**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Letras e Linguística da Universidade Federal
de Alagoas como requisito para obtenção do
título de Doutor em Literatura Brasileira.
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sheila Diab Maluf.

MACEIÓ-AL
2008

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

L732p Lima, Antonio Carlos Ferreira.

A permanência do ciclo místico-religioso na literatura de cordel e sua correlação com níveis de construção textual / Antonio Carlos Ferreira Lima.
– Maceió, 2008.
206 f.

Orientadora: Sheila Diab Maluf

Tese (doutorado em Letras e Lingüística : Literatura Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística. Maceió, 2008.

Bibliografia: f. 90-95.

1. Literatura de cordel. 2. Religiosidade na literatura – Brasil, Nordeste.
3. Misticismo – Brasil, Nordeste. I. Título

CDU: 398.5(812/813)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
FACULDADE DE LETRAS – FALE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGÜÍSTICA – PPGLL

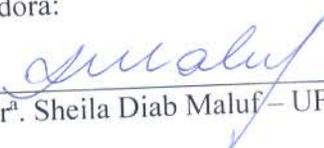
TERMO DE APROVAÇÃO

ANTONIO CARLOS FERREIRA LIMA

A permanência do ciclo místico-religioso na Literatura de Cordel e sua correlação com os níveis de construção textual.

Tese aprovada como requisito para obtenção do grau de Doutor em Literatura Brasileira, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte Banca examinadora:

Orientadora:

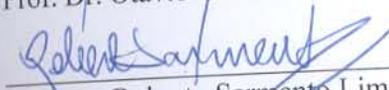

Prof.^a.Dr.^a. Sheila Diab Maluf – UFAL

Examinadores:

Prof.^a.Dr.^a. Beliza Áurea de Arruda Mello – UFPB

Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel – UEPB

Prof. Dr. Otávio Gomes Cabral Filho – UFAL


Prof. Dr. Roberto Sarmiento Lima - UFAL

AGRADECIMENTOS

A Deus, por todas as bênçãos que me tem concedido.

À Prof^a. Dr^a. Sheila Maluf, pela acolhida, orientação e incentivo.

Ao Prof. Dr. Roberto Sarmiento por ter iniciado essa caminhada como orientador e motivador.

Ao Prof.Dr. Diógenes Maciel pelas valiosas críticas e sugestões.

Ao poeta Manoel Monteiro pela prontidão e solicitude em abrir sua vida – que se confunde com a história do cordel.

Ao poeta Abraão Batista por me apresentar ao Juazeiro do Padre Cícero.

Aos professores Belmira Magalhães, Enaura Quixabeira, Gilda Vilela, Vera Romariz, Fernando Fiúza e Otávio Cabral, pela inspiração e por tudo que partilhamos durante as aulas.

À minha família, pela paciência, incentivo e compreensão.

“Portanto, o que desde o princípio ouviste permaneça em vós. Se em vós permanecer o que desde o princípio ouviste, também permanecereis no Filho e no Pai. E esta é a promessa que ele nos fez: a vida eterna”. (1Jo 2,24-25)

RESUMO

Este trabalho busca investigar a permanência do ciclo místico-religioso na Literatura de Cordel nordestina em níveis de construção textual. Para tanto, navega nas poesias de cordel de diversos períodos de produção-criação, extraindo os elementos significantes do misticismo e da religiosidade do povo nordestino, utilizados como mote para a construção textual dessa poesia popular narrativa. Desse modo, o universo místico e religioso que é representado retoricamente na poesia de Cordel, que surge nas credices e devoções populares, é perquirido enquanto fio condutor de um versejar singular, em consonância com o cenário geopolítico e psicossocial dos quais são inseparáveis. Assim, tanto os santos canônicos da devoção popular – Nossa Senhora das Dores e São Jorge – quanto aqueles canonizados pelos devotos, fiéis e romeiros – Antonio Conselheiro, Padre Cícero e Frei Damião - somados às personagens míticas do imaginário popular – diabo, feitiçarias e assombrações – compõem esse mundo místico e impregnado de religiosidade, que permanece desde sempre como mote privilegiado, em níveis de construção textual, na Literatura de Cordel.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel. Religiosidade Popular. Misticismo

ABSTRACT

This study seeks to investigate the permanence of the cycle mystical-religious “literature of Cordel” in the Brazilian North East in levels of construction textual. For both, browse in the poetry scene of several periods of production-creation drawing significant elements of mysticism and religiosity of the people northeast, used as a motto for the construction of such textual poetry popular narrative. Thus, the mystical and religious universe that is represented in the poetry of Literature of Cordel, which appears in beliefs and devotions popular is investigated while construction poetic leitmotif of a unique, in line with the geopolitical scenario and psychosocial of which are inseparable. Thus, both the saints canonic of popular devotion - Our Lady of Sorrows and St. George – those sanctified by devout, faithful and pilgrims – Antonio Conselheiro, Father Cicero and Brother Damian - and added the mythical characters the popular imagination – devil, witches and ghost – comprise the world mystical and impregnated with religiosity that remains always as privileged motto, in levels of construction textual, in the literature of Cordel.

KEY-WORDS: Literature of Cordel – Brazil. Literature in Religiosity. Mysticism.

RESUMEN

Este trabajo busca investigar la permanencia del ciclo místico-religioso en la Literatura del Cordel brasileña en nivel de la construcción textual. Para tanto, navega en las poesías del cordel de diversos períodos de producción-creación extrayendo los elementos significantes del misticismo y de la religiosidad del pueblo del norte de Brasil, utilizados como mote para la construcción textual de esta poesía popular narrativa. De ese modo, el universo místico y religioso que es representado retóricamente en la poesía de Cordel, que surge en las devociones populares es perquirido encuan to fío conductor de un versear singular, en consonancia con lo escenario geopolítico e psicossocial de los cuáles son inseparables. Así, tanto los santos canónicos de la devoción popular – Nuestra Señora de las Dolores e San Jorge – cuanto aquellos canonizados por los devotos, fidelis e romeros – Antonio Conselheiro, Padre Cícero e Freí Damião -, añadidos a las personajes míticas del imaginario popular – diablo, brujas y fantasma – compones ese mundo místico e impregnado de religiosidad que permanece desde siempre como mote privilegiado, en nivel de la construcción textual, en la Literatura de Cordel.

PALABRAS-CLAVE: Literatura del Cordel. Religiosidad Popular. Misticismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1	
A LITERATURA DE CORDEL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E IDEOLOGIA.....	14
1.1 Literatura de Cordel: uma perspectiva histórica	14
1.1.1 As origens	14
1.1.2 O poeta de cordel	18
1.1.3 As classificações temáticas, os gêneros e estilos	23
1.1.4 A apresentação gráfica e a produção do livreto de Cordel	28
1.2 Ideologia e Literatura de Cordel	31
1.2.1 Aspectos geopolíticos e etnia do Nordeste do Brasil	31
1.2.2 Dois exemplos de ideologia política e religiosa presentes na Literatura de Cordel (Leandro e Roxinô)	35
CAPÍTULO 2	
LITERATURA DE CORDEL: UMA ESCRITURA DA RELIGIOSIDADE E RELIGIOSIDADE POPULAR	48
2.1 Literatura de Cordel: uma escritura da religiosidade	48
2.1.1 Religião: necessidade de segurança e controle social	48
2.1.2 Religião: necessidade transcendência	53
2.2 A Religiosidade Popular na Literatura de Cordel	61
2.2.1 Literatura de cordel e religiosidade popular	61
2.2.2 Antonio Conselheiro na literatura de cordel	92
2.2.3 O Padre Cícero Romão Batista na literatura de cordel	111
2.2.4 Frei Damião de Bozzano na literatura de cordel	146
CONCLUSÃO	175
REFERÊNCIAS	179

INTRODUÇÃO

“Cordel quer dizer barbante
 Ou senão mesmo cordão
 Mas cordel-literatura
 É a real expressão
 Como fonte de cultura
 Ou melhor: poesia pura
 Dos poetas do sertão.”
Rodolfo Coelho Cavalcante.

No ano de 1999, comemoram-se por todo o país os 100 anos de Literatura de Cordel (LC), contando-se o tempo a partir da impressão dos primeiros folhetos, numa tipografia do Recife pelo poeta e editor Leandro Gomes de Barros, em fins do século XIX. Sabemos que, antes de ser fixada no papel, essa poesia sempre esteve presente na vida de nosso povo – cantando justamente as vicissitudes de seu viver, como atestam as poesias colhidas pela tradição, referentes ao chamado “ciclo do boi”. Da vitalidade dessa poesia popular narrativa, podemos inferir que, daqui a cem anos, haverá a comemoração do segundo centenário e assim sucessivamente. Desde as cantorias, até os folhetos impressos, o cordel vem evoluindo e se firmando como literatura de reconhecida identidade. Sua multiplicidade temática, aliada à função social, tem feito dessa poesia de folhetos um mapa para os corações e mentes de um povo e de um lugar, daí sua permanência.

Nosso objetivo nesse trabalho é investigar a permanência de um ciclo temático – o místico-religioso – em níveis de construção textual na LC, e, para tal empreitada, partimos da hipótese de que a permanência de níveis de construção textual, no Cordel, correspondentemente à permanência da temática religiosa e mística, enquanto fenômeno recorrente na poesia de cordel, pode ser explicada pela sua pertinência a um tipo de literatura chamada de “popular”, em que os temas – bastante recorrentes – mantêm uma forte dependência do contexto do qual participam, quando não chegam a ser fruto de uma real imposição, o que reflete a supremacia do contexto – e, conseqüentemente, dos temas – sobre a construção poética.

Devido à multiplicidade dos temas que figuram nas poesias de Cordel, convencionou-se, já nas primeiras pesquisas, agrupá-las por assuntos, o que deu origem às classificações temáticas que conhecemos hoje (ver adiante capítulo I, seção 3). Podemos afirmar, sem medo de errar, que todo universo psicossocial do povo nordestino serviu – e ainda serve – de mote para a construção poética do nosso Cordel: economia, política, ética,

religião, afetividade, sexualidade, agressividade, heroísmo, misticismo, etc. Em nossa abordagem da LC, escolhemos um ciclo-temático de grande importância para o estudo da cultura popular e um dos mais profícuos, em termos de produção de folhetos¹, que é o que denominei de ciclo místico-religioso, pois abrangem aqueles elementos referentes às crenças, valores, fé e superstições. Envolvendo processos de santificação e deificação de personagens históricos, perpassa os fatores que dizem respeito ao sagrado – hierofanias, teofanias e cratofanias – e ao profano – festas, excessos e desmedidas; resvala em aspectos de natureza política e econômica e aproxima-se da inter-subjetividade e intra-subjetividade, do inconsciente pessoal e coletivo. Se comparado às classificações temáticas “históricas”, podemos dizer que esse ciclo místico-religioso abrange o “maravilhoso” e o “religioso e moral” de Orígenes Lessa e Ariano Suassuna, mais o “tradicional” de Sebastião Nunes Batista e o “religião e ética” de Manuel Cavalcanti Proença.

Iniciamos nossa caminhada examinando o Cordel a partir de uma leitura histórica: as teorias sobre a sua origem, se européia ou brasileira; a caracterização do Poeta de Cordel (cordelista) como contador-cantador das histórias de seu povo e de seu lugar, pois cordel é poesia narrativa com ritmos próprios que denunciam sua origem na oralidade; percorremos as principais classificações temáticas, de Orígenes Lessa, Ariano Suassuna, Manuel Cavalcanti Proença e Sebastião Nunes Batista; e discorremos sobre a produção e a apresentação gráfica do livreto do Cordel, para que o leitor possa ficar familiarizado com a linguagem da LC, facilitando, assim, sua compreensão quando da análise do “corpus poético”, no capítulo dois. Se nossa pesquisa privilegia o ciclo místico-religioso, não poderá deixar de abordar os aspectos geopolíticos e ideológicos presentes nessa temática, em que o contexto é mote e, se como aponta o escritor bíblico, “a fé vem pelo ouvir”, interessa-nos, sobretudo, localizar a voz que falou e fala – de onde e de quem – e a que propósitos visa.

Em nossa investigação, procuramos abordar a literatura de cordel a partir de um ponto de vista psicodinâmico, utilizando como referenciais teóricos a psicossociologia que alia contribuições da psicanálise, da psicologia analítica e da teoria psicológica culturalista. A psicossociologia é uma vertente da Psicologia Social, que enfoca os grupos, organizações e comunidades, em situações cotidianas, utilizando para tal a metodologia da pesquisa-ação. Com base em seus estudos, são produzidas explicações sobre a criação e evolução do vínculo

¹ Em uma das mais importantes coleções de folhetos de cordel, que se encontra na Biblioteca Blanche Knopf, vinculada à Fundação Joaquim Nabuco: de 1019 folhetos catalogados, 173 tratam exclusivamente do ciclo místico e religioso.

entre os indivíduos, e também sobre a dinâmica social e seus processos de mudança. Parafrazeando Antonio Candido, diríamos que teremos na psicossociologia uma ferramenta, uma disciplina auxiliar, “que não pretende explicar o fenômeno literário ou artístico, mas apenas esclarecer alguns dos seus aspectos”. E, com esse instrumento, pretendemos analisar algumas categorias que são parte integrante de uma verdadeira análise sociocultural do fenômeno artístico e literário: a estrutura social (contexto imediato), os valores e ideologias (contexto interno, anímico), e as técnicas de comunicação (construção textual). Com isso, esperamos compreender o processo criativo e suas vicissitudes – integração e diferenciação (heteronomia *versus* autonomia) – observando de que forma os elementos de uma determinada e circunscrita ordem social serão “filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entendermos a singularidade e a autonomia da obra” (CANDIDO, 1989, p.15).

Um ponto central em toda análise psicossociológica, refere-se à possibilidade de autonomia/criatividade dos sujeitos. Castoriadis (1982) ressalta a anterioridade dos processos sociais em relação ao indivíduo, o qual só existe no interior de uma cultura e de uma sociedade que lhe são prévias e determinam sua conduta. Desse modo, tal sociedade “heterônima tem, portanto, tendência a só produzir indivíduos heterônimos, conformados a seus votos e a seus ideais”. Entretanto, Enriquez (2001), baseado na sociologia de Castoriadis, destaca justamente os aspectos contraditórios e ambivalentes dos processos sociais, que não são suficientes para determinar totalmente o comportamento do indivíduo. Ou seja, as sociedades e os indivíduos não são totalmente heterônimos, pois todo indivíduo pode demonstrar uma parcela de originalidade e autonomia. As categorias e processos, citados acima, são essenciais, para que possamos compreender os níveis de construção textual e o engessamento formal, presentes na temática mística e religiosa da Literatura de Cordel, principalmente devido ao seu vínculo efetivo e permanente com a literatura oral que lhe deu origem, pois, como afirma Zumthor (1997, p.13): “As emoções mais intensas suscitam o som da voz”. Portanto, ao examinarmos cada categoria e cada relação de natureza psicossocial nós o faremos sem perder de vista a sua integridade estética, observando na poesia popular nordestina, dos primórdios até o presente, sua função social e sua função ideológica.

Acreditamos que essa abordagem psicossociológica possa esclarecer a permanência desse ciclo temático que atravessa toda a história da Literatura de Cordel, explicando não só a permanência desse tema em um contexto de origem, mas suas formas

condicionantes, que promoveram – e promovem ainda – uma espécie de “camisa-de-força” formal nessa produção poética. Partindo dessa abordagem, entendemos promover uma visão que associa texto e contexto, tendência que é sublinhada por Candido (1989, p.5), ao examinar as vicissitudes da crítica que alia aspectos sociológicos e psicológicos:

É o que vem sendo percebido ou intuído por vários estudiosos contemporâneos, que, ao se interessarem pelos fatores sociais e psíquicos, procuram vê-los como agentes da estrutura, não como enquadramento nem como matéria registrada pelo trabalho criador; e isto permite alinhá-los entre os fatores estéticos.

No universo místico e religioso do Cordel alguns personagens merecem destaque especial, pois são ao mesmo tempo pontos de convergência da devoção popular e objetos privilegiados da construção poética dos cantadores e poetas nordestinos. Referimo-nos a Antonio Conselheiro, ao Padre Cícero e ao Frei Damião, uma vez que, para muitos autores, cada um deles poderia constituir por si mesmo um ciclo temático, dada à quantidade de obras publicadas sobre suas vidas. No exame desta temática, destacaremos particularmente as poesias que tratam da exaltação do Cristianismo, em sua versão Católica Romana – aqui chamada, algumas vezes, de “religião oficial²” – que utilizam, como condutores mestres da mensagem dogmática, os principais pregadores do Sertão nordestino indicados acima.

Outras manifestações na escritura do Cordel desse ciclo temático são as poesias que têm como mote principal as peripécias do diabo e seus encontros e pactos com pessoas comuns e com cangaceiros famosos; as narrativas sobre a vida de Jesus Cristo e dos santos e santas do Catolicismo; as biografias dos Papas, principalmente os três mais recentes; as profecias escatológicas; o embate com religiões não-católicas – Protestantismo, Judaísmo, Religiões Afro-brasileiras e o Espiritismo kardecista – e dos castigos decorrentes da desobediência aos dogmas.

A tese se estrutura em dois capítulos: no primeiro, analisamos o desenvolvimento histórico da LC, desde a influência européia até a apresentação gráfica produção e comercialização dos mesmos. Analisamos também a presença da ideologia política e religiosa, enquanto fenômeno relevante para uma compreensão da permanência de modelos tradicionais na poesia de cordel. No segundo capítulo, abordamos a religiosidade e o

² Apesar de o Estado brasileiro ter se declarado “laico” desde a constituição republicana de 1891, manteve até nossos dias um vínculo muito forte com a tradição Católica Apostólica Romana, observável, sobretudo, na imensa quantidade de feriados nacionais religiosos, dias de padroeiros (as), hora do Ângelus em emissoras de rádio governamentais etc. Devido à natureza de tal vinculação (Igreja-Estado), entendemos que a Igreja Católica Romana, mesmo não o sendo de direito, é, de fato, a religião oficial do Brasil.

misticismo na LC, situando inicialmente o fenômeno religioso sob o olhar da Psicossociologia, da Psicanálise e da Psicologia Analítica utilizados como base teórica auxiliar para melhor compreendermos aquelas manifestações da religiosidade e do misticismo que aparecem retoricamente na LC. Concluimos esse capítulo com a análise de obras que versam sobre os principais representantes desse ciclo temático, a saber, Antonio Conselheiro, Pe. Cícero e Frei Damião.

CAPÍTULO 1

A LITERATURA DE CORDEL: UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA E IDEOLOGIA.

1.1 Literatura de Cordel: uma perspectiva histórica

1.1.1 As Origens

“cordel não é aquele que está
dependurado num cordão
é aquele que foi feito
com as cordas do coração”.

Manoel Caboclo

As origens da Literatura de Cordel (LC) brasileira ainda hoje permanecem sujeitas a controvérsias que geraram, ao longo do tempo, debates calorosos a respeito de sua descendência europeia ou de seu surgimento no Nordeste do Brasil. É certo que a LC possui raízes na literatura oral e, sendo uma poesia narrativa, encontramos práticas similares na antiga Grécia, Ásia, África e na Europa. O fato de que as primeiras histórias do cordel brasileiro tenham sido adaptações dos romances de cavalaria da Europa medieval também reforça a tese da origem ultramarina: em Portugal, Espanha, França, Inglaterra, Holanda e Alemanha já existiam folhetos, em prosa e poesia, vendidos nas feiras, a preços baixos, narrando histórias tradicionais como: “Carlos Magno e os doze pares de França”, “Princesa Magalona”, “Imperatriz Porcina”, “Donzela Teodora”, “Roberto do Diabo”, além de fatos históricos e até poesia erudita – como Góngora e Gil Vicente – eram transcritos para os livretos e declamados pelos menestrelis e jograis. Toda essa literatura volante europeia certamente chegou ao continente americano. No México, por exemplo, encontramos um tipo de desafio verbal semelhante ao dos repentistas nordestinos, chamado de “contrapunteo”, além do “corrido” – folheto semelhante ao nosso cordel, narrando histórias tradicionais em verso ou prosa – que também se manifesta na Nicarágua, no Peru, no Chile e na Argentina. Tomemos como exemplo este corrido da época da revolução mexicana intitulado “El fusilamiento del general Felipe Ángeles”, citado por Luyten (2005, p. 12):

Em mil novecientos veinte
señores, tengan presente,
fusilaron em Chihuahua
um general muy valiente.

Em la estacion de la Aurora

el valiente general,
com veinte hombres que traía,
se lês paraba formal.

Alli perdió diez dragones
de los veinte que traía
y com el resto se fué
por toda la serrania.

O termo “literatura de cordel³” – herança lusitana – é derivado da forma de exposição dos folhetos, pendurados em barbantes, nas feiras, praças e ruas de Portugal. No entanto, também receberam outras denominações, como “folhas soltas”, “folhas volantes” e “literatura de cegos”, já que a comercialização foi feita durante muito tempo pela Irmandade do Menino Jesus dos Cegos de Lisboa que, em 1789, obteve os direitos exclusivos de comercialização. Na Espanha, os folhetos eram conhecidos como “pliegos sueltos” ou simplesmente “hojas” e chegaram a ser proibidos pelo rei Carlos III, devido ao plágio das obras eruditas e ao seu humor obsceno. Na França era “littérature de colportage⁴”, ou literatura volante, dividida em “occasionnels” para o público rural e “canard” para o urbano. Na Inglaterra os folhetos também eram divididos em duas categorias, os “cocks” ou “catchpennies” para os romances, e os “broadsides (lado largo)” para os fatos históricos. Na Holanda e na Alemanha, os folhetos datam do século XV e XVI, contando inclusive com um tipo de apresentação semelhante ao cordel brasileiro, xilogravura temática na capa e formato tipográfico similar e, fato curioso, é nesses dois países que aparecem os primeiros livretos de cordel que falam sobre o Brasil, como o que traz a história de Hans Staden.

Slater (1984, p. 10) observa que as versões orais e escritas dos folhetos portugueses influenciaram o cordel nordestino, mas salienta uma peculiaridade de nosso cordel: “com exceção de pequeno número de preces em prosa”, ele é exclusivamente poético. Um outro aspecto que também aproxima o nosso cordel de seus congêneres europeus é a derivação da literatura oral com sua forma característica de divulgação: trovadores, menestréis e jograis levavam às massas populares, nas feiras e festividades, uma versão cantada da literatura erudita, consumida pela “corte” e pelo clero. No Nordeste, muito antes da existência dos livretos de cordel, nossos “repentistas” e “cantadores” faziam a alegria das

³ Apesar de concordarmos que a melhor nomenclatura seria “Literatura de folhetos”, porque aqui no Brasil os folhetos não eram vendidos pendurados em cordéis (barbantes), mas em cima de bancadas de madeira ou espalhados ao chão em cima de fina lona, manteremos, por questão de praticidade, a expressão já consagrada “Literatura de Cordel”.

⁴ O termo é derivado da forma pelas quais os folhetos eram vendidos, dentro de caixas-tabuleiros apoiados no peito e uma corda passando pela nuca (col).

feiras e festas com os desafios verbais – pejejas – e histórias de amor e heroísmo para o deleite do povo analfabeto e semi-alfabetizado do sertão e agreste nordestino.

Poderia essa similaridade, existente entre a produção europeia e o cordel nordestino, dar conta da questão das origens de nossa poesia popular? Ou haveria alguma particularidade que pudesse justificar a origem de nosso cordel, a partir de uma fonte essencialmente nacional? Para Diegues Júnior⁵, as folhas volantes portuguesas foram trasladadas para o Brasil nas naus colonizadoras, fixando-se no Nordeste do Brasil, mas faz uma ressalva:

[...] embora se faça, ou se fazia, não raro, a diferenciação do que era de origem portuguesa, ou de origem indígena, ou de origem africana, a verdade é que no Brasil essas origens se transculturaram, num processo criativo que testemunha o espírito já brasileiro, e não puramente europeu ou indígena ou africano.

Entretanto, Slater (1984) questiona que não se pode precisar quando, em que condições e a quantidade com que tais folhetos penetraram no Brasil colônia para serem “transculturados”. Proença (1986, p. 27) também defende a origem portuguesa de nosso cordel, afirmando que “o autor de folhetos de poesia popular tem a sua tradição, como é infalível, em Portugal”.

Uma posição contrária à origem lusitana do cordel brasileiro é apresentada por Almeida (1976, p.1) quando afirma que:

O Nordeste é a região mais rica do Brasil em poesia popular. Ali nasceu e se desenvolveu a literatura de cordel. Dali se expandiu para outras partes do território nacional. Vem de muito longe essa manifestação da inteligência brasileira, gerada pelo cruzamento das raças e favorecida pelas condições do meio.

E esclarece que nossa poesia popular tem início com a temática do “boi”, “reflexo da nossa economia, [...] da economia sertaneja do Nordeste, com as festas de vaquejada, a queda de rabo, as corridas tresloucadas por dentro do mato fechado”, e isso não poderia ter vindo de Portugal.

Se considerarmos a LC herdeira privilegiada da literatura oral, teremos de concordar com a influência europeia ao lado da dos outros povos que constituíram nossa brasilidade – o indígena e o africano⁶. Câmara Cascudo já aponta para esse fato (miscigenação

⁵ DIEGUES JÚNIOR, Manuel. O Folclorista Sílvio Romero. In: ROMERO, S. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2 ed. Petrópolis: Vozes; 1977. p.18.

⁶ Há uma narrativa africana conhecida como “ak palô”, que certamente exerceu uma influência no cordel nordestino. Para maiores informações sobre a tradição africana, ver RAMOS, Arthur. *O folclore negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.

e transculturação), ao afirmar que a composição da literatura oral brasileira é fruto de elementos trazidos pelas três raças, sendo a influência portuguesa, por motivos óbvios, mais forte que as demais. Temos que destacar a realidade de que a LC brasileira é um fato novo, é poesia narrativa singular do povo do Agreste e Sertão nordestino, herança dos repentistas, pois o cordel tem um ritmo, é poesia que se canta, e esse canto revela um lugar – o Nordeste – com uma fidelidade espantosa, revela um povo – com seu saber e crenças, desenhando um cenário psicológico e sociocultural dos mais profundos – e trata de temas genuinamente nacionais. Mesmo quando realiza adaptações das histórias tradicionais, como os “romances de cavalaria”, há um abasileiramento das personagens e dos reinos, levando o poeta a imaginar cangaceiros no reino da Normandia e “paço municipal” no reino encantado “euro-sertanejo” da obra “Branca de Neve e o Soldado Jogador”, como vemos nos versos abaixo:

Havia um portão de mármore
 Numa praça principal
 Do portão estava se vendo
Um paço municipal⁷
 Tinha escripto numa placa
Gabinete Imperial.

Já indicamos acima que a LC é descendente direta da literatura oral e pertence à categoria das chamadas manifestações da cultura popular, tendo, portanto, suas raízes na produção cultural de grupos sociais oriundos do proletariado rural do Agreste e Sertão do Nordeste do Brasil. Durante muito tempo, tais produções foram consideradas como artigos de segunda categoria por se manterem distantes das produções eruditas e acadêmicas, e também pelo fato de seus autores quase não possuírem escolaridade – a maioria desses poetas era analfabeta ou semi-alfabetizada. Dessa forma, os primeiros estudiosos brasileiros da cultura popular – como Celso de Magalhães (1873), José de Alencar (1874) e Sílvio Romero (1888) – fizeram uma análise cuja preocupação principal era folclorista, “registrar tudo antes que acabasse” e, com exceção de Alencar – que afirmava que tais criações populares teriam mais riqueza do que se presumia – os demais pesquisadores entendiam a poesia popular como uma degeneração ou deturpação da poesia erudita, ressaltando que tal deturpação possuía um aspecto positivo para a constituição de uma identidade nacional como afirmava Romero. Apesar da pressa dos primeiros pesquisadores da cultura popular em recolher e catalogar o maior número possível de obras antes de seu desaparecimento, a LC sobreviveu a todas as previsões de sua possível extinção, provando mais uma vez sua força aglutinadora

⁷ Em todas as poesias mantivemos a estrutura e grafia adotada por seus autores, apenas os destaques em negrito são de nossa responsabilidade.

psicossocial, narrativa que se impõe para além dos fatos jornalísticos, dos romances e peças, pois a cultura popular, como nos lembra Reis (1995, p.12, 14), “é uma cultura que tem passado e terá futuro, enquanto persistirem as condições que lhe deram origem: a cisão da sociedade entre os que mandam e os que trabalham”, e acrescenta que a vitalidade da cultura popular “reside na defesa intransigente do princípio de igualdade entre os viventes, na sua vocação ecumênica e ecológica”. Cascudo (1984) é quem melhor detecta a importância da literatura oral para a compreensão da cultura e como expressão de um algo mais, já que a literatura oficial,

[...] pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou de predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de ‘novena’, nas festas tradicionais do ciclo do gado, nos bailes do fim das safras de açúcar, nas salinas, festa dos ‘padroeiros’, potirum, ajudas, bebidas nos barracões amazônicos, espera de ‘Missa do Galo’; ao ar livre, solta álares, sacudida, ao alcance de todas as críticas [...] (CASCUDO, 1984, p. 27).

Essa característica da oralidade e musicalidade permanece no nosso cordel, mantendo o elo indissociável com sua origem e delimitando seu território, fincando bandeira numa brasilidade que atravessou o desejo de ser igual ao colonizador e desenhou a cara de um Brasil com fala própria, pois, como nos ensina Freyre (1983, p. 17)

[...] o Brasil não se define, como cultura, apenas pelos discursos pronunciados nas suas academias de letras, de filosofia e de ciências ou nas suas universidades. Define-se também pelas histórias contadas em português espontâneo, rústico, rude, porém expressivo. Por cantigas também espontâneas: cantos de analfabetos até. Pela sua sabedoria popular manifestada, por vezes de modo surpreendentemente intuitivos e imaginativos.

1.1.2 O Poeta de cordel

O poeta de cordel é um legítimo representante dos grupos subalternos da sociedade⁸ – até mesmo daqueles que são oriundos da pequena burguesia agrária – que, mesmo emigrando para grandes centros urbanos – tanto do Nordeste quanto do Sudeste – manteve seu traço e sua linguagem – bem cuidada – porém típicas do proletariado rural, seu conservadorismo e religiosidade, sua verve de cantador e sua saudade, quando distante de seu

⁸ Quando fazemos essa afirmação, estamos nos referindo aos consagrados poetas da fase áurea da LC e aos novos poetas que fazem parte do corpus da presente pesquisa, deixando de fora as manifestações dos chamados “cordel underground” ou “cyber-cordel” e outros que inundam o espaço virtual da internet de característica pequeno-burguesa urbana e universitária.

habitat. Um bom exemplo pode ser apreciado nos versos do pioneiro na publicação de folhetos de cordel, Leandro Gomes de Barros, que, nascido na Fazenda Melancia, em Pombal, Paraíba, termina seus dias vivendo no maior centro urbano do Nordeste. Porém, o Leandro urbano – que retratou com sua poesia aspectos relevantes da sociedade recifense do começo do século XX – nunca deixou de ser um nordestino do Teixeira, que nos mostra em “Saudades de um sertanejo” – poesia composta em sextilhas e “martelo puro”⁹ bem trabalhados – as paisagens, a gente e as festas do Agreste e Sertão do Nordeste que não lhe saem do pensamento:

As tardes lá são tão belas
E chamam tanta atenção,
Que embrandecem de momento
O mais duro coração –
Não pode cantar no mundo,
Quem nunca foi ao sertão!

Os meninos enlevados,
Em noites de glórias,
Os pais contam histórias
Dos séculos passados –
De príncipes encantados
E riqueza achada,
Fortuna dobrada
E reinos de outrora...
Até ver a hora
Que botem a coalhada

Lá a vida é descansada
De agosto para setembro:
Broca-se logo o roçado,
Toca-se fogo em novembro
E fica tudo esperando
A trovoada em dezembro.

Um bom exemplo do conservadorismo de Leandro – que não difere muito de seus sucessores – pode ser apreciado nessa poesia satírica, colhida por Severino Nunes de Farias, em que ele narra um encontro com o poeta Chagas Batista, que adere à moda do barbear completo trazido pelos ingleses, e raspa o bigode, não sendo reconhecido imediatamente por Leandro:

Batista viajava
De Vitória a Jaboatão,
Quando Chegou a Tapera,

⁹ Martelo puro é um estilo de poesia com estrofes de dez versos, seguindo a mesma ordem de rima da Décima. Diante abordaremos mais detalhadamente os gêneros de poesia popular.

Que saltou na estação,
Encontrou-se com Leandro,
Entraram em conversação:

Bom dia, senhor Leandro,
Como vai, como passou,
Leandro não conhecia,
Mas disse também bom dia,
De onde vem,
Quando chegou?

Para comprar cigarro
Tinha saltado do trem,
Disse ele: Não vou bem,
Conheces o meu ofício,
Já divulgo o precipício
E o desmantelo já vem.

Bom dia, colega amado,
Disse Leandro a Batista
E lhe apurando a vista,
Viu-lhe o bigode raspado,
Ficou muito admirado,
Com muito cuidado olhou
E tomando liberdade,
Disse: raspou de verdade,
Colega, quem desfeitou?
Disse-lhe Chagas: ninguém,
Raspei porque hoje é moda,
Eu que sou homem da roda,
Por isso raspei também,

Só não raspa quem não tem,
A moda é de quem quiser,
Pode usar ela quem quer,
Então Leandro lhe disse:
Homem sem barba é mulher,

Quando eu tinha doze anos
Não precisava de estojo,
Um cabra teve o arrojo
De me chamar de santinho,
Eu lhe disse: Você quer
Meter-se em couro de boi ?
Ele me disse: Perdoe,
Homem sem barba é mulher!¹⁰

Poderíamos citar centenas de exemplos de poesias cujo teor principal é a defesa da tradição rural, aliás, os “usos e costumes” são tão freqüentes na LC que figuram nas classificações temáticas de muitos estudiosos do cordel, como veremos abaixo.

¹⁰ LINHARES, Francisco; BATISTA, Otacílio. Gêneros de Poesia Popular. *Jornal da Poesia*, Disponível em: <http://www.secrel.com.br/poesia> . p.2.

O poeta popular, devido às suas origens proletárias, sempre teve de exercer uma outra atividade para garantir a subsistência, como destaca Proença (1986, p. 30):

[...] não podendo viver exclusivamente de sua produção poética, trabalha em qualquer atividade, mas vive mesmo, é para sua poesia, para o respeito e carinhoso tratamento que recebe dos ouvintes durante a propaganda, e dos leitores que adquirem o folheto.

É na feira, recitando seus versos, ou de outrem, que o poeta recebe o reconhecimento da comunidade dos destituídos dos meios de produção, como ele próprio: um homem do campo, pequeno agricultor, feirante, mascate, semi-alfabetizado, mas portador de um saber que ultrapassa seu grau de escolaridade¹¹ e suas leituras¹². Isso o leva a construir uma tela verbal de imagens riquíssimas e articulações psicossociais, de sua terra – o Sertão e Agreste nordestino, esquecido pelas autoridades oficiais, padecendo sob a indústria da seca e a incompetência de administradores corruptos. Também da alma de sua gente – o camponês humilde, o coronel, o cangaceiro, os órfãos, os animais, as sogras, as moças namoradeiras, os meninos espertos, e tantas outras personagens de seu convívio imediato. Assim como do espírito de seu povo, em que aparece a ideologia, em sua maioria conservadora e reacionária, impregnada pelo catolicismo romano e por uma esperança messiânica que criou mitos políticos, como Getúlio e Juscelino, e mitos religiosos, como Antonio Conselheiro, o Pe. Cícero e Frei Damião.

Manuel Monteiro, poeta nascido na Serra Negra e criado no Sítio Torrões, agreste de Pernambuco é um excelente exemplo do percurso tomado pela maioria dos poetas populares, cujo interesse pelo cordel e pela carreira de poeta foi semelhante a de tantos outros poetas espalhados pelo interior do Nordeste:

Quando jovem fui leitor de cordel para muitos analfabetos que reuniam a família para que eu lesse o folheto; após a audiência ele era cuidadosamente guardado pelo dono. Já vi folheto meu de quase 50 anos novinho, conservado, as pessoas tinham muito cuidado com os folhetos.¹³

Depois de tanto recitar poesia, ele se aventura a compor as suas, até porque “escrever é melhor que trabalhar no roçado”. No começo “quis ser repentista, mas não deu certo: não

¹¹ A maioria dos autores de cordel não chegou a concluir a 4ª série do antigo curso primário, e muitos eram analfabetos (SLATER, 1984). Ver também nota de rodapé da página 16.

¹² As leituras dos poetas incluíam obrigatoriamente: a Bíblia, o Lunário Perpétuo, histórias de santos católicos, jornais, os romances de cavalaria e clássicos da literatura brasileira e universal, mas a tradição oral das histórias contadas nos terreiros dos tempos de infância, muito influenciou na formação intelectual do poeta.

¹³ Entrevista concedida ao autor em março de 2007 em seu escritório-cordelaria em Campina Grande. No capítulo dois fornecemos mais informações sobre a vida do poeta e analisamos uma de suas composições.

posso ouvido e a voz é fraca, além de não ser rápido para o repente”, e assim nasceu um grande poeta de bancada, o arauto do “Novo Cordel”¹⁴, considerado pelos seus pares como um dos maiores poetas de nosso cordel. Para ele, uma de suas missões, enquanto poeta, é “acabar com a visão exótica do cordel como literatura menor – por não gozar do tipo de reconhecimento concedido a literatura “erudita” – ou livreto que ninguém lê. Lê sim, e vende muito, além de ter uma grande importância para a educação em sala de aula”. Atualmente residindo em Campina Grande, Monteiro vem desenvolvendo projetos educacionais e de multimídia, sempre em defesa do legítimo e autêntico cordel, que corria o perigo de descaracterização – tanto em relação à sua linguagem quanto aos seus objetivos – virando artigo para turista.

O poeta cria sua obra em sintonia com seu universo psicossocial, suas personagens são aquelas que compartilham o mesmo e árido chão e, mesmo quando ele adapta um romance tradicional, seus reis, rainhas, príncipes e princesas são reflexos do povo do qual o poeta é parte e porta-voz. A importância da Literatura de Cordel nordestina levou o pesquisador pernambucano Gilberto Freyre a fazer a seguinte constatação:

É curioso que o mais doutorado por Sorbonnes, Columbias, Munsters e Sussex, dos brasileiros de hoje, seja o que menos ostenta seus títulos doutoralmente ou magistralmente acadêmicos. E mais: pertença ao número dos que pensam, sentem, escrevem, de ouvidos atentos ao que lhe vem dos seus compatriotas rústicos e até analfabetos, através da chamada Literatura de Cordel. (FREIRE, 1983, p. 17).

Como foi lembrado por Gilberto Freyre na citação acima, nosso poeta popular semi-alfabetizado é doutor: mas no exterior. Pois os governantes brasileiros e a maioria dos estudiosos de literatura nunca levaram a sério as manifestações folclóricas e populares – até 1958, com a criação da Campanha Nacional para a Defesa do Folclore. Autoridades e eruditos da época preferiram importar uma maneira de vestir, falar, cantar, escrever, pensar etc, que atesta uma identificação com o agressor, um desejo de ser como o colonizador – português, inglês, holandês, francês ou estadunidense. Antonio Houaiss, em entrevista concedida a Slater, aponta essa característica tão brasileira de supervalorizar o que vem de fora do país e destaca a importância do cordel, “exatamente por mostrar que temos artistas nativos que

¹⁴ Após desfrutar o seu apogeu nas primeiras cinco décadas do século passado, tanto com relação à aceitação popular quanto em termos de comercialização e lucros, a LC foi pouco a pouco perdendo espaço, e transformando-se cada vez mais em produto exótico. Isso teve repercussão direta na criação textual, pois, para ser “exótica” ela precisou se fundir à “poesia matuta”, perdendo sua mais destacada característica que é o cuidado com a linguagem, então os folhetos passaram a ser inundados com expressões tais como: inté, cumpade, seu doto, prumode etc. O “novo cordel” representa uma volta às verdadeiras raízes da LC em termos de criação textual, forma e conteúdo.

escaparam a essa mania de destruir nossos próprios valores a fim de sair procurando outros novos em alguma outra parte”. Não fosse o esforço dos pioneiros – Celso de Magalhães (1973), José de Alencar (1962), Sílvio Romero (1977), Câmara Cascudo (1939), Mário de Andrade (1963) e Leonardo Mota (1962) – muito material relevante para a compreensão da cultura brasileira e nordestina teria desaparecido, tanto que a LC serviu de base para estudos em diversas áreas das ciências humanas: antropologia, crítica literária, sociologia, lingüística e psicologia que buscaram no cordel uma fonte fidedigna para a compreensão do humano, em conexão com as respectivas áreas de interesse científico.

1.1.3 As Classificações temáticas, os gêneros e estilos

Pela abrangência dos temas que figuram na poesia de cordel, várias classificações temáticas foram propostas, visando facilitar a abordagem do cordel. Foram tantas as classificações que seria desgastante enumerá-las uma a uma, portanto, passaremos a examinar aquelas mais representativas, durante um período, no estudo da poesia popular.

Orígenes Lessa criou uma classificação, dividindo a poesia popular em sete ciclos temáticos: 1. o heróico (obras épicas, cangaço), 2. o histórico (grandes nomes da história do Brasil, a seca e os retirantes), 3. o maravilhoso (seres fantásticos, acontecimentos mágicos), 4. o religioso e moral (histórias bíblicas, de santos e milagres; usos e costumes), 5. o de amor e fidelidade (historias românticas com final feliz), 6. o cômico e satírico (sátira política, caricaturas de tipos), e 7. o circunstancial (acontecimentos recentes, fatos políticos). Já a classificação proposta por Ariano Suassuna leva em consideração a forma de apresentação do folheto (romances, pelejas, canções, abecês) e os ciclos – heróico, maravilhoso, religioso, picaresco, circunstancial, histórico e de amor – dentro de dois grupos de poesia: a tradicional e a de “acontecido”, podendo ser poesia improvisada ou de composição.

Uma das mais completas classificações temáticas foi apresentada por Proença (1986), sendo dez os temas por ele classificados: 1. Herói Humano (herói singular, herói casal, reportagem e política), 2. Herói Animal, 3. Herói Sobrenatural, 4. Herói Metamorfoseado, 5. Natureza (regiões e fenômenos), 6. Religião, 7. Ética (sátira social e econômica, exaltação e moralidade), 8. Pelejas, 9. Ciclos (Carlos Magno, Antonio Silvino, Pe. Cícero, Getúlio Vargas, Lampião, valentes, anti-heróis, Boi e Cavalos) e 10. Miscelânea (lírica, guerra e crônica).

De outro lado Batista (1982) nos oferece uma classificação dos temas que é uma síntese da classificação de Suassuna e Proença; ele distribui os assuntos em três grupos: 1. Temas Tradicionais (romances e novelas, contos maravilhosos, animais, anti-heróis, tradições religiosas); 2. Fatos circunstanciais ou acontecidos (manifestações da natureza, fatos sociais, vida urbana, crítica e sátira, elemento humano) e 3. Cantorias e Pelejas (desafios verbais reais ou imaginários).

Slater (1984) considera as classificações por esquema temático falhas, na medida em que dependem da subjetividade de quem as propõe. Apoiado nisso, ela apresenta um tipo de classificação baseada numa abordagem estrutural, centrada em seis passos – presentes na maioria dos folhetos de cordel: 1. pacto, 2. prova, 3. reação, 4. contra-resposta, 5. julgamento e 6. reafirmação do pacto – e num pacto recíproco entre dois participantes. Tal classificação oferece mais desvantagens que a classificação tradicional, já que nem todo cordel pode ser incluído no modelo dos seis passos, o que não ocorre com a abordagem temática, que permite a inclusão de um cordel em mais de uma categoria.

Outros pesquisadores se aventuraram nesse espinhoso caminho da classificação temática, omitiremos suas propostas, não por uma questão de importância, mas para não prolongar uma discussão em terreno tão movediço. Fica, portanto, o registro de nomes como: Leonardo Mota (1962), Câmara Cascudo (1984), Manuel Diégues Jr. (1977), Alceu Maynard, Roberto Benjamim (1980), Carlos Alberto Azevedo, Hernâni Donato, Raymond Cantel e Liedo Maranhão de Souza. Pesquisadores da LC, como Eduardo Diatahy B. de Menezes (2000), advertem para o perigo das classificações temáticas devido à fluidez e ao tamanho da produção da poesia de cordel brasileira e cita como exemplo a dificuldade encontrada pela historiadora francesa Geneviève Bollème:

Ora, se - conforme termina afirmando a historiadora - esse tipo de classificação é praticamente impossível no caso dessa literatura constituída por um corpus mais ou menos fixo e cuja produção estancou historicamente há mais de um século, que dizer então de nossa Literatura de Cordel, que mantém ainda certo alento e transformação pelo menos nalguns poucos focos criativos?¹⁵

Uma posição radicalmente contrária às tentativas de classificação temática é a defendida pelo pesquisador holandês naturalizado brasileiro Luyten (2005, p. 46), que afirma com propriedade que:

¹⁵ MENEZES, Eduardo Diatahy B. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. *Jornal da Poesia*. Disponível em: <http://www.secrel.com.br/poesia>.

Muitos estudiosos da literatura popular já se preocuparam com o assunto. Houve até livro escrito a respeito, com inúmeras divisões e exemplificações. Na realidade, isso é absurdo. Seria a mesma coisa que dividirmos a literatura brasileira em heróica, obscena, de banditismo, religiosidade e temas medievais. E os autores, onde é que ficam?¹⁶

Apesar da pertinência da assertiva acima, acreditamos que as classificações temáticas oferecem uma grande praticidade para o pesquisador, sem que com isto a identidade autoral seja diluída. Eis porque, nos aventuramos também a propor uma classificação temática baseada em cinco ciclos que podem surgir em qualquer formato (romances, peijas, abecês ou cantoria): 1. heróico: engloba todo tipo de herói, seja humano, animal, casal apaixonado etc.; 2. místico-religioso: envolve tudo que se relaciona ao sobrenatural, à fé, crenças e devoções; 3. histórico-jornalístico: abrange todo fato histórico passado ou presente, “causos” e “acontecidos”; 4. humorístico: marcado, sobretudo pela comicidade, que tem como principal objetivo provocar o riso; 5. ético-exemplar: procuram passar ensinamentos, ou criticar usos e costumes transmitindo ao público leitor-ouvinte valores morais.

A versatilidade da LC aparece também na diversidade de estilos, nos gêneros poéticos. Se fizermos uma contagem dos gêneros utilizados pela poesia popular, incluindo aqueles que caíram em desuso, encontraremos trinta e seis modalidades, que atestam a criatividade do poeta de cordel. De acordo com Linhares e Batista¹⁷:

[...] até a época da famosa peleja de Francisco Romano Caluete com Inácio da Catingueira, o estilo preferido pelos Cantadores era a Quadra. Após isso, apareceu a Sextilha, pertencente à família dos setessílabos, modalidade essa usada, não só nos grandes debates, mas, também, na abertura de qualquer programa de viola.

A sextilha se impôs como espécie preferida pelos autores de cordel e suas origens provém da Oitava de Ariosto, tendo sido introduzida em Portugal no século XVI. Trata-se de uma estrofe – chamada de verso pelos poetas e cantadores, e o verso era chamado de linha ou pé – com rimas deslocadas – rima-se as linhas pares entre si – de seis versos de sete sílabas, como podemos apreciar na obra criada por Leandro Gomes de Barros, intitulada “Peleja entre Manoel Riachão e o Diabo”:

Eu necessito saber
Onde é seu natural,
Porque não sei se o senhor
Tem nascimento legal,

¹⁶ LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005, p.46.

¹⁷ LINHARES, Francisco; BATISTA, Otacílio. Gêneros de poesia popular. *Jornal da Poesia*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/poesia>>.

De qual nação é que vem,
Se procede bem ou mal.

A espécie conhecida por Sete Pés foi uma adaptação feita à sextilha pelo cantador alagoano Manoel Leopoldino de Mendonça, em que os versos pares rimam até o quarto, o quinto rima com o sexto, e o sétimo com o segundo e o quarto, como se pode ver nessa bela estrofe da peleja entre o já idoso José Duda do Zumbi e o jovem José Miguel:

Fui moço, hoje estou velho!
Pois o tempo tudo muda!
Já fui um dos cantadores
Chamado Deus nos acuda...
Este que estão vendo aqui
Foi Zé Duda do Zumbi!
Hoje Zumbi do Zé Duda!¹⁸

Uma variante dos Sete Pés é a forma mais utilizada de Moirão nos dias de hoje, na qual os cantadores se revezam na mesma estrofe de sete linhas, “cabendo ao iniciante, a formação de cinco versos, isto é, os dois primeiros e os três finais, enquanto a cargo do segundo cantador ficam os versos de ordem três e quatro”¹⁹. É o Moirão de Sete Pés²⁰, como nesse duelo verbal, entre os cantadores pernambucanos Agostinho Lopes dos Santos e José Bernardino de Oliveira:

ALS. Não vá você achar ruim
Este Mourão a doer!
JBO. Eu acredito, Agostinho
Naquilo que posso ver!
ALS. Companheiro, não se gabe
Que a pessoa que não sabe,
Agrava a Deus sem querer!²¹

Por ser muito utilizada nas cantorias, em que se pede que o cantador improvise sobre uma sentença de um ou dois versos (mote), a Décima – composição de dez versos setessilábicos – também caiu nas graças do poeta de cordel. “A Batalha de Oliveiros com Ferrabraz”, de Leandro Gomes de Barros, é um bom exemplo desse tipo de construção:

O turco disse: Christão
Serás um dos cavalleiros?
Serás tu o Oliveiros
Que de Borgonha ou Roldão?
O almirante Balão

¹⁸ Op.cit. p.26

¹⁹ Op.cit. p.26

²⁰ São seis os tipos de Moirões na poesia popular: em Quintilhas, em Sextilhas, o Trocado, o Que Você Cai e o Voltado, interessa-nos aquele que com mais frequência aparece na LC, o de Sete Pés.

²¹ LINHARES, Francisco; BATISTA, Otacílio. Gêneros de poesia popular *Jornal da Poesia*, <http://www.secrel.com.br/poesia>.

Deseja um desses pegar
 Para mandal-o queimar
 A elles e ao teu senhor
 Esse teu imperador
 De quem hei de me vingar.

Uma variante da Décima, criada pelo violeiro paraibano Silvino Pirauá Lima, é o Martelo Agalopado (estrofe de dez versos em decassílabos), adaptação nordestina do Martelo Cruzado, cujo nome deriva de seu criador, o professor de literatura da Universidade de Bolonha, Jaime de Martelo, no século XVII. Vejamos essa estrofe do poeta Lira Flores, citado por Suassuna:

Quando as tripas da terra mal se agitam,
 E os metais derretidos se confundem,
 E os escuros diamantes que se fundem,
 Da cratera ao ar se precipitam.
 As vulcânicas ondas que vomitam
 Grossas bagas de ferro incendiado,
 Em redor, deixam tudo sepultado
 Só com o som da viola que me ajuda,
 Treme o sol, treme a terra, o tempo muda
 Eu cantando Martelo agalopado.²²

Outra espécie derivada da Décima é o Galope à Beira-Mar. É semelhante ao Martelo por seus versos compridos, porém guarda duas características distintivas: os versos são de onze sílabas e sempre terminam com um estribilho cuja palavra final é ‘mar’. Mais uma variação da Décima – com versos de quatro ou cinco sílabas – recorrente na LC, é a Parcela, utilizada por Leandro de forma intercalada, com sextilhas em “Suspiros de um sertanejo”:

O touro, se vê,
 No sol muito quente –
 Vaqueiro na frente
 Não deixa-o correr.
 Pega a arremeter,
 Fazendo explosão;
 Fazendo menção,
 Espirra ligeiro,
 Porém o vaqueiro
 Estende-o no chão.

Entre as espécies da poesia popular que são mais usadas pelos Cantadores e Repentistas, encontramos: o Martelo Alagoano, os Quadrões, o Gabinete, a Toada Alagoana, a Meia Quadra, a Gemedeira e a Ligeira.

²² Op.cit. p. 27.

1.1.4 A Apresentação gráfica e a produção do livreto de cordel

O folheto de cordel mantém, desde seus primórdios, o mesmo formato (16 cm X 11 cm)²³, a mesma apresentação gráfica (ilustração na capa, propaganda da editora na quarta capa e a poesia distribuída em três, quatro ou cinco estrofes por página) e, geralmente, o mesmo número de páginas (oito, dezesseis, vinte e quatro e trinta e dois para as histórias menores, e entre quarenta e sessenta e quatro para as narrativas maiores). Tal formato reduzido explica-se pela comodidade, levá-lo sempre no bolso facilita a leitura e/ou declamação em qualquer lugar, e auxilia a memorização. No entanto, essa prática foi cruel com os pesquisadores, pois muitos folhetos da primeira safra – principalmente de Leandro Gomes de Barros – desapareceram no constante manuseio de seu público. A qualidade do papel dos folhetos de cordel varia de acordo com o poder aquisitivo do poeta, vai do “papel jornal” ao “papel ofício”, e como todo poeta sempre ansiou por ter sua própria editora, geralmente seus trabalhos seguem uma linha evolutiva de melhoria de qualidade, à medida que vai ganhando mais dinheiro, pois ser o dono da tipografia era garantia de maiores lucros, já que, além de editar as próprias poesias, podia colocar a gráfica a serviço de outros poetas, fazendo com que ele pudesse usar papel de melhor qualidade.

Um aspecto gráfico de suma importância para a LC é a xilogravura. Essa técnica de impressão – que significa literalmente “gravura em madeira” e cuja origem se perde na Antigüidade – representa um importante ponto de interseção entre a arte visual e a poesia, além de desempenhar um papel primordial no sucesso financeiro alcançado pelo livreto. A madeira utilizada pelos xilogravadores é a “umburana” que, como nos indica Gilmar de Carvalho (1999, p. 38), “torna-se então o suporte destes signos que têm um caráter icônico, figurativo. E, nesse instante, ela supera sua condição de pura madeira para ser a matriz de um mundo de sonhos”. Condensa, sob a forma “visual”, a história do poema e põe em imagem o cerne principal da obra, fazendo a palavra dialogar com a imagem, promovendo uma outra leitura, caracteristicamente fluida, ou como nos esclarece Nunes (1996, p. 61): “as linguagens visuais, mesmo as que incorporam as linguagens verbais, são regidas por outra sintaxe muito mais flexível do que as regras de combinação dos sistemas verbais”, e é isso que se percebe quando se contempla a capa de um livreto de Cordel. As gravuras das capas traduzem de forma sintética o eixo da história escrita para o reino das imagens, tradução intersemiótica, em que elementos de uma dada linguagem são transpostos para uma outra. É certo que houve –

²³ Atualmente, a Editora Luzeiro Ltda. edita os folhetos no tamanho 18 cm X 14 cm.

até a década de 1930, as capas eram ilustradas em sua maioria por vinhetas, arabescos, clichês de cartão postal, desenhos e fotografias de astros de cinema – e ainda há capas que possuem outro tipo de impressão gráfica, mas é a xilogravura que melhor representa a “alma” do cordel com seu traçado característico. Ela retrata as personagens, as paisagens, as cenas marcantes do romance com uma fidelidade impressionante, centrada também num processo de identificação, que une o poeta, o artista gráfico e o público²⁴.

Segundo Slater (1984), produzir um livreto de cordel abrange três etapas principais: escrever, imprimir e distribuir, tarefa feita na maioria das vezes por um único homem que escreve antenado ao seu tempo e sua história, buscando temas que agradem ao seu público e lhe garantam um bom lucro²⁵; que imprime inicialmente na gráfica de outrem até poder montar a sua própria editora, sonho de todo poeta²⁶; e que distribui aos revendedores e, pessoalmente, nas feiras, mantendo o vital contato com seu público. O trajeto seguido pela maioria dos poetas entre o escrever e o distribuir não é tão fácil e rápido quanto gostariam. Antes de escrever seus poemas, boa parte dos poetas começou como ambulante, recitando e vendendo cordéis de outrem nas feiras. Após a escritura, segue-se uma peregrinação em busca de uma editora, onde ele pode encomendar uma tiragem, pagando do próprio bolso, ou vender a poesia para algum proprietário com aspirações a poeta. Por fim, a distribuição, momento de encontro do poeta com seu público e com os vendedores ambulantes, talvez poetas no futuro.

Nas feiras do Agreste e Sertão nordestinos é resgatado o caráter de oralidade da LC, o poeta – ou o vendedor – declama seus versos para uma platéia numerosa e atenta que, desejando ter consigo a história, espera a pausa do poeta para comprar não só um folheto, mas outros também anunciados, ou ainda a continuação, o capítulo seguinte de uma história em série. Como as feiras do interior do Nordeste mantinham uma alternância de dias,²⁷ sempre havia trabalho, o poeta passava a semana inteira viajando, de feira em feira, retirando o sustento de sua família. Depois de algum tempo, poderia fixar ponto num grande mercado – substituído atualmente pelas feiras de artesanato – e entregar sua obra para revendedores e distribuidores

²⁴ Alguns poetas faziam suas próprias xilogravuras, ou mesmo sobrevivendo graças a essa atividade, fazendo a capa do folheto de outros, como o poeta Dila Soares, José Francisco Borges e José Costa Leite, os dois primeiros ainda hoje exercem essa atividade.

²⁵ Leandro costumava prender seu público com histórias incompletas que continuariam no próximo folheto, como por exemplo no poema “A Órphã” ou “Batalha de Oliveiros com Ferrabraz” de 1913 (ver Literatura popular em verso: antologia, de Cavalcanti Proença).

²⁶ É muito significativo esse depoimento do poeta José Francisco Borges dado a Slater, refletindo o sonho de todos os poetas: “Eu teria antes comprado uma delas (referindo-se a uma prensa) em vez de uma casa; teria vendido a camisa do corpo para imprimir minhas próprias estórias”.

²⁷ Por exemplo: aos sábados era a feira de Caruaru, no domingo a de Agrestina, na segunda a de Santa Cruz do Capibaribe etc.

em todos os grandes centros do Nordeste. Mas, até chegar a esse patamar, são muitos anos de estrada e poesia, poucos conseguem sobreviver exclusivamente de sua arte, ou, como observou Slater (1984, p. 29):

A maioria dos poetas pena para pagar as contas no fim do mês. Alguns, confessadamente, têm sido mais bem sucedidos que outros. João Martins de Ataíde, por exemplo, pôde comprar uma série de casas no centro de Recife com os lucros da venda de seus folhetos. João José da Silva despachava, em certa época, por via aérea, sua mercadoria poética para grandes cidades. Não obstante, mesmo os poetas de maior sucesso nunca foram especialmente abastados. Assim, embora José Bernardo da Silva tenha se tornado um dos maiores impressores de folhetos do Nordeste, com agentes de Belém até Maceió, a esposa dele, Ana, continuou a abrir as páginas dos livretos com tesoura, durante quase vinte anos, até quando ele, afinal, comprou uma guilhotina.

Leandro Gomes de Barros foi um, dentre essa minoria, que pôde viver exclusivamente de sua poesia. O amor à poesia o transformou não só no pioneiro que foi – ao criar o cordel brasileiro, humildemente chamado por ele de “estórias rimadas” – mas no melhor poeta popular do Brasil. Sua obra, contada em milhares, é a revelação de um mundo imaginário, que, simbolizado, dá em arte. A versatilidade temática que transitou por todos os estilos torna-o inigualável. Ele tanto podia escrever os épicos clássicos do cangaço e das histórias de cavalaria, quanto às cômicas desventuras de um namorado “mofino”. Escrevia tanto em quadras como em sextilhas ou décimas. Leandro não precisava forçar seus versos a rimar, inventar palavras, criar neologismos, para a poesia se encaixar no padrão. Homem de leitura, mesclava um vocabulário popular com um erudito, porém compreensivo para o povo e, quando não, ele explicava nos versos seguintes o significado do termo. A criatividade de Leandro ainda não foi superada. É claro que, depois dele, surgiram excelentes poetas, mas sua forma de jogar com as palavras em rimas metrificadas, narrando uma história, não encontrou ainda quem o superasse. Aprecie essa sextilha do poema “Antonio Silvino no jury: Debate de seu advogado”²⁸:

Por exemplo uma hypothése:
 Pedro disse que fulano
 Lhe disse, que lhe disseram
 Que Paulo matou beltrano
 Nesse processo de Paulo
 Não pode dar-se um engano?

O poeta alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, considerado pelo escritor Jorge Amado com o ‘Rei do Cordel’, em depoimento dado ao jornal campinense *Correio Popular* em

²⁸FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Literatura Popular em Verso*. Tomo II. Rio de Janeiro, 1962. p.85.

agosto de 1982²⁹, apresenta uma verdadeira “teoria poética” para a composição de folhetos, intitulada “Como fazer versos”:

Não adianta escrever poemas, trovas ou estrofes que não sejam em sextilhas, setilhas, décimas, setessilábicas ou em decassílabos, e vir dizer que é Literatura de Cordel.

Quando os versos são compostos em forma de narrativa, tem de ser em sextilhas [...] E, assim o poeta vai continuando a sua narração até completar 8, 16 ou mesmo 32 páginas – as mais usadas. Pode, porém, estender-se até 64 páginas. Em cada página cabem cinco estrofes (sendo em sextilhas [...]). Na primeira, apenas quatro – para que o título da História, do Folheto ou do Romance fique mais destacado, bem como o nome do autor. [...].

Os trovadores cordelistas escrevem em décimas quando se trata de mote. Exemplo: certa vez ouvi um matuto aconselhando a outro dizendo “Quem ama mulher casada não tem a vida segura”. E depois dizia para o companheiro a causa de sua afirmativa. Gostei do mote e meia hora depois começava a escrever o meu folheto. [...] Uma hora depois havia escrito 24 estrofes em décimas e o livro já estava pronto para ser um sucesso. Sucesso, sim, pois mais de 300 mil exemplares foram vendidos. [...].

Não adianta o poeta querer mostrar eruditismo sem colocar as palavras difíceis em seus respectivos lugares. O Cordel sempre foi um veículo de aceitação nos meios rurais e nas camadas populares, porém precisa arte e técnica de quem escreve. Um folheto mal rimado e desmetrificado é um dinheiro perdido de quem empresa a sua edição.

1.2 Ideologia e Literatura de Cordel

1.2.1 Aspectos geopolíticos e etnia do Nordeste do Brasil

Para falar em ideologia é necessário fazer referência a um lugar e a uma cultura. No nosso caso, é a região Nordeste do Brasil que deve ser analisada, em seus aspectos geopolíticos e socioculturais, para que possamos compreender as construções ideológicas que animam o imaginário social de uma gente. O Nordeste³⁰ brasileiro é formado pelos Estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, ocupando área de 1.561.177,8 km², o que corresponde a 18,26% da área total do país. A maior parte de seu território é formada por extenso planalto, antigo e aplainado pela erosão. Em função das diferentes características físicas que apresenta, a região Nordeste encontra-se dividida em quatro sub-regiões: Zona da Mata, Agreste, Sertão e o Polígono das Secas. Contrastando com as características basicamente nordestinas, há uma faixa de transição entre o sertão semi-árido e a região amazônica denominada Meio-Norte, apresentando clima bem mais úmido e vegetação exuberante à medida que avança para o oeste. A vegetação natural

²⁹ ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.

³⁰ Todos os dados referentes a geopolítica da Região Nordeste foram obtidos na página eletrônica do IBGE.

dessa área é a mata dos cocais, onde se encontra a palmeira babaçu, da qual é extraído o óleo, utilizado na fabricação de cosméticos, margarinas, sabões e lubrificantes. A economia local é basicamente agrícola, predominando as plantações de cana-de-açúcar, de algodão, hortaliças em geral e arroz, nos vales úmidos do estado do Maranhão. Na década de 80, no entanto, teve início o processo de industrialização da área, com a instalação de indústrias que constituem extensões dos projetos minerais da Amazônia.

A Zona da Mata estende-se do Estado do Rio Grande do Norte ao sul da Bahia, numa faixa litorânea de 200 quilômetros de extensão. Seu clima é tropical úmido, com chuvas mais frequentes na época do outono e inverno, exceto no sul do Estado da Bahia, onde se distribuem uniformemente por todo o ano. O solo dessa área é fértil e a vegetação natural é a Mata Atlântica, já praticamente extinta e substituída por lavouras de cana-de-açúcar, desde o início da colonização do país. O Agreste é a área de transição entre a Zona da Mata, região úmida e cheia de brejos, e o sertão semi-árido, abrangendo 3% da área total do Nordeste. Nessa sub-região, os terrenos mais férteis são ocupados por minifúndios, onde predominam as culturas de subsistência e a pecuária leiteira.

O Sertão abrange 60% da superfície regional. É uma extensa área de clima semi-árido que atravessa todo o Nordeste, com exceção do Estado do Maranhão e, nos Estados do Rio Grande do Norte e Ceará, chega até o litoral. Os solos desta sub-região são secos, duros e pedregosos, as chuvas escassas e mal distribuídas, e as atividades agrícolas sofrem grande limitação. A vegetação típica do sertão é a caatinga, composta de pequenas árvores (aroeira, juazeiro etc), espinheiros, cactáceas (mandacaru, palma etc.) e bromeliáceas (macambira, caroá etc). Nas partes mais úmidas, existem bosques de palmeiras, especialmente a carnaubeira, também chamada "árvore da providência", por serem todas as suas partes aproveitadas. O Rio São Francisco é o maior rio da região e única fonte perene de água para as populações que habitam às suas margens. Nele, existem várias represas e usinas hidrelétricas, como a de Sobradinho, em Juazeiro, Estado da Bahia, a de Paulo Afonso, na divisa dos Estados da Bahia e Pernambuco, e a de Xingó no sertão alagoano e sergipano. Seus afluentes mais importantes na região sertaneja são os rios Pajeú e o riacho do Navio, imortalizados na música de Luiz Gonzaga³¹. A economia do sertão nordestino baseia-se na pecuária extensiva e no cultivo de algodão em latifúndios, com baixa produtividade. Acrescente-se também o descaso dos governantes, que nunca destinaram recursos para a

³¹ Luiz Gonzaga (1912-1989), cantor e compositor pernambucano conhecido nacionalmente como o "Rei do Baião", foi o maior representante da cultura nordestina na música popular brasileira.

resolução desses problemas, ao contrário, alimentaram por séculos uma política de interesses próprios, denunciada pelos poetas em seus cordéis.

A economia da região Nordeste baseia-se na agroindústria do açúcar e do cacau, monoculturas típicas do sistema colonial, que não sofreram grandes modificações e ainda hoje podem ser vista. O petróleo é explorado no litoral e na plataforma continental e processado na refinaria Landulfo Alves, em Salvador e no Pólo Petroquímico de Camaçari, também no Estado da Bahia. O setor de turismo, que tem demonstrado grande potencialidade de desenvolvimento na região Nordeste, vem crescendo consideravelmente nos últimos anos e apresenta perspectivas otimistas para o futuro. A população da região Nordeste (Censo 2000) é de 47.741.711 habitantes, o que representa 28,1% do total do país. Sua densidade demográfica é de 28,05 habitantes por km² e a maior parte da população se concentra na zona urbana (60,6%). As principais metrópoles regionais são as cidades de Recife, capital do Estado de Pernambuco, Salvador, capital do Estado da Bahia, e Fortaleza, capital do Estado do Ceará. Na sub-região do Agreste destacam-se as cidades de Caruaru, Campina Grande, Viçosa, etc. No Sertão, merecem destaque as cidades de Serra Talhada, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, Petrolina, Juazeiro do Norte, Pombal, etc., todas elas berços de grandes poetas.

Os primeiros habitantes da região foram as nações indígenas: Tupis (caetés) no litoral; os Jês, expulsos do litoral pelos tupis, espalham-se pela zona da mata, agreste e sertão; e os Cariris (xucurus, paratiós, pancararus, funiôs e garanhuns), no Sertão e Agreste. Com a chegada do colonizador branco, essas nações indígenas foram sendo empurradas para o oeste, fugindo do extermínio – quem não conseguiu fugir foi escravizado no tráfico de pau-brasil. Diante de tanta riqueza e da ameaça de invasão estrangeira, a Coroa Imperial portuguesa durante o reinado de D. João III – entre 1534 e 1536 – divide o país em catorze regiões administrativas chamadas de “capitanias hereditárias”, cabendo à região Nordeste as capitanias: do Maranhão, em dois lotes, com 50 léguas de costa o primeiro e 75 o segundo, sob a administração do navegador Aires da Costa e do Tesoureiro-Mor do Reino, Fernando Aires de Andrade; do Ceará, com 40 léguas de costa, foi doada ao fidalgo Fernando Álvares de Andrade; do Rio Grande, com 100 léguas de costa, foi doada a João de Barro, tesoureiro da casa da Índia; de Itamaracá, com 30 léguas, foi doada ao navegador Pero Lopes Santos; de Pernambuco, com 60 léguas, foi doada a Duarte Coelho, navegador e soldado da Ásia; a da Bahia de Todos os Santos, com 50 léguas de costa, foi doada a Francisco Pereira Coutinho, soldado da Índia; e a *Ilhéus*, com 50 léguas de costa, foi doada a Jorge Figueiredo Corrêa, Escrivão da Fazenda; e a

de Porto Seguro, com 50 léguas de costa, foi doada a Pero de Campos Tourinho, um navegante e rico proprietário. As capitanias mantiveram durante três séculos – até 1790 – o povo brasileiro sob o domínio absoluto do império português e do catolicismo romano, cuja influência no imaginário social dessa gente jamais pode ser descartada.

Como a mão-de-obra silvícola não se mostrava suficiente, os colonizadores foram buscar escravos na costa africana, para trabalhar não só no tráfico de madeira, mas na agricultura, na mineração e nos serviços domésticos. Dessas três raças – o índio, o branco (português, francês e holandês) e o negro (africano) – constituiu-se o homem nordestino, e, nessa terra de diversidade de clima e de cultura agrária, com seus latifúndios, nasceu a literatura de cordel brasileira, impregnada de elementos de cada cultura que lá se estabeleceu. No amálgama, transforma-se em algo novo, a cultura nordestina manifestada retoricamente no cordel, como nos lembra Melo (1983, p. 8)

[...] antes de tudo, essas modestas publicações do poeta popular revelam e condensam, na sua pureza, a expressão legítima de uma realidade social. Aí está palpitante o homem nordestino. O homem de ontem e de hoje. O homem histórico em sua plenitude, com seus problemas, lutas, sofrimentos, religiosidade, ideologia.

Essas três culturas, através de um processo de “hibridação”, legaram-nos uma forma particular de ver o mundo, de conduzir-se nele, de viver, de amar, de falar, de cantar, de se alimentar, de crer e de fazer poesia. Dos primeiros poetas cantadores até os poetas atuais, vemos a presença forte do mestiço – caboclo, cafuzo, mameluco – mesclando ensinamentos herdados da mistura das raças, trazendo em seus versos a essência de uma cultura diversificada, constituinte de um imaginário social, diferente e mais rico que os que lhe deram origem. Essa poesia narrativa popular – definição do cordel cunhada pelo pesquisador Raymond Cantel, da Poitiers – representa de forma completa a estrutura psicossocial que lhe serviu de base. Desta forma, suas crenças, costumes e usos, preconceitos, superstições, religiosidade surgem em cada estrofe, compondo uma poesia plural, com importante papel na cultura, pois, em seu conteúdo variado, encontramos mensagens formadoras de uma “consciência moral”, difundindo as idéias básicas de dois sistemas ideológicos: o Estado e a Igreja Católica Apostólica Romana. Com relação ao Estado, mesmo criticado algumas vezes – isso não se aplica ao chamado Novo Cordel – não tem sua estrutura fundamental atacada, não se questiona o coronelismo, o chauvinismo ou o falocentrismo, e até recentemente, a maioria dos poetas navegou nesses mares da complacência, pois um grande número deles compôs versos laudatórios para os ilustres governantes da Nação que, aliás, nunca concretizaram nenhum projeto para a “salvação do

Nordeste”. Já a ideologia do catolicismo romano encontra-se presente em quase todos os gêneros e estilos da LC, seja como conselhos aos jovens de cunho moralizante, seja nas coisas próprias da credence desse povo abandonado pelo Estado, que vê nos seus santos (Antonio Conselheiro, Pe. Cícero Romão e Frei Damião) e rezas, o conforto e a explicação para a sua miserável vida, ou mesmo nas batalhas de mouros e cristãos e até nos “cordéis jornalísticos”.

1.2.2 Dois exemplos da ideologia política e religiosa presentes na Literatura de Cordel (Leandro e Roxinô)

Um bom exemplo de fusão das ideologias políticas e religiosas pode ser encontrado na poesia “A Orphã”³², de Leandro Gomes de Barros. Nela, há o confronto entre a pobreza – Mathilde, a menina órfã de quatro anos de idade – e a riqueza, representada pela personagem ora chamada de Rico, ora chamada de Avarento, observando que essa disputa sempre foi muito comum na Literatura Universal. A pobre menina pede ajuda ao malvado Avarento, que lhe sugere o suicídio para que acabe o sofrimento da jovem e também para não ser mais importunado por ela. O ódio do Rico, a humilhação da pobre menina e sua consoante vitória traçam a trajetória dos versos de Leandro que, para prender a atenção do leitor e aumentar os rendimentos, escreveu esta obra em três capítulos. Leandro vai construindo a narrativa partindo dos infortúnios da raça humana nesse mundo inexplicável, em que a vida é “um fardo pesado”. Depois vem a apresentação de Mathilde, a própria imagem do sofrimento: o “ente mais desvalido”, teve por mãe a dor, pois, desde que sua mãe biológica morrera de fome, a menina vivia de esmolas e sempre a chorar, sem casa, comida, parentela e até roupa:

Pedia esmolas a noute
em mattos verdes envolvida,
coitada não tinha roupa,
De dia estava escondida,
Buscando fructas no bosque
Para remissão da vida.

Nos versos acima, observamos a preocupação do poeta de, além de representar as agruras da criança, procurar exaltar a moralidade da menina órfã que, por não ter roupa, só saía à noite, mostrando qualidades que a promovem à categoria de heroína, pois mesmo sendo tão pequena, era já virtuosa e pudica. Em seguida, Leandro passa a narrar o encontro entre Mathilde e o Avarento:

³² BARROS, Leandro Gomes de. A Orphã. In: *Literatura popular em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976-1980. 3v. il.

Uma noute ella julgou,
 Que morria resfriada,
 Foi ter à porta de um rico
 Pedindo-lhe uma pousada,
 Esse lhe disse: - se enforque
 Que já fica descansada.

Nesse ponto, Mathilde responde ao Rico que não se matará pois, se está viva até então é porque essa é a vontade de Deus, e que se Ele quiser pode matar “até vossa excelência” na mesma hora. Essa resposta desagradou o Avarento que, enfurecido, decide matar Mathilde, oferecendo-lhe hospedagem na casa do seu cachorro, chamado Crocodilo, na esperança que a devore, lamentando o fato de ela ser ainda tão pequena, pois não sobraria nada para o almoço do cão no dia seguinte:

O monstro disse sorrindo:
 Hoje hás de me pagar,
 O cachorro crocodilo
 Hoje tem o que ceiar,
 Se não fosse tão pequena
 Ficava o que elle almoçar.

Mas qual não foi a surpresa do rico, ao ver a falência de seu plano: o cão cuida da órfã “como se fosse um cristão”, dividindo com ela sua comida, vigiando para que nada de mal lhe aconteça, e abandona – depois de um certo suspense – a casa do rico para viver no bosque com Mathilde.

O avarento com isso
 Ficou muito incomodado,
 Pensou: será algum anjo
 Em creança transformado,
 Ou será algum demônio
 Que teria se soltado!

Depois consultando a si,
 Achou que era illusão,
 Despedio o empregado,
 Quis mandar matar o cão...
 Disse a creança: retire-se
 Não deixe rastros no chão.

O rico se indaga sobre a natureza de Mathilde, sobre quais poderes teria essa menina. Seria anjo ou demônio? Começam então as reflexões de cunho teológico – já presentes no início do poema, porém intensificados nas estrofes de vinte e dois a trinta e três, culminando no sonho do rico em que há uma analogia com a Epístola de Tiago e a Parábola do mendigo Lázaro, narrada no Evangelho segundo Lucas 16.21 (ver adiante nota de rodapé 37), tantas vezes escutada – pelo poeta e pelo povo – nos sermões do vigário, e tantas vezes utilizada para

justificar o sofrimento do povo pobre e conformá-lo à sua situação, como se essa fosse a vontade de Deus. Mas o poeta denuncia a injustiça social nos últimos versos:

Mathilde em pranto exclamava:
 Ah! Deus! O que é que eu faço?
 Perdida nessa montanha
 Tão pequena? Como passo?
 Tanto pão que botam fora
 Mas não me dão um pedaço.

Para em seguida – estrofes de trinta e um a trinta e cinco – fazer recordar o castigo que espera o rico avarento, baseado nos versos da Bíblia encontrados na Carta de Tiago à comunidade cristã de origem judaica que estava espalhada pelo mundo greco-romano, no primeiro século da era cristã:

O avarento dormindo
 Sonhou que tinha morrido
 Ia a uma gruta escura
 Ouvia um grande gemido
 Via o pai delle em um cárcere
 Todo queimado e ferido.

O pai lhe disse por sonho:
 Vê como estou desgraçado?
 Eu fui como és hoje
 Rico, avarento, malvado
 No mundo eu só via o ouro
 Por isso fui condemnado.

Habito aqui nesta cóva
 Onde só consta o terror
 Onde estas chammass contínuas
 Augmentam sempre o calor
 Não espero ver mais nunca
 A voz do meu criador.

Em sua Epístola, Tiago³³ (5,1-6.) dá um aviso àqueles que se preocupam em acumular bens materiais, à custa da exploração do camponês:

Agora, ricos, escutem! Chorem e gritem pelas desgraças que vocês vão sofrer! ²As suas riquezas estão podres, e as suas roupas finas estão comidas pelas traças.³ O seu ouro e a sua prata estão cobertos de ferrugem, que será uma testemunha contra vocês e, como fogo, comerá os seus corpos. Nestes últimos tempos vocês amontoaram riquezas ⁴ e não têm pago os salários dos homens que trabalham nos seus campos. Escutem as reclamações deles! Os gritos dos que trabalham nas colheitas chegaram até os ouvidos de Deus, o Senhor Todo-Poderoso.

³³ Todas as referências bíblicas nesta seção estão na versão da Bíblia na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Segue o mesmo raciocínio dos evangelistas, ao narrar as palavras de Jesus Cristo em relação aos donos dos meios de produção, como se pode ler em Marcos 10, 25: “É mais difícil o rico entrar no Reino de Deus do que um camelo passar pelo fundo de uma agulha”. O curioso é que a Igreja de Roma nunca pregou os reais aspectos libertários do Cristianismo – conferir o verso 4 da carta de Tiago – por estar, desde sua criação, sempre associada ao Estado, logo, ao poder. Daí a omissão de trechos das escrituras nos sermões e a proibição da leitura da Bíblia pelo povo, dessa forma, a manipulação das mentes fica completa. O poeta viveu – e vive – sob esse domínio da ideologia católica romana no Nordeste brasileiro, e bebeu dessa fonte para construir sua poesia. Como homem instruído, levava seu público a pensar também nas questões sociais, na fartura de alguns e na penúria de muitos.

No sonho do avaro, o paralelismo é triplo: a parábola do rico e do mendigo Lázaro, encontrada no Evangelho segundo Lucas³⁴ (16, 19-31); a Epístola de Tiago (1, 11 e 5, 1); e a primeira Carta de Paulo a Timóteo (6, 9 e 6, 17). As narrativas bíblicas se encaixam perfeitamente ao pensamento expresso nos versos do poeta: o castigo do rico servindo como exemplo para o conformismo popular – já que a Igreja Católica realiza uma leitura fundamentalista dos textos que servem à manutenção do “status quo”, isolando-o de seu contexto histórico. Em 1Tm 6, 9-10, lemos:

⁹Porém os que querem ficar ricos caem em tentação e na armadilha de muitos desejos tolos e maus, que levam as pessoas para a desgraça e a destruição. ¹⁰Porque o amor ao dinheiro é a fonte de todos os males. E alguns, por quererem tanto o dinheiro, se desviaram da fé e encheram a sua vida de sofrimentos.

Afastada de seu contexto histórico e omitida ou desconsiderada a parte final do versículo, a citação ajusta-se com perfeição para gerar no fiel a acomodação ao sistema político dominante, o mesmo acontecendo com Tg 1,11: “Quando o sol brilha, e o seu calor queima a planta, então a flor cai, e a sua beleza é destruída. Assim, também, o rico será destruído no meio dos seus negócios”, e com o aviso dado em 1Tm 6,17:

³⁴ Esta parábola narra a história de Lázaro, um mendigo que se alimentava das migalhas que caíam da mesa do rico. O mendigo morre e vai para o céu, para junto do patriarca Abraão; o rico também morre e vai para o “Sheol” ou “mundo dos mortos”, de onde pode ver ao longe Lázaro e Abraão caminhando juntos, então lhes pede ajuda – que Lázaro molhe o dedo e toque em sua boca – pois se encontra sedento e não mais suportando a intensidade do calor, no que é prontamente repreendido por Abraão: “lembre-se de que você recebeu na sua vida todas as coisas boas, porém Lázaro só recebeu o que era mau. E agora ele está aqui gozando tudo isto, enquanto você está sofrendo”. O rico insiste em que ele mande Lázaro avisar aos familiares para agirem diferente e não serem também condenados, Abraão responde que bastava seguir a Lei e os Profetas e não seriam condenados ao fogo; o rico propõe que se ele ressuscitasse e avisasse aos irmãos eles creriam e se arrependeriam dos seus pecados, ao que o patriarca contesta: “Se eles não ouvirem Moisés e os profetas não crerão, mesmo que alguém ressuscite”, e termina a história.

Aos que tem riquezas neste mundo mande que não sejam orgulhosos, nem ponham a sua esperança nessas riquezas, porque elas não dão segurança nenhuma. Que eles ponham sua esperança em Deus, que nos dá todas as coisas em grande quantidade, para o nosso prazer.

Na segunda parte do poema (estrofes de cinquenta e um a setenta e um), a narrativa se prende em detalhar a sucessão de desgraças que aconteceram ao rico – divórcio, doença, falência das indústrias e fazendas e perda completa dos bens, até chegar a viver como Mathilde, no bosque, alimentando-se de frutas para fugir da mendicância, castigo já anunciado pelo escritor bíblico, tomando forma nos versos do poeta:

Perdeu a questão da terra
Os navios afundaram
As casas é como se sabe
Em praça se arremataram
Onde elle tinha dinheiro
Os bancos todos quebraram.

Quando elle soube de tudo
Baixou a face e corou
Fez mil cálculos de uma vez
Em cousa alguma acertou
Já não pode mais pagar
Ao médico que o tratou

Dá-se o caso! Exclamou elle,
De eu não ter onde morar?
Um infeliz como eu
Deve se suicidar
Pobre, sem mulher, sem filhos,
A que mais posso chegar!

A colocação da personagem má (o Rico) na mesma situação de penúria antes vivida pela personagem boa (a pobre) nos mostra a “Lei de Talião” em pleno exercício, bem como a prevalência dos conselhos dos mais velhos, que parecem ter sido tirados da Bíblia e do “Talmude”: “aqui se faz aqui se paga”, “não faças ao outro aquilo que não gostarias que te fizessem” e tantos outros. O castigo é certo. Então o pobre pode gozar com essa certeza e ficar quieto e conformado com sua miserável situação. Entretanto, malgrado todas as exortações no sentido de não acumular tesouros na terra, os sonhos de riqueza são alentados na poesia de Leandro, que traduz a esperança do pobre cidadão em encontrar uma “botija” e ficar milionário, desejo semelhante ao que vemos atualmente na corrida às casas lotéricas, quando o prêmio está acumulado, denunciando, dessa forma, a ambição do sujeito desejante – que, num salto fantasmático, identifica-se com o agressor – a serviço da dialética do ter para ser:

Disse-me a velha em sonho
Cave lá no pé do muro,
Lá achará uma jarra

Com moedas de ouro puro,
É teu e de minha filha,
Serão ricos no futuro.³⁵

E não esquece de denunciar também as contradições do catolicismo romano, que agia de forma contrária a sua pregação – a pobreza para o povo e a riqueza ostensiva para ela própria – e sempre se envolvia em questões de Estado, prática medieval muito comum no Nordeste até os dias de hoje, onde, em algumas paróquias do sertão, o “padre” desempenha importante papel político. No passado, muitos clérigos se envolveram diretamente com o cangaço, ora a favor, ora contra, conforme suas necessidades. Para criticar a Igreja Romana, o poeta utiliza o cangaceiro Silvino, que fora traído pelo Pe. José Paulino e desde então virou inimigo do catolicismo romano:

Eu sempre gostei de padre
Tenho agora desgostado
Padre querer intervir
Em negócios do Estado?!...
Viaja sem o missal,
Mas leva o rifle encostado

Em vez de estudar o meio
Para nos aconselhar,
Só quer saber com accerto,
Armar rifle e atirar,
Lá onde elle ordenou-se,
Só lhe ensinaram a brigar.³⁶

A segunda poesia em que a presença desses fatores ideológicos é bastante evidente – agora como crítica ao sistema dominante de valores – é o folheto campeão de vendas nas feiras de artesanato do Nordeste, intitulado “O ladrão besta e o sabido” de autoria de Roxinô, que, na realidade, trata-se de uma “embolada” – desafio verbal em que dois cantadores acompanhados por pandeiros criam versos em torno de um mote previamente acertado – composta de uma quadra (o mote ou refrão) e vinte e nove sextilhas com rimas do tipo ABCBDB.

Como afirmamos acima, o Cordel, objeto de nossa análise, alcançou uma grande tiragem – tanto que ainda hoje é possível encontrar novas edições nas feiras de artesanato espalhadas pelo país – e uma enorme repercussão graças à sua propagação nos meios de comunicação com as apresentações da dupla de emboladores Caju e Castanha em programas

³⁵ BARROS, Leandro Gomes de. A alma de uma sogra. In: *Literatura Popular em Verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976-1980. p.69.

³⁶ BARROS, Leandro Gomes de. Antonio Silvino: o rei dos cangaceiros. In: *Literatura Popular em Verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976-1980. p. 108.

de auditório. Entretanto, esse fato, tomado isoladamente, não esclarece as razões do sucesso do folheto, que já vendia bem, antes de sua divulgação na mídia. Podemos supor que sua entrada na mídia televisiva deva-se ao sucesso anteriormente alcançado junto ao público leitor-ouvinte. Parece-nos, entretanto, que é o apelo cômico o grande responsável por todo sucesso dessa poesia popular narrativa, pois, não é outra coisa senão uma sátira que, ao “brincar” com dois tipos distintos de ladrões – besta e sabido/ rico e pobre – mexe com valores sociais, preconceitos e ideologias, levando-nos a tomar partido, via identificação com o dominador ou com o dominado, e rir de nossa própria situação.

Essa obra assemelha-se – guardadas as devidas proporções – a uma comédia, já que possui como principal característica representar a vulgaridade das ações humanas e não sua elevação, consistindo, segundo Aristóteles, em um defeito que trazia ao julgamento do público o ridículo dos caracteres, isto é, aquelas dimensões ilógicas, exageradas ou "mecânicas" de ações e de idéias, tratadas de maneira mais popular, leve e risível, mas com um forte conteúdo moral. Em concordância com o filósofo grego, Bentley (1991, p.58) afirma que:

Se na comédia predomina a resolução pacífica, ‘justa’ ou feliz dos conflitos, após uma série de incidentes e reviravoltas de situações (peripécias), é porque seu objetivo tem sido considerado essencialmente *moral*. Não a moralidade ou a ética transcendente da tragédia, mas aquela imediatamente prática e educativa. Para ela, os valores e as normas sociais tendem a ser apresentada como convenções que podem ser substituídas, justamente por serem incongruentes, absurdas ou ignóbeis.

O cordel analisado – “O ladrão besta e o sabido” – vincula-se às colocações apontadas por Bentley acerca da comédia. Por ser cômico, pode fazer uma crítica social, em que os valores são invertidos e na qual o absurdo se torna tangível, inclusive naquilo que toca às identificações do público leitor-ouvinte. Ao estabelecer uma comparação entre dois tipos de ladrões – o besta e o sabido – presenciamos a colocação em cena da dubiedade própria de uma estrutura capitalista marcada pela divisão da sociedade em classes: dessa forma, temos, por um lado, o ladrão sabido que é rico (relógio de ouro, carro importado) e respeitado pelas autoridades constituídas (passa perto da polícia e ainda é cumprimentado) e, no outro lado, o ladrão besta, pobre (vive como um bacurau) e desrespeitado em seus direitos de cidadão (se não correr, morre no pau). A poesia prossegue nas comparações entre os dois tipos, marcando em cada estrofe a vinculação dos tipos às classes sociais a que pertencem:

O ladrão sabido
só anda bem arrumado
o seu relógio é de ouro

o seu carro é importado
passa perto da polícia
e ainda é cumprimentado

O ladrão besta
Vive igual um bacurau
 Não pode ouvir um alarme
 Pensa que é o au-au
 Sai danado na carreira
 Que é pra não morrer no pau

O ladrão sabido
come muito e não enjoa
 conhece vários países
 não liga pra coisa atoa
 e no guarda-roupa dele
 só entra seda da boa

O ladrão besta
só come mesmo batata
 o que tem na casa dele
 É percevejo e barata
 muriçoca mosca e rato
 e um cachorro vira lata.

A partir do exposto nas estrofes acima – e que serão reforçadas ao longo do texto poético do cordelista – fica demarcado o território social de cada uma das personagens: o ladrão sabido-burguês (come muito, não liga para problemas menores e se veste com requinte) e o ladrão besta-proletário (só come batata, convive com animais asquerosos e possui como único bem um cachorro vira-latas). A respeito dessa característica da poesia popular nordestina em focar os problemas sociais, às vezes fazendo críticas mordazes ao status quo, vale à pena conferir as proposições de Proença (1986, p. 24):

Ver-se-á um dia que para a história ou para a sociologia aí se encontra uma das mais ricas fontes. A linguagem, sobretudo, aparece em um dos seus mais interessantes campos de fixação do aspecto brasileiro da língua portuguesa. Esses trovadores possuem uma consciência do valor poético e social da obra que realizam. Têm a consciência de sua arte, conhecem as regras e as éticas da criação artística que impregna a atmosfera literária de seu mundo.

E, complementando essa colocação que aponta a inter-relação entre Arte, Consciência e História, Magalhães (1999, p.55-56) sustenta que: “[...] a especificidade do reflexo artístico implica consciência do ato como artístico: o objeto pode ser uma obra de arte, mas só se percebido socialmente, por exemplo, como finalidade prática de objeto de uso cotidiano”.

E acrescenta – a partir de uma análise lukácsiana da obra de Graciliano Ramos, mas que cabe perfeitamente no exame de nossa poesia de cordel – que: “[...] nenhuma obra de arte pode ser estudada sem o auxílio da História, pois a verdadeira arte é um fazer história, na

medida em que é um refletir do ser social sobre sua própria existência”. E essa existência é parte inseparável da construção textual dessa poesia, que reflete as particularidades de um lugar, de um tempo e de um povo.

Prosseguindo em nosso exame da poesia de Roxinô, chegamos ao ponto chave: a categorização da malandragem³⁷ em dois tipos. São dois tipos distintos de malandros, dois mundos diferentes, duas capacidades cognitivas antagônicas, duas possibilidades de gozo, duas classes sociais e um mesmo desejo, que seria o de “arranjar-se” – pelo roubo – cada qual a seu modo, fugindo do trabalho. Um ladrão rouba muito dinheiro e goza do fruto de sua malandragem, hospedando-se em hotel de cinco estrelas; o outro rouba o relógio de um pobre e goza um prazer fugaz no botequim, embriagando-se até acordar na mesma desgraça:

O ladrão sabido
só rouba muito dinheiro
 rouba hoje no Brasil
 amanhã no estrangeiro
 se hospeda em 5 estrela
 ninguém sabe o seu roteiro

O ladrão besta
 Dorme até no meio da praça
 Rouba um relógio de um pobre
 Vende pra tomar cachaça
 Que quando acaba o dinheiro
Volta pra mesma desgraça.

Roxinô continua sua descrição diferenciadora, denunciando a precariedade da assistência à saúde e à defesa dos direitos da classe explorada (que não tem médico nem advogado), do contraste da moradia (mansão e favela) e do acesso ao conforto tecnológico, experimentado pela classe dominante (rádio-amador, telefone, TV, computador), além de reforçar o que já apontara na primeira estrofe, a respeito da relação dos dois tipos de malandro com a polícia, que bajula o rico (para falar com ele precisa de autorização) e maltrata o pobre (derrubando seu barraco e tratando-o “no cacete”):

O ladrão sabido
tem médico e advogado
 mora em uma **mansão**
 vive muito sossegado
 até pra falar com ele
 tem que ser autorizado
 O ladrão besta

³⁷ Para uma discussão pormenorizada sobre a malandragem na Literatura Brasileira, ver o ensaio clássico de Antonio Candido “Dialética da malandragem”.

Como não tem condição
 Dorme no meio da praça
 Em **favela** em barracão
 Que quando a polícia chega
 Derruba tudo no chão

O ladrão sabido
 tem até rádio amador
 telefone e **escritório**
 tv e computador
 tem **mais de vinte secretárias**
 que lhe dão muito valor

O ladrão besta
A vida é levar cacete
 Tem uma garrucha velha
 Uma faca e um porrete
 Para quem vai prender ele
 É mesmo que chupar sorvete.

Na estrofe de número treze (ver acima), dois elementos – possuir escritório e ter mais de vinte secretárias – colocados de maneira sutil pelo poeta, permite-nos apreciar com mais clareza o tipo de ocupação de nosso malandro rico, barão não das ralés, mas de uma elite que, ao longo de toda história do Brasil, vem se perpetuando no poder, graças à sua “esperteza” e à velha política de favores, tão cara ao modelo de capitalismo dependente que existe em nosso país. A presença de vinte secretárias nos lembra a quantidade de cargos comissionados a que têm direitos nossos parlamentares, mas o fato de serem todos eles ocupados por mulheres (que lhe dão muito valor), remete-nos a um outro tipo de gozo – o sexual. Para reforçar nosso argumento – a pertinência do ladrão sabido à classe dos malandros engravatados que “se arranjam”, entre outras atividades, a partir de um mandato político – vale examinar comparativamente duas estrofes, uma de nosso bardo nordestino:

Se morre um ladrão sabido
 O seu interro é filmado
Sai em jornal e revista
Passa três dias velados
 E o velório se enche
 De **ladrão engravatado.**

E outra de Holanda (1978):

Agora já não é normal
 O que dá de malandro regular, profissional
 Malandro com aparato de malandro oficial
 Malandro candidato a malandro federal
 Malandro com retrato na coluna social
Malandro com contrato, com gravata e capital
 Que nunca se dá mal.

Creemos que na estrofe de número sete (acima), o poeta nomeia nosso malandro engravatado. Senão vejamos: quem, quando morre, tem o enterro filmado, noticiado em jornais e revistas e, o mais importante, tem direito a três dias de velório, em que o que mais chama a atenção é a grande aglomeração de ladrões engravatados? O poeta nordestino se une ao poeta carioca para denunciar essa anomalia: o malandro oficial com gravata e capital e retrato na coluna social, esteja ele vivo ou morto. Aqui, mais uma vez, observamos a estreita relação entre a escritura e a história, e aqui em particular “a escritura é, ao mesmo tempo, uma profecia e uma interpretação do passado” (ESTEVEES 1977, p. 71).

Nas estrofes abaixo veremos a reafirmação da vinculação a classes sociais antagônicas dos dois tipos de malandro, bem como o reforço da posição anteriormente afirmada de uma malandragem com mandato e capital:

O ladrão sabido
vai buscar aonde tem
ele **rouba mas não mata**
e toda vez se sai bem
onde mora é cidadão
e não deve nada a ninguém

O ladrão besta
é um cara muito otário
rouba de noite e de dia
pra ele não tem horário
se é de roubar um ricão
vai roubar um operário.

Nos sextilhas acima, destacaremos primeiramente o segundo verso, para ressaltar aí algo da natureza da ideologia. O “vai buscar aonde tem” que pode ser compreendido como “roubar de um lugar que tem em abundância” e que está em oposição ao último verso da estrofe dezesseis “vai roubar o operário”, funciona como cortina de fumaça para elidir o confronto aberto do antagonismo de classes, fato, aliás, comum na Literatura de Cordel. Passa-nos a impressão de que o ladrão sabido no fundo é “gente boa”: ele não rouba o operário, é cidadão, não deve nada a ninguém e o mais importante: rouba, mas não mata.

Nas onze estrofes finais observamos a progressão da dubiedade entre os tipos de malandros em sua participação numa dada classe social, além de uma acentuação da comicidade no aumento do sofrimento – risível – desse malandro besta e proletário, que merece sofrer justamente por ser “besta”: é frouxo, anda moribundo, vive roxo de apanhar, anda amarelo e doente, não tem dinheiro, contenta-se com pouco, dá o que tem, leva uma vida arriscada e

morre cedo – ver estrofes vinte, vinte e dois, vinte e quatro, vinte e seis e vinte e oito. Qualquer semelhança com o proletariado rural e urbano de nosso tempo não parece ser coincidência.

O ladrão besta
só vive levando acocho
anda todo **moribundo**
de apanhar **vive rocho**
não pode ver um soldado
corre mostrando que é **frouxo**.

O ladrão besta
no dia que é enquadrado
leva tanta cacetada
fica todo esconchavado
não tem um tostão no bolso
que pague ao advogado.

O ladrão besta
tem uma vida ruim
rouba sapato cueca
rouba chapéu trancilim
muitos não chegam nem 20
que os homens lhe dão fim.

O ladrão besta
anda amarelo e doente
quando rouba cem cruzeiros
vai comer cachorro quente
até que a polícia chega
e lhe prende novamente.

O ladrão besta
tem uma vida arriscada
rouba qualquer mixaria
vai preso, leva porrada
pois além de roubar pouco
da tudo e fica sem nada.

Em contrapartida, o ladrão sabido vai ficando cada vez mais próximo daquela anomalia citada anteriormente: um malandro oficial com gravata e capital, que vai ao banco, à igreja e ao clube e que possui amigos endinheirados como ele, que toma “uíisque e cerveja”; possui fazenda, alimenta-se bem e não tem preocupações; é caridoso, possui carro do ano, e os filhos estudam; planeja antes de agir, é mais esperto que um cigano e rouba dólar e cruzeiro às escondidas; mora em mansão com piscina, faz sexo com mulheres grã-finas, faz tratamento de beleza, e, finalmente, não vai para a cadeia, numa clara demonstração de poder – ver abaixo as estrofes dezenove, vinte e um, vinte e três, vinte e cinco, vinte e sete e vinte e nove.

O ladrão sabido
vai ao **banco e a igreja**
vai a **clube** vai a praia
vai aonde ele deseja
e quem for amigo dele

Tem grana **wishk e cerveja**.

O ladrão sabido
vive de **barriga cheia**
possui terra tem fazenda
e com nada se aperreia
quando vai preso se solta
não passa um dia em cadeia.

O ladrão sabido
vive bem e da esmola
só usa **carro do ano**
bota os filhos na escola
e quem for mexer com ele
com certeza se atola.

O ladrão sabido
primeiro faz o seu plano
não cochila **é muito esperto**
anda mais do que cigano
só rouba em **dólar e cruzeiro**
tudo **por baixo do pano.**

O ladrão sabido
mora em **mansão com piscina**
só toma wishk do bom
transa com mulher granfina
faz massagem todo dia
pra ficar com a pele fina.

O ladrão sabido
no dia que é flagrado
pede pra telefonar
para o seu advogado
no mesmo dia ta solto
quem lhe prendeu ta lascado.

É a lógica pervertida do capital, que surge às vezes de forma velada, outra em claras afirmações, mas que sob uma linguagem cômica – em que o absurdo, o inusitado e ilógico são utilizados para promover o riso – aparecem em cada verso dessa embolada em Cordel, a partir de um recurso, a polarização: besta-sabido, pobre-rico, fome-fartura, desprazer-prazer, desrespeito-respeito, cachaça-whisky, favela-mansão, desprestígio-prestígio, desnudando a contradição de classes nos versos dessa singular poesia de Cordel.

CAPÍTULO 2

LITERATURA DE CORDEL: ESCRITURA DA RELIGIOSIDADE E RELIGIOSIDADE POPULAR.

2.1 Literatura de Cordel: uma Escritura da Religiosidade

2.1.1 Religião: necessidade de segurança e controle social

Quem roubou não roube mais
 Restitua a seu senhor
 Não queira ser desonesto
 Nem perverso enganador
 Se não deixarem os crimes
 Deus castiga com rigor.
Manoel Caboclo

As primeiras produções literárias da história da humanidade tiveram como tema principal as relações dos seres humanos com a dúvida essencial que os acompanhou e os acompanha desde os primórdios das culturas ágrafas até o presente século, dizendo respeito à finalidade última de sua existência. O ponto de união – a despeito de qualquer evolução tecnológica ou psicossocial – encontra-se na busca, às vezes desesperada, por um sentido que possa dar conta dessa existência cuja marca é o total desconhecimento de sua finalidade. De onde viemos e para onde iremos quando o inominável – a morte – nos levar? Que podemos fazer para tornar nossa breve passagem pela existência terrena uma experiência gratificante? Como ter uma colheita proveitosa face às intempéries naturais a uma região inóspita? Como dominar ou controlar os ciclos naturais do planeta em proveito próprio ou do grupo? Da construção de leis, à padronização de costumes; do uso da língua, à elaboração do pensamento; e até na constituição daquilo que chamamos de “eu”, observa-se a presença de elementos de natureza religiosa na gênese de tais comportamentos.

Para Enriquez (apud MACHADO, 2001), diante do enfoque psicossociológico que lhe serve de referencial teórico para análise do sujeito, enquanto membro de um grupo, o eu “não é uma unidade da consciência ou do psiquismo independente dos sistemas ideológicos”, porque, constitui-se justamente dentro e a partir desses sistemas. E dos sistemas ideológicos mais importantes nesse processo construtivo, de uma instância intimamente vinculada ao registro imaginário – o eu – são os sistemas religiosos.

Conhecer o fenômeno religioso é conhecer o sujeito em uma de suas mais sublimes manifestações, é conhecê-lo naquilo que há de mais íntimo: sua carência, seu desamparo, sua necessidade de devoção, sua forma de apego e de vivenciar tanto a dor quanto o gozo³⁸. Para além do tratamento específico das relações, entre sagrado e profano, no que concerne às produções literárias, ou outras acepções possíveis, estudar o fenômeno religioso, segundo Alves (1984, p. 13) “longe de ser uma janela que se abre apenas para panoramas externos, é como um espelho em que nos vemos”, e fundamenta seu ponto de vista citando Feuerbach (apud ALVES, 1984) que afirmava “poeticamente” “a consciência de Deus é autoconsciência, o conhecimento de Deus é autoconhecimento. A religião é o solene desvelar dos tesouros ocultos do homem, a revelação de seus pensamentos íntimos, a confissão aberta de seus segredos de amor”.

Feuerbach foi um dos filósofos materialistas que primeiro apontou para a relação entre religião e necessidades humanas não satisfeitas. Para ele, o que estava na base do sentimento religioso era a carência da consciência de si do homem. Essa carência seria responsável pela instauração da religião, na qual o homem (religioso) aliena a sua essência e faz com que sua relação com o sagrado assuma aspectos infantis – ou regressivos – fazendo com que o vínculo religioso seja permeado por essa “essência infantil da humanidade”, já que esse homem religioso teme ser um homem finito, desligado de quaisquer outras manifestações que poderiam lhe conferir transcendência. Desse modo, ainda de acordo com o Materialismo Humanista de Feuerbach, aquilo que o sujeito reconhece no ser divino são as qualidades de sua própria essência, denominada “qualidade essencial do próprio homem”, criando uma “contemplação essencial”, que o anima e o determina, cuja manifestação pode ser apreciada na criação artística em todos os tempos, sobretudo na Literatura Universal e, particularmente, na Literatura de Cordel.

Dois pensadores que também deram especial ênfase ao fenômeno religioso como necessidade humana e base da organização social, foram Sigmund Freud e Emile Durkheim. Para ambos, a religião é fundamental para a existência e funcionamento dos grupos:

A religião como o pensavam DURKHEIM e FREUD está na própria base da instauração da comunidade (e mais tarde da sociedade) e de seus modos de gestão política. Não existe corpo social nem orientação normativa desse corpo sem religião (sem culto dos ancestrais, sem totens, sem deuses ou sem Deus único). (ENRIQUEZ, 2001, p. 76)

³⁸ Na leitura Lacaniana o gozo designa um mais além do prazer que chega mesmo, em algumas ocasiões especiais, a aproximar-se da dor e do sofrimento.

Para Freud, a religião era derivada primariamente das relações de desamparo do ser humano. Seria um fenômeno regressivo, decorrente de reedições mais elaboradas de primitivas relações parentais, tal como está formulada em seu trabalho de 1910, “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância”:

A psicanálise nos ensinou a reconhecer a interconexão existente entre complexo paterno e fé em Deus, indicou-nos que o Deus pessoal outra coisa não é, psicologicamente, que um pai mais poderoso. Projeção de experiências infantis de proteção e de cuidado [...]. (FREUD, 1910)

De acordo com a formulação freudiana, o desamparo cria a necessidade, e o “complexo paterno” engendra a fé. Em seu principal trabalho, dedicado exclusivamente ao estudo do fenômeno religioso, “O futuro de uma ilusão”, de 1927, Freud define a ilusão como crença que se estabelece a partir do desejo, cuja motivação primordial seria a satisfação desse desejo, sem considerações maiores pela realidade. Se o desejo, como postula a psicanálise, é fruto de uma falta e o protótipo dessa falta é a experiência de não completude e de uma sensação de vazio, a função explícita da religião, nesse plano simbólico, seria a de obturar essa falta e preencher o vazio. Para o teólogo e psicanalista Alves (1984):

[...]é aqui (onde fracassou o esforço humano de completude) que surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretensiosa tentativa de transubstanciar a natureza. (ALVES, 1984, p. 22)

Freud vai mais além e aponta como necessidade fundamental, ponto de partida das idéias religiosas, o desejo de se defender do incontrolável, que é próprio da natureza, e fugir dessa força que lhe esmagaria, não fosse a presença dessa certeza transcendente (fé), que o resguarda da aniquilação e lhe permite – ao homem religioso – preencher o vazio imposto pelas condições materiais de existência, unindo emoção e cognição, como forma de superação das dificuldades próprias do existir, e que nos rincões quase inabitáveis do sertão nordestino, onde a natureza insiste sempre em dizer não, faz-se uma possibilidade de afirmação, mediante a fé. Em “O futuro de uma ilusão”, o pai da Psicanálise respondendo a um interlocutor imaginário que questiona sua assertiva de que a civilização “cria essas idéias religiosas”, responde:

Tentei demonstrar que as idéias religiosas surgiram da mesma necessidade de que se originaram todas as outras realizações da civilização, ou seja, da necessidade de defesa contra a força esmagadoramente superior da natureza. A isso acrescentou-se um segundo motivo: o impulso a retificar as deficiências da civilização, que se faziam sentir penosamente. (FREUD, 1927)

Ora, se as idéias religiosas surgiram de necessidades, que estão em consonância com todas as outras, relacionadas às realizações típicas da civilização e, entre elas, as criações artísticas, estamos diante de um processo – em nosso caso o da expressão retórica dos fenômenos religiosos na LC – que alcançou no Nordeste do Brasil, sua máxima realização. Aqui, no Nordeste brasileiro, mais que em outros lugares, o clima, a formação étnica fruto de intensa miscigenação e a herança cultural marcadamente religiosa – indígena panteísta, européia católica (ultramontana e tridentina³⁹) e mística africana – responde não apenas pela formação cultural de um povo, mas também pela criação artística, que fez de nosso cordel fenômeno original nessa escritura da religiosidade, que não encontra paralelo na poesia nacional e internacional.

Em sua primeira incursão na psicologia da religião, Freud, em um escrito de 1907, para o primeiro número de um periódico, dirigido por Bresler e Vordrobt, intitulado “Atos obsessivos e práticas religiosas”, associa a vivência religiosa a um quadro psicopatológico conhecido atualmente como “Transtorno Obsessivo-compulsivo”. Se, como analisamos, a religiosidade, inicialmente, surge como resposta a uma necessidade dos seres humanos, para Freud ela toma uma forma que a aproxima da neurose obsessiva (zwangsneurose) pelo fato de, em ambas as manifestações, estarem presentes práticas cerimoniais e ritualísticas, em que existem prescrições, proibições e atos considerados sagrados, necessários à manutenção do equilíbrio – mesmo neurótico – do indivíduo e a organização de estruturas de controle social. Para Freud (1907) os cerimoniais neuróticos “consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem ser sempre realizados numa mesma ordem (...)”. E é isso que se pode verificar na vivência religiosa de uma forma geral e, particularmente, na religiosidade do Sertão e Agreste nordestinos, com seus ciclos demarcados de romarias e festas que constituem – respeitando as particularidades de cada local – um calendário religioso, o qual, além de organizar a “vida espiritual”, é também determinante para a vida política, social e econômica da região.

Para Durkheim (1989), a religião é importante para a regularidade da sociedade. Em outras palavras, trata-se de uma necessidade que transcende a busca de completude no

³⁹ O termo “ultramontana” refere-se a um movimento surgido na França no século XIX chamado de ultramontanismo, que defende o poder e as prerrogativas do papa em matéria de disciplina e fé. Como Roma fica localizada, em relação à Europa Ocidental, além dos Alpes, os partidários desse pensamento receberam o nome de ultramontanos. Já o “tridentinismo” é uma afirmação dos valores definidos no Concílio de Trento (1545-1563), e tem como principais características a defesa da infalibilidade do magistério, o zelo doutrinário e a perseguição aos desviantes.

plano individual das carências dos sujeitos desejantes, para situar-se como necessária ao próprio funcionamento efetivo da sociedade, já que para ele a existência só tem sentido no plano social. Ele afirma, em obra que trata da sociologia da religião, que não importa quão bizarro ou estranho sejam os rituais ou os mitos, importa antes, aquilo que eles traduzem, ou seja, a “necessidade humana, algum aspecto, seja individual, seja social da vida”⁴⁰. Segundo Borges (2005), aquilo que os indivíduos buscam na religião, de acordo com a proposição de Durkheim (1989, p. 206).

[...] a sensação de sair de si, pela imersão no coletivo, através do gozoso contato com algo que é mais importante do que eles próprios, individualmente. Esta experiência transcendental reaviva a possibilidade da vida em conjunto, em uma esfera em que todos são iguais, comungam de uma mesma comunidade moral e compartilham a grande satisfação de que a vida social é possível.

Um dos aspectos mais fortes dessa vivência comunitária, possibilitada pela religião, está presente nas festividades e eventos comemorativos, nos quais os indivíduos estabelecem relações sociais mais amplas. Em tais eventos, os laços sociais – mediados pela identificação coletiva – assumem uma dimensão maior que aquela, experimentada nos cultos pois, nesses grandes encontros de massas (procissões, festas dedicadas aos santos e santas padroeiras, peregrinações e romarias), a “imersão no coletivo através do gozoso contato”, tem ampliada sua área de ação, deslocando-se do espaço limitado dos templos, para espaços sabidamente declarados sagrados (Canudos, Juazeiro, Aparecida, Canafístula etc.), ou sacralizados momentaneamente pelo evento.

Desse modo, a necessidade humana de comunhão com o sagrado converte-se, pouco a pouco, em necessidade de conformidade às normas sociais, já que, para conseguir ascensão social na nova máquina estatal-religiosa e evitar uma possível perseguição político-religiosa, houve uma grande “conversão” em massa, resultando na instalação de um sincretismo que teve como conseqüência imediata, e *a-posteriori*, o amálgama da doutrina cristã com o mais puro paganismo que se pode observar até nossos dias. Ao focarmos nossa lente nos movimentos religiosos que eclodiram no Nordeste do Brasil, nos fins do século XIX e início do século XX, e que se mantêm vivos no presente século, observamos a mesma manifestação – em termos de sincretismo – observadas nos séculos passados, inclusive com a presença das querelas em níveis de canonicidade, as quais foram também objeto da contestação oficial dos séculos precedentes. E se hoje vemos uma aceitação, não declarada

⁴⁰ DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa* : o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

oficialmente, dos cultos aos “santos nordestinos” pela religião oficial – que no passado tratava-os como fanatismo e apostasia – deve-se à força da devoção, oriunda da necessidade e da identificação do povo sertanejo e nordestino às figuras simbólicas e catalisadoras de tais necessidades, que, a despeito dos cânones, respondem mais prontamente às necessidades subjetivas e culturais deste povo.

2.1.2 Religião: necessidade de transcendência

Além de satisfazer as necessidades de segurança dos seres humanos em seu desamparo frente aos enigmas do universo – mais explicitamente às questões referentes à finalidade última de nossa existência – e funcionar como uma das mais elaboradas ferramentas de controle social, a religião também vem a satisfazer a nossa necessidade de transcendência, uma necessidade de que exista algo, ou alguma coisa, que esteja fora das relações imediatas do sujeito, para além das experiências possíveis. É esse desejo que dá sustentação aos espetáculos de mágica, que nos deixa a todos – adultos e crianças – admirados e encantados quando crianças, e curiosos, à medida que envelhecemos, para entender o segredo dos truques. Motivados por essa necessidade-desejo de transcendência – aliada as outras duas citadas acima – a humanidade cria seus mitos e constrói suas narrativas religiosas, gera espaços sagrados e rotas de santificação e purgação, reverencia seus deuses e deusas ou Deus único e pode, finalmente, dormir em paz e sonhar bons sonhos, que são nutridos pela Esperança.

Compreender a religião como transcendência é, antes de tudo, ver Deus – e as emanções a ele associadas – como causa e conseqüência, início e fim de tudo que existe; motor da história universal e particular; e digno de adoração, louvor e sacrifício – *sacre facere*. Não é por acaso que os primeiros seres humanos a serem considerados santos, dentro do universo cristão, foram justamente os mártires: aqueles que fizeram o sagrado – o sacrifício – em suas vidas e em suas mortes. Com o passar dos séculos, esses santos e santas deixando de ser apenas modelos exemplares de conduta, vieram a ser objetos de adoração (latria) e de culto; os locais de suas “aparições” ou de suas mortes, e até mesmo suas sepulturas, transformaram-se em espaços sagrados, nos quais os fiéis buscam conexão com o divino por vias intermediárias. As histórias de santos e santas são temática recorrente na

Literatura e, na poesia narrativa do Cordel nordestino, os santos são personagens privilegiadas em inúmeras poesias do ciclo místico-religioso.

Na atualidade, vemos inúmeras peregrinações para inúmeros espaços sagrados (em alguns casos, o próprio caminho é também sacralizado pelo conjunto dos fiéis) nas mais diferentes crenças religiosas (Catolicismo, Islamismo, Hinduísmo). No Nordeste do Brasil, encontramos algumas das mais importantes peregrinações do catolicismo popular brasileiro, intimamente relacionadas à Poesia Popular nordestina: as romarias a Juazeiro do Norte, Belo Monte e, mais recentemente, à Canafístula de Frei Damião.

Para o romeiro, viajar para alguma dessas localidades não é apenas uma viagem a um espaço geográfico específico. É, antes, fazer um percurso em que o sagrado se impõe como meta. Todo o Caminho é revestido pelo caráter sagrado da missão. As centenas de caminhões, chamados “pau-de-arara⁴¹”, conduzem dezenas de peregrinos que, em meio ao desconforto da viagem, entoam hinos – chamados de benditos – ao santo de sua devoção, numa jornada que pode durar dias. Em sua vivência religiosa local, os sujeitos – em sua devoção – não realizam o objetivo maior, que só é concretizado pela presença no lugar sagrado. A romaria é a concretização do sonho do romeiro, que sempre alimentou o desejo de estar no espaço sagrado, na terra santa, para sentir em sua vida o milagre. O escritor e devoto Rubem César Fernandes assim descreve sua experiência romeira de Varsóvia ao santuário da Virgem Negra de Czestochowa, cujo percurso é de aproximadamente 300 km:

A romaria é mística do espaço, transformação da paisagem. Leva-nos do profano ao sagrado por caminhos rotineiros que mudam de figura à medida do percurso. É com os pés, ao que se diz, que se ora nas melhores romarias. Neles, a dor e a leveza. Por eles, o transporte. Ao fim do dia, os romeiros acomodam-se pelo terreno, tiram os sapatos, as meias suadas, e exibem orgulhosamente os pés descalços. (FERNANDES, 1994, p. 14)

As romarias a Juazeiro do Norte seguem o padrão sacrificial das demais peregrinações ao longo da história. Nas datas festivas (ver adiante) partem de inúmeros lugares, espalhados pelo Nordeste do país, caravanas conduzindo milhares de romeiros, que vão ao Juazeiro nos mais diversos tipos de condução: avião, carros particulares, ônibus fretados, peruas de lotação, motocicletas e bicicletas. Entretanto, o meio consagrado e que expressa melhor a fé e o ato sacrificial do romeiro é o “Pau-de-arara”, os velhos caminhões cobertos por lonas e com

⁴¹ Existem três tipos de caminhão pau-de-arara: o menor e mais veloz, chamado de meio-caminhão, com capacidade de transportar aproximadamente vinte romeiros; o caminhão simples, também chamado de “toco”, com capacidade para transportar cinquenta pessoas; e o caminhão “trucado”, com capacidade de transporte de oitenta peregrinos.

tábuas-assentos, onde se comprimem dezenas de fiéis, que vão rezando e cantando os benditos, fazendo do percurso um alegre cerimonial sagrado:

Bendito e louvado seja
A luz que mais alumeia
Valei-me meu, padrinho Cícero
E a mãe de Deus das Candeias.

Eu vou cantar um bendito
agora que me lembrou.
A mãe de padinho Cícero
Ela se chama Quinô!
Ela se chama Quinô,
Maria da Conceição!
O filho dela chama
Padinho Ciço Romão!

Acreditamos que essa necessidade de transcendência assume cores mais fortes na chamada religiosidade popular⁴² que naquela tida como “erudita” ou oficial. As manifestações populares conferem sacralidade a uma variedade de objetos e situações que ultrapassam enormemente as vivências do fiel nos cultos oficiais. Desse modo, observamos comparativamente que a intensidade da chamada “experiência oceânica” de proximidade ao sagrado é mais forte no catolicismo popular que no catolicismo oficial; é mais exacerbada no pentecostalismo que no protestantismo histórico; e muito mais intensa nas diversas formas de religiões de origem africana (candomblé e umbanda), que no espiritismo kardecista. Entretanto, essa bipartição ou oposição no campo religioso, entre o popular e o oficial, denuncia de modo explícito a questão principal que aqui aparece camuflada, não como figura, mas como fundo, que é a relação dominante-dominado. Fernandes (1994) pontua essa dicotomia afirmando que:

Em seus termos, ‘religião popular’ define-se por oposição à ‘religião erudita’, numa polaridade que ordena o conjunto do ‘campo religioso’, dividindo-o entre ‘dominantes e dominados’ em toda a sua extensão. [...] Cada tradição religiosa – católica, protestante, mediúnica, e outras mais que porventura apareçam – será atravessada pela oposição ‘dominante erudito/dominado popular’, gerando estilos rituais e simbólicos correspondentes. (FERNANDES, 1994, p.220)

Outro elemento significativo nesse contexto de busca pelo transcendente é a “festa”, marca registrada das manifestações da religiosidade popular e espaço privilegiado para todo tipo de expressão artística: música, dança, canto, poesia, teatro etc. Segundo Zumthor (1993, p. 257), o modelo da “festa religiosa” foi difundido durante a Idade Média justamente pela Igreja

⁴² Para maiores detalhes sobre essa controversa diferenciação entre uma religiosidade popular e outra erudita ver BRANDÃO, C. R. Os deuses do povo: um estudo sobre a religião popular. São Paulo: Brasiliense, 1982. BRANDÃO, C. R. Sacerdotes do povo: rituais religiosos do catolicismo popular em São Paulo e Minas Gerais. Petrópolis: Vozes, 1981. FERNANDES, R.C. Os cavaleiros de Bom Jesus: uma introdução às religiões populares. Brasiliense, São Paulo, 1982.

Católica Romana, com o auxílio das cortes. Nas hierofanias festivas do sertão e agreste nordestino, a LC encontra lugar de destaque não apenas como fator de entretenimento e diversão, mas, sobretudo, como registro dos ofícios e devoções, de orações e ladainhas, e de fixação da tradição oral. Durkheim já atentara para esse vínculo existente entre festividades e vivência religiosa quando, em *As formas elementares da vida religiosa*, ele descreve esse fenômeno, apontando o caráter de múltipla influência existente:

É por isso que a própria idéia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem como efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim estado de efervescência, às vezes até de delírio que não deixa de ter parentesco com o estado religioso (Durkheim, 1989, p. 456).

O pesquisador francês Jean Duvignaud, em seu livro *Festas e civilizações*, enfatiza o lugar central ocupado pelas festas no fluxo da vida social, que traduzem nesse verdadeiro “acting out”, aquilo que lhe é determinante e peculiar. Para Duvignaud, compreender a festa, apenas pelo seu lado funcional ou utilitário, é basicamente reduzir a sua dinâmica, enxergando-a apenas como válvula de escape para as tensões e conflitos do cotidiano. Apesar de essa “ruptura com o cotidiano”, possibilitada pelos excessos – diríamos quase dionisíacos – serem uma eficiente válvula de escape às tensões do dia-a-dia, esse não é o papel principal da festa no contexto religioso:

O principal obstáculo para compreensão da festa, em todos os seus aspectos e escalas, havia sido distorcido por uma percepção social inteiramente dominada pelas noções de funcionalidade, de utilidade e, evidentemente, pelo espírito da rentabilidade que caracteriza o Ocidente industrializado. (DUVIGNAUD, 1982, p. 22).

Se tomarmos como exemplo as festividades associadas às romarias a Juazeiro do Norte podemos observar a presença de todos esses elementos: há experiência mística; reiteração dos votos e demonstrações de fé; êxtases e excessos; e uma intensa atividade econômica que movimenta milhões de Reais, girando em torno do comércio de artigos religiosos, alimentação, hospedagem e serviços gerais. Vista por esse ângulo, a romaria é um evento amplo e dinâmico, em que diversos atores sociais – com motivações e interesses dos mais diversos – tomam parte nessa heterodoxa comunhão.

A romaria é realizada pelos romeiros, mas não se deve menosprezar o papel desempenhado pela Igreja, que oferece um suporte canônico e litúrgico – ainda que o romeiro possa prescindir disso, como foi no passado - como também o apoio amplo de parte da

população da cidade, desde o cidadão comum, passando pela classe empresarial e chegando até os políticos, cada grupo fazendo suas ofertas e participando do evento com interesses individuais.

Em Juazeiro do Norte, as romarias iniciam-se no dia dois de fevereiro, com a festa de Nossa Senhora das Candeias; em quatorze de setembro tem a “procissão dos carros romeiros” e no dia quinze acontece a Festa da Padroeira, Nossa Senhora das Dores. Em outubro, dia quatro, é o dia da romaria de São Francisco de Assis; e, em novembro, duas grandes romarias fecham o ciclo das festividades: uma no dia primeiro, que no calendário católico corresponde ao dia de “todos os santos”, mas no Juazeiro é o “dia do romeiro”, e a última, no dia dois de novembro, feriado de finados. Todas são datas que aglomeram milhares de fiéis, romeiros e turistas, porém as mais concorridas são as dos meses de fevereiro, setembro e novembro. Além destas datas fixas, ainda são comemorados o nascimento de Padre Cícero, em vinte e quatro de março, e sua morte, em vinte de julho, data em que os juazeirenses e romeiros vestem-se de preto, na tradicional “missa do dia vinte”.

Descontando-se os preparativos realizados ao longo do ano pelos grupos organizados de romeiros, podemos dizer que a romaria é um evento que possui três fases: a viagem, a chegada e o retorno do romeiro. Por ser de caráter religioso, há na romaria celebração de missas, procissões, e outras atividades coordenadas pela Igreja Católica. Há devocionais realizadas pelos leigos e atividades paralitúrgicas que ocorrem muito antes da peregrinação. Em Maceió, os romeiros possuem um programa radiofônico matinal, “A hora do romeiro” – entre cinco e seis horas da manhã – no qual trocam informações, rezam seus benditos e planejam a próxima viagem, que tem como ponto de partida a Praça Padre Cícero, no bairro do Vergel, periferia da cidade.

Uma narrativa interessante sobre as romarias do passado – quando o Padre Cícero era vivo – é apresentada na obra “A visita dos romeiros como era antigamente”, de Manoel Caboclo, na qual ele descreve as agruras pelas quais passava o peregrino, numa época em que não havia estradas e meios de transporte, e as famílias viajavam a pé, levando consigo gêneros alimentícios, água e um rosário, encontrando, no percurso, bandos de cangaceiros:

Se reuniam **as famílias**
 E planejavam primeiro
 Quem desejasse conhecer
 O padre do Juazeiro
 Marcava uma data certa

Pra viajar em janeiro

Trinta a quarenta pessoas
Tomavam a decisão
De alpercata nos pés
Nas costas um **matulão**
Uma **cabacinha d'água**
E um **rosário** na mão

Viajavam **quase um mês**
Rompendo pedra e areia
Ao meio dia almoçavam
À noite não tinham ceia
Cantando sempre o Bendito
Da mãe de Deus das Candeia

Quando encontravam alguém
Era tudo cangaceiro
Que estendiam as armas
E perguntavam primeiro
Me contem pra onde vão
Me digam se é romeiro?

O pai de família tremendo
Dizia: seu capitão
Garanta nossa família
Nesta mesma ocasião
Nós todos somos romeiros
Do padre Cícero Romão

Em visita à cidade de Juazeiro, pude presenciar a aura de santidade, encantamento e magia que envolve os lugares “sagrados” da devoção ao Padre Cícero: as igrejas, a casa onde o Padre morou e a casa do Horto. Nas casas-museus, encontram-se objetos de uso doméstico, batinas e mobiliário, conservados como verdadeiras relíquias, principalmente a cama em que ele dormia e na qual morreu. Chama-nos atenção a grande quantidade de ex-votos conservados nesses lugares, são milhares de objetos e fotografias a expressar a gratidão do devoto pelo milagre alcançado, cuja presença é a afirmação incontestável de que se está pisando em solo sagrado. Além de “fazer promessa” e agradecer pelas bênçãos recebidas, os devotos cumprem rituais criados por eles mesmos a cada romaria. Um dos mais interessantes é a passagem entre o manto e a bengala da estátua do Horto: para uns, tal passagem deve ser repetida três vezes, para outros uma única vez é suficiente. O significado do ato simbólico também varia. Para uns, significa proteção na viagem de volta, outros afirmam que, se o fiel conseguiu passar, ele voltará no ano seguinte, não morrerá no ano em curso. Ainda há aqueles que afirmam que, se os pecados forem muitos, o devoto não conseguirá passar.

O psicanalista suíço Carl Jung descreve a intensidade das vivências religiosas, especialmente seu caráter transcendente, como uma manifestação do inconsciente pessoal, em

confluência com o inconsciente coletivo. Em tais experiências – fé, devoção, êxtase – estão presentes elementos arquetípicos que acompanham os seres humanos desde sempre. Cada gesto, ato, pensamento ou sentimento reveste-se de um simbolismo com significância particular e coletiva. Por exemplo, ir ao Juazeiro ou outro santuário qualquer, como dissemos acima, é mais que uma simples viagem a um lugar de devoção religiosa é, antes de tudo, estar mais perto de Deus ou do céu. Não é por acaso que grande parte dos santuários é edificada em morros, montes ou montanhas, evocando, dessa maneira, o simbolismo da subida, como acontece no Juazeiro na subida ao horto onde impera, majestosa, a estátua do “Padrinho” a abençoar a cidade. Para o pesquisador Eliade (2002), a existência mesma do céu já simboliza transcendência:

O ‘alto’ é uma dimensão inacessível ao homem como tal; pertence por direito às forças e aos seres sobre-humanos; o que se eleva subindo cerimoniosamente os degraus de um santuário ou a escada ritual que conduz ao Céu deixa então de ser um homem; as almas dos defuntos privilegiados abandonaram a condição humana na sua ascensão celeste. (ELIADE, 2002, p.40)

Jung (1979) descreve o fenômeno religioso para além de um sistema organizado de crenças, culto ou de doutrinas. Para ele, a religião está intrinsecamente atrelada a uma experiência da consciência que foi modificada pela experiência do numinoso:

Gostaria de deixar claro que, com a expressão “religião”, não me refiro a um credo. Nestes termos, é certo dizer, por um lado, que toda confissão se fundamenta originalmente na experiência do numinosum, mas, por outro lado, também na “pistis”, na fidelidade (lealdade), na fé e na confiança em determinada experiência de efeito numinoso e nas conseqüentes mudanças na consciência; [...]. (JUNG, 1979, p.34)

E é essa experiência do numinoso que se manifesta na consciência, o evento psíquico que se transmuta em fé, que move homens e mulheres em busca do sagrado, da confluência com o divino. Nesse movimento, o melhor do sujeito é externado e, nessa relação de proximidade com aquilo que é santo, a devoção, a fé e a adoração transformam-se em arte – pintura, escultura, música, canto, teatro e poesia. A melhor tradução desse sentimento de pertinência ao Todo, dessa necessidade de transcendência, encontra-se na poesia do Cantador pernambucano Oliveira de Pannels, um belíssimo martelo alagoano, intitulado “Toda terra precisa do seu santo”, em que as duas faces do problema são expostas, de um lado a necessidade, e do outro a ideologia:

Todo santo precisa seu andor
Toda igreja precisa do seu sino
Todo homem já traz o seu destino
Toda ópera precisa seu tenor
Toda vida precisa de um amor
Toda roupa só faz se tiver pano
Todo justo nasceu pra ser humano

Toda terra precisa do seu santo
Vou chamar Padre Cícero por enquanto
E lá vão dez de martelo alagoano

Quem tiver o seu santo padroeiro
Faça preces pensando no trabalho
Quem viver num emprego quebra-galho
Não se meta a gastar o ano inteiro
Quem tiver o ofício de pedreiro
Não procure carrão americano
Porque em tudo é preciso regra e plano
Ninguém pode esperar só pelo santo
Não existe milagre para tanto
E lá vão dez de martelo alagoano

É perdido o sonhar com grande altura
Quando nossos limites são pequenos
Essa história de vida mais ou menos
Isto é só um jogo de cintura
Porque quando a parada fica dura
É comum fraquejar o ser humano
Apelar para a luz do soberano
Porque Deus quando manda é casa cheia
Nunca vi Deus cobrar feijão de meia
Lá vão dez de martelo alagoano

O nordeste sem dúvida é um país
Bem maior do que muitos europeus
Aqui muitos apelam para Deus
Pra cortar todo mal pela raiz
Pela fé, o nordestino é mais feliz
Várias vezes levado ao desengano
Com promessa e com truque leviano
Vive ao povo enganando o tempo inteiro
Com discurso que Deus é brasileiro
E lá vão dez de martelo alagoano.

2.2 A Religiosidade Popular na Literatura de Cordel

2.2.1 Literatura de Cordel e religiosidade popular

“... as religiões sem exceção alguma, estabelecem uma divisão bipartida do universo inteiro, que se racha em duas classes nas quais está contido tudo o que existe. E encontramos assim o espaço das coisas sagradas e, delas separadas por uma série de proibições, as coisas seculares ou profanas”. (ALVES, 1984)

Uma das características principais da LC nordestina é sua diversidade temática que faz com que qualquer tipo de acontecimento possa servir de mote às criações poéticas dos trovadores sertanejos e agrestinos. Desse modo, observamos uma multiplicidade de temas que, trabalhados pelos poetas, vão construindo um retrato de uma época e de um contexto geopoliticamente marcado, em que se destacam ciclos temáticos mais profícuos que outros. Dentro desses ciclos, destacam-se algumas personagens – que, para alguns estudiosos, por si só, já constituem um ciclo temático, devido ao grande número de obras escritas sobre elas – que mereceram atenção especial por parte dos poetas. Neste grupo especial de figuras emblemáticas cantadas pelo cordel, encontram-se os cangaceiros, principalmente Antonio Silvino, Lampião e Sinhô Pereira; os políticos carismáticos, como Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek; e os líderes religiosos, como Antônio Conselheiro, Padre Cícero Romão Batista e Frei Damião de Bozzano, além das devoções populares a santos e santas do panteão Católico Romano, com uma predominância – que esclareceremos adiante – pela Virgem das Dores.

A nossa análise dos aspectos psicossociais presentes na poesia popular nordestina, em níveis de construção textual, tomará como objeto essas personagens que, a despeito de quaisquer problemas que tiveram com a religião oficial e com as autoridades constituídas civis e eclesiais, foram santificadas pela devoção popular, e encontraram na LC a fonte secundária para divulgação e recrudescimento das atividades culturais a elas vinculadas, ou às devoções por elas propostas. As poesias narrativas sobre a vida, os milagres e as vicissitudes de cada uma das personagens estudadas ultrapassam o mero caráter piedoso e passional dos fiéis ou incrédulos, que o poeta reflete, enquanto porta-voz privilegiado da cultura. Em sua arte, ele se coloca em um mais além do contar-cantar uma chamada “história exemplar”, para se situar em um ponto inequívoco, que mitifica ou desmistifica a personagem escolhida. No processo de criação literária, o poeta, enquanto sujeito possuidor de uma fé ou como aquele que duvida, participa ativamente, com sua poesia, na construção e desconstrução dos mitos, pelo fato de a LC ser também um instrumento privilegiado de comunicação, que adentra não

apenas as porteiras e cancelas dos sítios e fazendas, não apenas os umbrais das casas e apartamentos, mas, sobretudo, os corações e mentes de homens e mulheres de uma região.

Quando observamos mais atentamente o processo que levou à quase divinização de alguns líderes religiosos do sertão nordestino, veremos quão grande foi – e ainda é – o papel desempenhado pela poesia de cordel. Se levarmos em consideração que o ciclo temático místico-religioso não se resume àquelas personagens que elegemos como objeto específico de estudo, mas abrange todo um universo de crenças, valores e doutrinas – ainda que embasados por uma ideologia derivada do catolicismo tridentino e ultramontano – que serão fundidas ao longo da história com um outro conjunto de crenças, derivado das influências africanas e indígenas, poderemos, então, avaliar a dimensão dessa poesia popular e seu papel na propagação e manutenção de certos sistemas ideológicos.

As poesias de cordel, nesse ciclo temático, não diferem das dos outros ciclos em seu aspecto formal e estrutural: são compostas em vários estilos (quadras, sextilhas, sete-pés, quadrão e décimas) e formatos (em folhetos de oito, doze, dezesseis, vinte e quatro e trinta e duas páginas). Algumas dessas poesias são marcadas por forte teor doutrinário, com ênfase na defesa da fé Católica Apostólica Romana contra a “ameaça” do protestantismo. Outro grupo segue a linha tradicional de “conselhos” e “exemplos”, que reforçam as prédicas moralizantes dos sermões dominicais. Há ainda aquelas que, vinculadas à defesa da fé e dos bons costumes, fazem-no a partir de narrativas biográficas dos santos, santas, beatos, beatas, padres e papas. Existe também uma grande produção poética que pode ser considerada verdadeira sinopses de livros da Bíblia, principalmente os chamados “apocalípticos”, como o livro do profeta Daniel e o Apocalipse de São João. Finalmente, há um conjunto poético, em que o destaque fica por conta das peripécias do diabo e das histórias fantásticas de encantamento e magia.

Leandro Gomes de Barros inaugura na escritura – aquilo que de certo modo já era corrente na tradição oral das cantorias e repentes – a defesa radical da religião oficial, ante a tímida invasão do cristianismo de inspiração protestante, que desembarcava em terras nordestinas. Em uma poesia satírica intitulada “A alma de uma sogra”, composta por trinta e duas sextilhas setessilábicas, Leandro narra a história de um velho que teve a desventura de ter tido cinco sogras terríveis, sendo a última a pior delas pois, além de possuir todos os defeitos peculiares às sogras caricatas, ela era uma “nova seita”, designação dada na época aos protestantes:

Depois de morta três anos
 Onde sepultaram ela
 Nasceu em cima da cova
 Três touceiras de mazela
Um livro de nova seita⁴³
 Achou-se no caixão dela.

A cobra era nova seita
 Eu conheci o mistério
 E eu pude conhecer
 Que o ato não era sério,
 Tanto que eu disse logo,
 Desgraçou-se o cemitério.

No grupo das poesias “exemplares”, Abraão Batista, o poeta do Juazeiro, professa sua crença no catolicismo romano, a partir da crítica às religiões de origem africana. Em seu folheto de oito páginas e vinte nove estrofes, compostas por setilhas ou sete pés, intitulado “A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se”, o poeta afirma a superioridade de seu credo ao colocar a “macumba” como uma religião demoníaca, “fruto de satanás”, já que seus praticantes têm parte “com as artimanhas do cão”. Também se coloca contrário ao sincretismo popular, tão comum em nosso país, ao chamar de “idiotas” e “católicos vira-latas” aqueles sujeitos – políticos e gananciosos, principalmente – que se afirmam católicos, mas recorrem às práticas da umbanda ou candomblé para solucionar seus problemas amorosos, políticos e financeiros. Como se trata de uma “poesia exemplar”, o poeta não se contenta apenas em mostrar o resultado terrível para aqueles que seguem os caminhos de Satanás, mas faz questão de destacar que sua obra não é ficcional, além de fazer referência, ao longo dos versos, a pessoas conhecidas na comunidade. No final – como uma espécie de nota de rodapé – indica o local, o dia, o mês e o ano do acontecido para que os incrédulos possam comprovar a veracidade da narrativa:

Crato é uma cidade
 que tem **macumbaria**
feiticeiro, pai de santo
 cartomante e magia;
 os **políticos desolados**
 procuram daqueles lados
 uma dica pra seu dia.

O feiticeiro tem parte
com as artimanhas do cão
 quem faz macumba, **não presta**
não pode ser bom cristão
 o macumbeiro é **fruto**
do satanás que é bruto
 destruidor sem ação.

⁴³ Em todas as poesias mantivemos a estrutura e grafia adotada por seus autores, apenas os destaques em negrito são de nossa responsabilidade.

Mesmo assim **a macumbeira**
 tinha grande freguesia
os católicos vira-latas
 ela mesma os possuía;
 o que a velha ganhava
 depressa ela gastava
 como uma **pobre vadia**.

Dona Toinha é exemplo
 pra quem gosta de macumba
 pros políticos que procuram
 cartomante e Negro Zumba
 pros **católicos idiotas**
 que com suas patotas
 dançam com a zabumba.

Certas moças pra casarem
 vão buscar as cartomantes
de manhã rezam a missa
 mas, **à noite**, elegantes
procuram a macumbeira
 dão-lhe o dinheiro da feira
 mascaradas e farsantes.

Antonia Carneiro de Sousa
 daquele fogo morreu
 empurrada ou caída
 isso se reconheceu
 – **quis fazer um despacho**
despachou-se, isso eu acho
 foi o que aconteceu.

Uma forma extremamente rica e interessante encontrada pelos poetas para defender sua tradição religiosa – que geralmente está em consonância com a fé católico-popular de seu público leitor-ouvinte – pode ser apreciada nas inúmeras poesias que versam sobre a vida de santos, beatos, padres e papas, personagens sempre presentes na escritura de diversos poetas neste ciclo temático. Um fato digno de nota é que a personagem tida como santa não necessita ser reconhecida pela Igreja Católica Romana. A canonização popular é suficiente, é a última palavra em termos de reconhecimento de santidade, como se pôde ver nos casos do Pe. Cícero e do Frei Damião – que trataremos separadamente mais adiante. São tantas as poesias e tantos personagens que se torna difícil a tarefa de escolher que santo ou santa tomar como exemplo. Portanto, restringimos o universo hagiográfico para escolher um santo que conta com grande devoção em terras brasileiras, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro: São Jorge, aqui biografado pelo poeta e atual presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, Gonçalo Ferreira da Silva. Em sextilhas setessilábicas, num folheto de oito páginas, compõe uma bela narrativa intitulada “São Jorge: o santo guerreiro nascimento, vida e morte”:

Se o mundo religioso
a paz e o amor prega
se **Jorge o santo guerreiro**
grande multidão congrega
que este poema ajude
esta humanidade cega.

Em duzentos e oitenta
numa manhã setembrina
da nossa era cristã
em Lidda, na Palestina
nascia o menino Jorge
com sua **missão divina**.

O poeta prossegue em sua narrativa, exaltando as virtudes do santo que, desde cedo, manifestava seu amor pelos pobres, chegando ao ponto de dividir sua herança com eles, e sua indignação com as injustiças, principalmente com a perseguição, tortura e assassinato de cristãos, movidos pelo imperador Diocleciano, o que lhe custou a vida, após inúmeros episódios de torturas, das quais saía incólume:

- Vou colocá-lo num **forno**
em alta temperatura
se ele sair dali
sem nenhuma queimadura
prova que é o demônio
em forma de criatura.

O imperador passou
da teoria à ação
botou São Jorge no forno,
depois dessa operação
São Jorge saiu do forno
sem queimadura ou lesão.

Disse Diocleciano
ameaçador e sério:
- Eu gostaria de saber
qual é o grande mistério
que faz com que sacrifícios
sejam pra ti refrigério.

- Como podes suportar
o rigor de tanta dor?
São Jorge lhe respondeu:
- Oh meu cego imperador
é só porque sou leal
a meu Deus e criador.

.....
E dando suavemente
o braço ao vil assassino
caminhou pela estrada
para cumprir seu destino;
soara a hora da morte
era um aviso divino.

Antes de ser degolado

disse para a multidão:
 - Pra vocês a minha morte
 merece meditação
**morro porque já cumpri
 a minha humana missão.**

E em trezentos e três
 da era da cristandade
 a vinte e três de abril
 vinte e três anos de idade
 morria o santo guerreiro
 protetor da humanidade.

O beato mais conhecido no sertão e agreste nordestino – depois de Antônio Conselheiro – foi sem dúvida o Beato José Lourenço, paraibano que, após perambular como penitente⁴⁴ por algumas cidades do sertão nordestino, fixa residência em Juazeiro, tornando-se amigo e um dos mais importantes dos seguidores de Padre Cícero. Em uma terra doada pelo pároco quando ainda vivo, o beato José Lourenço, movido por suas crenças religiosas, fundou a Comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Organizada em moldes socialistas⁴⁵, a comunidade logo atraiu contra si o ódio de todas as forças conservadoras do Nordeste. Era considerada perigosa pelos grandes proprietários de terra e pelo clero do Cariri, pois deixava os fazendeiros sem a mão-de-obra barata e podia significar, na grotesca visão dos poderosos, um embrião do comunismo no sertão nordestino. A exemplo do que aconteceu em Canudos e no Contestado, o movimento religioso e pacifista liderado pelo beato deveria ser destruído, até porque o país vivia em pleno Estado Novo da ditadura Vargas. Rapidamente, é planejada uma ação militar que, por não encontrar resistência, tem como conseqüências a expulsão dos camponeses da terra, a destruição do arraial e a fuga do beato. Tempos mais tarde, o beato José Lourenço funda outra comunidade na serra do Araripe. Embora fosse pacífica, alguns dos seus seguidores, como o beato Severino Tavares, pregam a luta armada de resistência. Um grupo termina enfrentando um pelotão da polícia, resultando na morte do capitão José Bezerra – odiado pelos camponeses por ter comandado a invasão e as violências no Caldeirão – com mais dezoito soldados numa emboscada. A reação foi imediata: aviões do Ministério da Guerra metralham e bombardeiam a nova aldeia do beato Lourenço deixando um saldo de

⁴⁴ São chamados de penitentes todos aqueles indivíduos que fizeram um voto de conservar cemitérios e rezar pelas almas dos mortos junto às cruzes de suas sepulturas nas sextas-feiras de madrugada.

⁴⁵ Famílias de todo o nordeste, a maioria proveniente do Rio Grande do Norte, passaram a viver de trabalho e oração naquele pequeno terreno de 500 hectares no interior do Ceará, que chegou a comportar duas mil pessoas. Ali tudo era feito em sistema de mutirão, e imperava a cooperação. As obrigações eram divididas e os benefícios distribuídos conforme as necessidades de cada um. Na poesia de Abraão Batista, que examinaremos a seguir, ele assim descreve esse contexto: “Todo trabalho se recolhia\ em uma única sociedade\ dinheiro, sem ter valia\ mas tinha sobriedade\ na roupa, casa e comida\ em justa simplicidade”.

destruição – a vila incendiada – e mais de mil camponeses mortos, uma verdadeira carnificina tão bem representada nos versos da Poesia Matuta de Patativa do Assaré:

Por ordem dos militares
avião cruzou os ares
 com raiva, ódio e com guerra
 uma grande carnificina
 contra a justiça divina
 o sangue moveu a terra.

Um dos episódios mais pitorescos da história do beato Lourenço diz respeito a um culto prestado pelos romeiros do Pe. Cícero ao famoso “boi mansinho”. Foi em 1921 que surgiu o boato de que o boi, doado pelo empresário Delmiro Gouveia ao Padre Cícero, para melhorar a raça do gado local, estava sendo adorado pela comunidade. Alguns romeiros chegavam a beber a urina do boi por acreditarem em seus efeitos milagrosos, e também, como captou o poeta, por não existirem serviços de saúde que atendessem à população, levando-a a busca de tratamentos e remédios alternativos. Foi o suficiente para que Floro Bartolomeu, chefe militar e político de Juazeiro, mandasse prender o beato José Lourenço por dezoito dias e ordenasse o abate do boi, num ato denominado por ele de "combate ao fanatismo". Sobre esse assunto o poeta Abraão Batista escreveu um livreto de trinta e duas páginas intitulado “História do beato José Lourenço e o Boi Mansinho”, em que narra, nas 157 sextilhas, a biografia do beato e as aventuras do boi:

Quem não conheceu o beato
 diz ter sido ele ruim
 porém quem o conheceu
 disse também para mim
 que José Lourenço **foi homem**
duma bondade sem fim.

A sua casa era cheia
 de milho, feijão e farinha
 bode, carneiro e peru
 marreco, porco e galinha
desprezado ninguém morria
 desde o velho a mocinha.

Não fazia mal a ninguém
 vivia na solidão
ensinando a gente pobre
 do Padre Cícero Romão
 plantando e colhendo os frutos
 que lhe dava o sertão.

Delmiro Gouveia foi
 um homem de ter visão
 mandou esse boi pro Padre
 para ele no sertão
tirar raça para ter

gado bom e com razão.

Padre Cícero entregou
esse boi pro Zé Lourenço
e ele em Baixa Danta
tratou o boi com incenso
por ser o boi do Padrinho
dispensava carinho imenso.

**Chegaram até a dizer
que aquele boi era santo**
porque santo era o dono
cantavam pra ele um canto
benzendo nas ladainhas
cobrindo-o de seda e manto.

**Até o mijo do boi
gente chegou a beber**
porque sofria de mal
do qual iria morrer
– **remédio de pobre é mato
e médico, estou para ver.**

Os padres que mais foram motivo de composições poéticas na LC nordestina foram o Pe. Cícero Romão Batista e Frei Damião, tanto que podemos – pelo menos no caso do Padrinho Cícero⁴⁶ – considerá-lo já como ciclo temático dado à quantidade de obras produzidas, e acreditamos que o mesmo processo ocorrerá também com o frade capuchinho. Por essa razão, trataremos dessas personagens em tópicos separados, dedicados a cada um deles, pela importância que têm na poesia de cordel.

Em relação às autoridades máximas do catolicismo romano, não encontramos uma produção expressiva, só umas poucas poesias e sempre relacionadas a fatos de repercussão jornalística – morte, atentado, eleição e visitação. A responsabilidade por essa escassa produção poética, em um contexto tão fortemente influenciado pelo catolicismo, talvez se deva, em primeiro lugar ao longo tempo de pontificado da maioria e, em segundo lugar, pelo fato da vida deles não ser tão interessante, dado o distanciamento espacial e existencial dessas figuras para com o público leitor-ouvinte do cordel. A melhor evidência do exposto acima pode ser constatada pela quantidade de obras que versam sobre o papa João Paulo II – cuja eleição foi amplamente divulgada pela mídia, sofreu um atentado amplamente noticiado, visitou o Nordeste do país e morreu em um clima de cobertura total, da agonia ao sepultamento – em comparação a todos os outros. E é justamente sobre a vida dele que o

⁴⁶ O Pe. Cícero Romão Batista ficou mais conhecido como “Padrinho”, como aquele que na falta dos pais assume a responsabilidade de criar e educar o órfão. Para os milhares de “órfãos” do Nordeste, explorados e oprimidos pelas oligarquias, sua figura messiânica era uma esperança e um sinal de que eles não estavam sozinhos.

poeta Gonçalo Ferreira da Silva escreve um folheto “João Paulo II: o fim de um longo pontificado”, quando de sua morte, em que ressalta seu caráter carismático; sua devoção mariana, estabelecendo relação entre ela e o mês de nascimento dele; suas viagens ao redor do mundo; sua humildade em reconhecer os erros da Igreja Católica Romana e ter pedido perdão por isso; e seu pacifismo militante, que o levou a ser indicado para o Prêmio Nobel da paz:

Morreu João Paulo II
o ser humano capaz
de fazer pelo planeta
o que ninguém fez ou faz
porque o sumo Pontífice
foi o **verdadeiro artífice**
de muitos **planos de paz**.

Mil novecentos e vinte
no doce **mês de Maria**,
Dezoito de maio foi
o mais luminoso dia...
bateram plangentes sinos,
diziam celestes hinos
que João Paulo nascia.

Estudando duramente
Karol mostrou seu valor
e **se ordenou sacerdote**
sendo seu ordenador
arcebispo de Cracóvia
que formara em Varsóvia
e de Karol protetor.

A dezesseis de dezembro
de setenta e oito o dia
era de ansiedade
mesclada de alegria;
dizia fumaça simbólica
que a igreja católica
novo papa conhecia.

.....
Com o mundo atravessando
as mais dolorosas crises
João Paulo **espalha amor**
nos mais distantes países,
prega ensinamentos novos
deixando todos os povos
imensamente felizes.

Cumpriu o pontificado
mais importante, talvez;
teve a Igreja Católica
por certo a primeira vez
o sentimento profundo
de **pedir perdão ao mundo**
pelas maldades que fez.

Dentre os folhetos que reproduzem – no todo ou em parte – histórias bíblicas, merece especial destaque a obra composta a “quatro mãos” por Sebastião Paulino e Rouxinol do Rinaré, folheto de oito páginas e trinta e quatro sextilhas setessilábicas com rimas ABCBDB, intitulado “O profeta Daniel e o sonho que o rei esqueceu”. Esse folheto é uma narrativa fiel dos dois primeiros capítulos do livro do profeta Daniel, em que se conta o episódio do sonho do rei Nabucodonosor e a interpretação dada por Daniel. A fidelidade dos autores ao texto bíblico é realmente impressionante, pois constatamos, ao longo da obra, que cada estrofe foi construída a partir de um ou mais versículos bíblicos como pretendemos demonstrar:

Foi **Nabucodonosor**,
O grande rei dos Caldeus,
Sitiou Jerusalém
E dentre o povo de Deus
Levou os **jovens cativos**
Cumprindo os desígnios seus.

O rei requisitou jovens
De uma **formosa aparência**
Que fossem **inteligentes**
Entendidos na ciência
E Daniel foi um deles
Por divina providência.

Ao lermos o texto do primeiro capítulo do livro do profeta Daniel (Dn.1, 3-4) – assim como todos os subseqüentes que passarão a ser referenciados nas notas de pé de página – observamos a belíssima tradução inter-semiótica realizada pelos poetas com a Escritura Sagrada:

Depois, o rei ordenou a Asfenez, chefe dos seus eunucos, que escolhesse dentre os filhos de Israel alguns moços, quer de sangue real, quer de famílias nobres, ⁴nos quais não devia haver defeito algum: deviam ter boa aparência, ser instruídos em toda sabedoria, conhecedores da ciência e subtis no entendimento, tendo também o vigor físico necessário para servirem no palácio do rei. (DANIEL, capítulo 3, versículo, 3)

Nas estrofes seguintes, os poetas destacam a lealdade dos jovens cativos aos Deus de Israel, quando não aceitam ser alimentados com as iguarias do rei, evitando dessa forma contaminar-se com alimentos que poderiam ter sido consagrados aos ídolos, como se pode ler em Dn. 1, 8-15⁴⁷:

⁴⁷ (8) Ora, Daniel havia resolvido em seu coração não se contaminar com as iguarias do rei nem com o vinho de sua mesa. Por isso pediu ao chefe dos eunucos para deles se abster. (9) E Deus permitiu que Daniel alcançasse a benevolência e a simpatia do chefe dos eunucos. (10) Este, porém, disse a Daniel: “Eu temo o rei, meu senhor, que determinou vossa comida e vossa bebida. Se ele vier a notar vossas fisionomias mais abatidas que as dos

Daniel e seus amigos
 Embora prisioneiros
 Foram exemplo de coragem
 Diante dos estrangeiros
Sendo leais ao seu Deus
E aos princípios verdadeiros.

Não aceitando comer
 Toda iguaria real
Somente água e legumes
 Pediram em especial
 E comeram por dez dias
 Sem lhes fazer nenhum mal.

Ao término desses dez dias
 Conforme foi combinado
Vendo o chefe dos eunucos
Cada jovem mais corado
 Continuou o regime
 Por tempo indeterminado.

O mote principal da poesia versa sobre a descrição e interpretação do sonho da estátua compósita que o rei Nabucodonosor esqueceu. Esse episódio é descrito no segundo capítulo do livro de Daniel e tem como finalidade explícita, demonstrar a superioridade do Deus de Abraão, Isaac e Jacó sobre todos os deuses pagãos, seus magos, profetas e adivinhos. E, mais uma vez, com uma fidelidade bíblica “luterana”, os poetas traduzem os signos da escritura do profeta para os versos bem rimados da poesia de cordel:

Um dia **o rei teve um sonho**,
 Que muito lhe perturbou.
 Todos os sábios da corte
 O rei então convocou
 Astrólogos e adivinhos,
 Um a um se apresentou⁴⁸.

Comunica o rei a todos
 Que um sonho havia tido
E aquele que desvendasse
Tinha um prêmio garantido
 Mas antes dissessem o sonho
 Pois ele tinha esquecido⁴⁹.

outros jovens de vossa idade, poreis em perigo minha cabeça diante do rei”. (11) Então Daniel disse ao despenseiro a quem o chefe dos eunucos havia confiado Daniel, Ananias, Misael e Azarias: (12) ”Por favor, põe os teus servos à prova durante dez dias: sejam-nos dados apenas legumes para comermos e água para bebermos. (13) Comparem-se depois, na tua presença, o nosso aspecto e o dos jovens que comem das iguarias do rei: conforme o que notares, assim procederás com os teus servos”. (14) Ele atendeu-os nesse pedido e os submeteu à prova durante dez dias.

(15) Depois dos dez dias, o aspecto deles parecia melhor e eles se apresentavam mais bem nutridos que todos os jovens que se alimentavam das iguarias do rei.

⁴⁸(1) No segundo ano do seu reinado, Nabucodonosor teve sonhos que lhe perturbaram o espírito. E isso a tal ponto que o sono o abandonou. (2) O rei ordenou que convocassem os magos e adivinhos, os encantadores e os caldeus, a fim de que interpretassem os seus sonhos. Eles vieram, pois, e se apresentaram diante do rei.

Entraram todos em pânico
 Por acharem impossível
 Dizer o que não sabiam
 Era uma coisa incabível.
 Morreriam todos eles,
 Foi a sentença terrível⁵⁰!

Entre os sábios, pra ser morto,
 Daniel tava incluído
 Porém tendo acesso ao rei
 Fez-lhe o seguinte pedido:
*Ó rei me conceda tempo
 E te digo o sonho esquecido*⁵¹.

Outra vez foi Daniel
 Ter perante o rei então,
 Este indagou: - Sabe o sonho
 E sua interpretação?
 Daniel disse: - **Na terra
 Nenhum homem sabe, não.**

Porém há um Deus no céu
 Que tudo pode saber
 Revela qualquer mistério
 Por seu infindo poder
**E mostra ao rei no futuro
 O que vai acontecer...**⁵²

Tu, ó rei, viste no sonho
 Uma estátua grandiosa
 Em pé diante de ti
 À vista era pavorosa
 Com a cabeça de ouro fino,
 Reluzente e portentosa⁵³.

Cada parte dessa estátua
 De um metal era feito
 Seus braços eram de prata
 De igual forma seu peito
 Seu ventre e coxas de bronze
 Formando um todo perfeito⁵⁴.
 As pernas eram de ferro

⁴⁹ “[...] (6) Ao contrário, se me descobrires o sonho e a sua interpretação, receberéis de mim presentes, gratificações e grandes honras. Portanto, relatai-me o sonho, com a sua interpretação”.

⁵⁰ (10) Os caldeus responderam ao rei: “Não há homem algum sobre a terra que possa descobrir o segredo do rei. Por isso mesmo, jamais nenhum rei, governador ou chefe propôs tal problema a um mago, adivinho ou caldeu [...]”. (12) A essas palavras encolerizou-se o rei furiosamente e mandou trucidar todos os sábios de Babilônia.

⁵¹ (15) Assim falou ele a Arioc, oficial do rei: “Por que motivo promulgou o rei uma sentença tão premente?” Arioc explicou o caso a Daniel, o qual foi logo ter com o rei para pedir-lhe um prazo: ele mesmo daria ao rei a interpretação.

⁵² (26) Dirigiu-se o rei a Daniel (que tinha o nome de Baltassar): “És realmente capaz de dar-me a conhecer o sonho que eu tive, e a sua interpretação?” (27) Em resposta, diante do rei, Daniel falou: “O mistério que o rei procura desvendar, nem os sábios nem os adivinhos nem os magos nem os astrólogos podem dá-lo a conhecer ao rei. (28) Mas há um Deus no céu que revela os mistérios, e que dá a conhecer ao rei Nabucodonosor o que deve acontecer no fim dos dias. Teu sonho, e as visões da tua mente sobre o teu leito, ei-los aqui [...]”.

⁵³ (31) Tiveste, ó rei, uma visão. Era uma estátua. Enorme, extremamente brilhante, a estátua erguia-se diante de ti, de aspecto terrível.

⁵⁴ (32) A cabeça da estátua era de ouro fino; de prata eram seu peito e os braços; o ventre e as coxas eram de bronze; [...].

Dessa estátua colossal
Os pés de ferro e de barro
De uma forma desigual
Porém trazendo consigo
Um mistério especial...⁵⁵

Foi uma pedra atirada,
Sem vir de nenhuma mão,
Atingiu os pés da estátua
Derrubando-a no chão
E assim todo restante
Sofrera demolição⁵⁶.

.....
Mas a pedra que a feriu
Tornou-se grande na terra
Crescendo de tal maneira
Que parecia uma serra
Com essa visão, meu rei,
Enfim seu sonho se encerra⁵⁷.

Depois de esclarecido o sonho, resta interpretá-lo, demonstrando mais uma vez a superioridade de IAWEH, que além de revelar o misterioso e o oculto ao seu jovem profeta cativo, fornece também a interpretação. Essa teofania no livro de Daniel, acima de tudo, demonstra o amor de um Deus que não abandona seus seguidores fiéis, que os livra da morte e que se comunica com eles. Podemos observá-la em outras passagens bíblicas, em Gênesis, por exemplo, (Gn. 41) quando Deus se comunica com um homem, José, filho de Jacó, dando-lhe o significado dos sonhos do Faraó e, desse modo, salvando seu povo dos sete anos de fome; ou revelando os planos de Herodes a José, marido de Maria, como relatado no evangelho de Mateus (Mt. 2,13), salvando Jesus do massacre das crianças de Belém.

Daniel falou: - Agora
Darei a interpretação
Na sua presença ó rei
Pois o Deus da perfeição
Deu-me poder e ciência
Para dizer-te a razão.

Tal estátua representa
Quatro reinos mundiais
E tu ó rei que dominas
Sobre homens e animais
És a “cabeça de ouro”,
Superior aos demais⁵⁸.
Logo depois do teu reino
Virá um inferior

⁵⁵ (33) as pernas eram de ferro; e os pés, parte de ferro e parte de argila.

⁵⁶ (34) Estavas olhando, quando uma pedra, sem intervenção de mão alguma, destacou-se e veio bater na estátua, nos pés de ferro e de argila, e os triturou.

⁵⁷ [...] E a pedra que havia atingido a estátua tornou-se uma grande montanha, que ocupou a terra inteira.

⁵⁸ (37) Tu, ó rei, rei dos reis, a quem o Deus do céu concedeu o reino, o poder, a força e a honra; (38) em cujas mãos ele entregou, onde quer que habitem, os filhos dos homens, os animais do campo e as aves do céu, fazendo-te soberano deles todos, és tu que és a cabeça de ouro.

E ainda um terceiro reino
 Que terá grande valor
 Será o reino de bronze,
 Um grande dominador⁵⁹:

Os pés de ferro e de barro,
 Desde já fique entendido,
 Refere-se ao quarto reino
 Que será forte e temido
 Porém se tornará fraco
 Porque será dividido⁶⁰.

E por fim, nos últimos dias,
 O senhor suscitará
 Um indestrutível reino
 Que a outro não passará
 Essa é a pedra que vistes
 Que a tudo esmiuçará⁶¹.

Tal como sucedeu a José no Egito que, após a interpretação dos sonhos do Faraó, foi feito administrador geral do palácio e segunda pessoa mais importante do reino, assim também se deu com Daniel, o qual, após obter o reconhecimento do rei da supremacia do Deus de Israel sobre todos os deuses pagãos, é honrado e exaltado à categoria de governador de toda a província de Babilônia e chefe supremo de todos os sábios, conforme o texto de Dn. 2.46-48:

**- Teu Deus é o Deus dos deuses,
 Disse o rei admirado.**
 E como Senhor dos reis
 Merece ser respeitado
 Por esse grande mistério
 Que a mim foi revelado.

**Daniel foi muito honrado
 Por Nabucodonosor.**
 Para chefiar os sábios
 Ele o fez superior
 E de toda uma província
 O pôs por governador.

Um outro elemento de suma importância nesse ciclo temático e que desnuda o teor reacionário da ideologia religiosa aparece nas obras cujo núcleo narrativo são as crendices e lendas que abundam no imaginário popular, mas especificamente na referência constante ao “diabo”, significante que habita o imaginário humano desde o início da história

⁵⁹ (39) Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu, e depois ainda um terceiro reino, de bronze, que dominará a terra inteira.

⁶⁰ (40) Haverá ainda um quarto reino [...] (41) Os pés que viste, parte de argila de oleiro e parte de ferro, designam um reino que será dividido [...].

⁶¹ (44) No tempo desses reis o Deus do céu suscitará um reino que jamais será destruído, um reino que jamais passará a outro povo. Esmagará e aniquilará todos os outros reinos, enquanto ele mesmo subsistirá para sempre.

da humanidade e que sempre esteve presente nas criações artísticas e literárias de todos os povos. A crença nos espíritos, bons ou maus, remonta ao paleolítico e mantém uma profunda relação com os rituais agrários de fertilidade, em que os espíritos dos mortos e deuses locais eram invocados para o favorecimento da colheita. Da primitiva religião totêmica, até a atualidade, o diabo passou por inúmeras modificações, fruto de condensações e deslocamentos, chegando a sua forma atual: representante supremo de todo mal, porém carregado de ambigüidade.

Nas peijas e nas histórias, o diabo aparece também expressando esse traço de ambigüidade, e é utilizado pelo poeta, em conformidade com o imaginário popular, assumindo o aspecto físico das ilustrações dos catecismos, e recheado de elementos que desmascaram o racismo de nossa gente, já que o diabo é geralmente representado em seu formato humano como um indivíduo da raça negra⁶². Na “Peleja de Manoel Riachão com o Diabo”, Leandro Gomes de Barros inicia com uma descrição pormenorizada da figura demoníaca, encarnada num sujeito de descendência africana:

Riachão estava cantando
Na cidade de Açú,
Quando apareceu um **negro**
Da **espécie de urubu** –
Tinha a camisa de sola
E as calças de couro cru.

Beijos grossos e virados
Como a sola de um chinelo;
Um olho muito encarnado,
O outro muito amarelo –
Este chamou Riachão
Para cantar um duelo.

Riachão disse: - eu não canto
Com **negro desconhecido**,
Porque pode ser **escravo**
E andar por aqui fugido –

Isso é dar cauda a nambu
E entrada a **negro enxerido!**

Vejo um **vulto tão pequeno**
Que nem o posso enxergar;
Julgo que nem é preciso
Nem a viola afinar –

⁶² Para alguns autores, entre eles, Clóvis Moura, isso revelaria a atitude preconceituosa de alguns poetas; já para Marco Haurélio isso se deve a fidelidade dos poetas em suas adaptações de contos e histórias possivelmente européias, que retratam o diabo dessa maneira. Entretanto, um olhar atento às produções de cordel do último século, vai dar razão ao sociólogo Moura, já que o racismo que aparece no cordel não é exclusividade do autor do folheto, senão, do público leitor-ouvinte também.

Pela ramagem da árvore,
Vê-se o fruto que vai dar!

Riachão disse consigo:
– **esse negro é um danado!**
Esse saiu do inferno,
Pelo demônio mandado,
E para enganar-me veio
Em um negro transformado!

O negro-diabo é definido como da espécie de urubu, beijos de sola de chinelo, olhos vermelhos e amarelados, enxerido, danado, enganador e desprezível. Delineia-se a ideologia racista do branco colonizador, valendo-se dessa “superioridade racial”, transportada para o terreno religioso, para mais uma vez oferecer justificativas para o sistema de dominação escravocrata⁶³. O negro equivale ao Mal, ao diabo, ao “cão”, cabendo ao branco – e aos mestiços de tez mais clara – representar alegoricamente o Bem. Basta olhar os antigos catecismos, com seus desenhos de anjinhos loiros e seus olhinhos azuis, e as obras de arte, em que a figura de Jesus Cristo em nada lembra os traços raciais de um judeu do primeiro século.

Em outros versos – na mesma obra – o diabo transita entre universos paradoxais, mostrando-nos o caráter dúbio da sua figura, fusão do bem e do mal, amálgama quase impossível, de tendências inconciliáveis em nossa mente consciente:

– Eu já canto há muitos anos,
Não vou em toda função!
Arranco pontas de touro,
Quebro o furor do leão –
Nunca achei esse duro
Que para mim tenha ação!
.....
– Eu sei do dia e da hora
Que nasceu seu bisavô:
Chamava-se Ana Mendes
A parteira que o pegou
E conheci muito o frade
E vi quando o batizou.
.....
– **Eu protejo você tanto,**
Que o defendi de morrer:
Você se lembra da onça
Que uma vez quis lhe comer?
Que apareceu um cachorro
E fez a onça correr?

⁶³ Leandro Gomes de Barros fez parte de uma geração recém saída de um modelo escravagista, sustentáculo da economia agrária do país que com a assinatura da Lei Áurea sentiu-se prejudicado. Tal modelo era amplamente reforçado pela Igreja Católica, que assim como os latifundiários, também possuía escravos, daí esse racismo ter sido não só justificado, mas respaldado no seio da sociedade de então.

Nos versos acima, somos confrontados com o diabo poderoso, intrépido, onisciente e protetor, o que parece entrar em contradição com seus aspectos maléficos. Nosso psiquismo inconsciente convive muito bem com os contrários, e os indivíduos, “sem saber”, temem e desejam a um só tempo, o que faz do diabo um elemento muito forte no imaginário social de um povo, cujo mundo simbólico é revestido por dois caracteres: o sagrado e o profano.

Na última estrofe, o poeta, ainda criança, é salvo pelo diabo de ser devorado pela onça: qual o sentido dessa atitude nada diabólica? Porque o diabo aparece com frequência nos folhetos de cordel? A resposta pode ser encontrada a partir da análise do imaginário social dessa sociedade de características que lembram aquelas da era medieval, que viveram – em algumas micro-regiões ainda vivem – entre a cruz e a espingarda. A junção da ideologia católica romana do colonizador branco com as crenças dos nativos e dos escravos africanos oferece subsídios que respondem às nossas indagações: o sincretismo concretizado em terras brasileiras deixou como marca indelével um imaginário social místico-religioso, em que o fantástico e o maravilhoso abundam, e estão profundamente enraizados na mente do povo. Nem mesmo todo avanço das telecomunicações tem sido capaz de modificar a crença de alguns em botijas, lobisomens ou no poder e dubiedade do caráter do diabo.

Em um trabalho dedicado ao exame da história do pintor Christoph Haizman – que dizia ter feito um pacto com o diabo –, Freud (1907) afirma que:

A nossos olhos, os demônios são desejos maus e repreensíveis, derivados de impulsos instituais que foram repudiados e reprimidos. Nós simplesmente eliminamos a projeção dessas entidades mentais para o mundo externo, projeção esta que a Idade Média fazia; em vez disso encaramo-las como tendo surgido na vida interna do paciente, onde têm sua morada. (FREUD, 1907, p.15)

E mais adiante, no mesmo trabalho, Freud coloca o diabo na condição de substituto paterno, fruto da ambivalência que rege a relação do sujeito com seu pai. Dessa forma, os demônios seriam criações fantasmáticas, resultante da atitude hostil da criança para com seu pai, decorrente do desejo de morte e ódio ciumento – que alimentam o complexo de Édipo – e o conseqüente temor que tais desejos suscitam. Na LC, o diabo aparece representado com essa ambivalência: ora representa o mal, ora é tido como aliado. Tal atitude é típica da relação da criança com seus pais, que oscilam entre bem e mal continuamente.

A figura do diabo transita nesse continente oscilante entre o sagrado e o profano. Desloca-se das “representações infantis” as “realidades presumidas” dos adultos, que funcionam

na lógica inconsciente do “eu sei, mas mesmo assim...”. Nesse caldeirão mitológico, a representação de Deus também está sujeita à ambivalência, atestando, com isso, a fragilidade da fronteira que delimita o “bem” do “mal”. A dialética estabelecida entre o sagrado e o profano é fruto incontestável da ideologia de um segmento dominante na sociedade em um determinado tempo, e utilizada como instrumento de dominação de um grupo sobre a maioria dos indivíduos e isso desempenha relevante papel na construção textual. Nas sociedades dominadas pelo catolicismo romano, o inferno – com sua legião de demônios – era o destino daqueles que não rezassem por seu catecismo, e sua autoproclamada autoridade divina preconizava o comportamento aceitável e mesmo obrigatório para os indivíduos, sob pena de ser excomungado ou, pior, queimado vivo, depois de ser torturado nas masmorras da Inquisição. O castigo era aplicado não só àqueles que transgrediam a norma vigente, mas a todos que tivessem a infelicidade de que alguma autoridade clerical ou governamental suspeitasse de possível heresia ou tivesse interesses em suas propriedades⁶⁴.

Enquanto ferramenta ideológica, o diabo tem servido muito bem às classes dominantes, quando lhe é imputada a culpa por inúmeros problemas sociais, como os crimes, ou quando atua como regulador da moralidade, a serviço do poder clerical, em sua associação com o Estado. Desde criança, é ensinado ao sujeito que não deve transgredir as leis da Igreja Católica – pois seria o mesmo que afrontar Deus – sob o risco de ser “levado pelo diabo”, “morrer e ir direto para o inferno”, “virar bicho” etc. São elementos ideológicos moralizantes, que mantêm, sob o jugo do medo, homens e mulheres de uma cultura, cujo imaginário se alimenta desse húnus tão bem representado nessa poesia popular narrativa do Nordeste do Brasil.

O fantástico – associado às manifestações satânicas – é também um mote privilegiado. Encantamentos tais como transformações de humanos em animais, associações de religiões não-católicas com seitas demoníacas e histórias de esperteza de humanos em pactos ou contendidas com satanás – ciclo do diabo logrado – são abundantes em todos os períodos da LC. O poeta e xilogravador pernambucano, internacionalmente conhecido, José Francisco Borges, em seu pequeno folheto de cinco páginas, intitulado “A fundação da igreja e o papa do diabo”, composto em sextilhas setessilábicas com rimas ABCBDB, constrói um texto em que se mesclam profecias escatológicas e conselhos exemplares, para que se evite a

⁶⁴ Sobre o confisco dos bens dos réus durante a Inquisição ver o estudo “Inquisição: poder e política em nome de Deus” de Liliane Pinheiro da Luz, que utilizou como fonte histórica o Manual dos Inquisidores de 1376. In: www.cav-templarios.hpg.ig.com.br/confiscos. Para alguns autores o confisco de propriedades e bens constituía a principal meta da Igreja Católica Romana.

danação eterna pela atenção e devoção aos ícones centrais da religiosidade nordestina: Pe. Cícero, Frei Damião e a Virgem das Dores:

Leitores **o mundo** velho
já esta quase no fim
 cada dia que se passa
 aparece mais um pantim
 escândalo orgia e dito
 e tudo quanto é ruim.

 Este mundo está dizendo
 brevemente eu me acabo
 que **a metade do povo**
já viraram cão sem rabo
 e agora vão levantar
a igreja do diabo.

A sede é em Sergipe
 já está em construção
 pertinho de Aracajú
 é **a igreja do cão**
 e **já tem vários adeptos**
 pra esta religião⁶⁵.

Mais adiante, o autor coloca seu posicionamento delimitando as fronteiras de seu credo em oposição às apregoadas obrigações da igreja satanista, conselhos que envolvem: a) práticas amorais: mais uma vez a insistência típica dos cordéis moralizantes em associar sexualidade (namoro/chumbregação e gandaia/safadeza) a práticas diabólicas; b) rituais, louvores e vestimentas: percebemos aqui a tentativa de assemelhar os rituais satânicos aos cultos afro-brasileiros da Umbanda e do Candomblé (uso de velas coloridas, “baixar espírito”, hinos de xangô, uso de bermuda e mini-saia); c) inversão dos valores cristãos adotados pelos seguidores dessa seita demoníaca, ligados apenas às coisas materiais (gozar a vida, possuir bens e riquezas). Para dar credibilidade ao seu relato e alertar ao público leitor-ouvinte das conseqüências desastrosas para aqueles que aderem ao satanismo (ter sua alma levada para as chamas infernais), ele invoca os principais representantes do catolicismo popular nordestino – Frei Damião e o Padre Cícero:

Os conselhos é dizendo
 vamos adorar ao cão
 que ele nos traz **riquezas**
saúde e disposição
 carro novo e mulher boa

⁶⁵ O líder dessa congregação satânica é Luis Howart, que se dizia católico até deixar a Igreja Católica Romana aos sete anos de idade. Desde então, vem pregando suas idéias e preparando outros “papas” para o demônio, pois, segundo afirma, o diabo não é ruim, porque veio do céu e Deus não teria feito algo ruim. Diz ainda que o demônio não pode fazer milagres, entretanto sua igreja é freqüentada por pessoas que procuram três coisas na vida: dinheiro, amor e saúde. Pessoas de todas as crenças e religiões, como católicos, praticantes do candomblé, quimbandistas, kardecistas, esotéricos, umbandistas e maçons.

namoro e chumbregação.

Para adorar o Diabo
usa **velas** pretas e rosas
amarelas e vermelhas
que são as mais poderosa
pra **baixar o mal espírito**
com palavras perigosas.

O traje de adoração
é bermuda e mini-saia
o hino é de xangô
o ambiente é **gandaia**
e o **batismo** é **safadeza**
feitas na beira da praia.

Ali **não fala em santos**
nem em Deus nem em Jesus
não se **benze** e não se **ajoelha**
é proibido usar a cruz
só tem retrato do diabo
e o essêcio fede a pus.
.....

Frei Damião quando soube
desta falsa pregação
fez um apelo ao povo
da santa religião
pra nós se pegar com Deus
e a Virgem da conceição.

Quem for a esta igreja
e adorar satanás
na hora de sua morte
vem os anjos de caifaz
e **levam a sua alma**
para as chamas infernais.

Diz ele o Papa Diabo
na sua pregação forte
que quem seguir com fé
melhora muito de sorte
enrica e goza a vida
até quando vim a morte.

O Padre Cícero falou
ao povo sem carinho
que antes de chegar 2 mil
se apertava o caminho
e agora está se vendo
o que disse nosso padrinho.

Leitores aqui encerro
mando-lhe **meus conselhos**
vamos **adorar a Deus**
fazer prece de joelhos
porque quem pensa no diabo
fica de olhos vermelhos.

Tanto na literatura popular quanto na erudita, observamos manifestações racistas, algumas mais sutis, outras mais declaradas, mas sempre apontando características depreciativas para os negros e afro-descendentes que, graças à divisão desigual do trabalho – lembremos que os primeiros a pisar em solo brasileiro vieram como escravos – coube-lhes um papel menos prestigiado na formação de nossa sociedade. Desse modo, como bem salienta Semog (2007):

[...] o racismo existe como uma prática do modo cultural brasileiro. É um sistema, obedece a uma metodologia, e na literatura, expressão máxima da inteligência nacional, ele se manifesta objetivamente ao longo dos séculos, por meio das obras dos nossos melhores autores, tais como Aluísio de Azevedo, José de Alencar, Monteiro Lobato, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira; são poucos os citados aqui, mas a relação é imensa, pois os negros, as crianças negras, as adolescentes negras, as mulheres negras, os velhos negros, e suas existências subjetivas e objetivas, são fontes inesgotáveis de criação. São autores de reconhecida importância, não só aqui, como também pelo mundo a fora. Mas se observarmos a forma como surgem as personagens negras em suas obras, vamos encontrar sempre os mesmos estigmas: mulheres lascivas, fogosas e fofas, homens ignorantes e irresponsáveis, crianças animalizadas, e no geral um povo bestializado, desprovido de um sentimento de carinho, de respeito, de esperança, de amor, ou de alguma manifestação, ao menos próxima, do que se pode identificar como herança humana⁶⁶.

O racismo, que vimos na associação negro-diabo nas obras do cordel, também aparece na “inocente” marchinha carnavalesca “O teu cabelo não nega” de 1931, composta por Lamartine Babo, em parceria com os irmãos Valença. Na música, a mulher negra não é associada ao diabo, mas é igualmente colocada em posição de inferioridade racial, pois, apesar de não ser integralmente negra, tem em seus cabelos a marca da negritude que não nega sua origem inferior:

O teu cabelo não nega mulata
 Porque és mulata na cor
 Mas como a cor não pega mulata
 Mulata eu quero o teu amor

Tens um sabor bem do Brasil
 Tens a alma cor de anil
 Mulata mulatinha meu amor
 Fui nomeado teu tenente interventor

Quem te inventou meu pancadão
 Teve uma consagração
 A lua te invejando faz careta
 Porque mulata tu não és deste planeta

Quando meu bem vieste à terra
 Portugal declarou guerra

⁶⁶ SEMOG, Éle. Poetas negros, movimentos negros e alguma vida. Disponível em: www.poesianarede.com.br. Acesso em: 10 jul. 2007.

A concorrência então foi colossal
Vasco da Gama contra o batalhão naval.

A mulata de corpo perfeito, simétrico, glúteos salientes e sensualidade extrema ao sambar, é a melhor definição, em imagem, da palavra sedução. Esse matiz de sensualidade da mulata é, em si, uma característica demoníaca, pois há em nossa cultura uma associação entre sexo e pecado, e o diabo certamente toma parte nisso. O poeta não fica indiferente à beleza da mulata e parece suspirar aliviado ao exclamar que “a cor não pega”, pois abre uma possibilidade de tê-la como amante, sem se macular com sua inferioridade racial. Acrescente-se a isso o desejo do retorno à época da escravidão (ser o seu tenente interventor), que aparece também na canção “Mulata assanhada” de Ataulfo Alves (1957), em que o poeta expressa metaforicamente seu desejo: “Ai meu Deus que bom seria/ se voltasse a escravidão/ Eu prendia essa mulata/ no fundo do meu coração”.

Em outra composição clássica da MPB intitulada “Da cor do pecado”, composição de Bororó (1939), essa cor (morena, mulata, cor de mula) é descrita como “a cor do pecado que faz tão bem”, em nítida associação do afro-descendente com o demoníaco, a lascívia, a luxúria, a desmedida sexual, que o assemelha aos animais. Apesar dos elogios ao corpo da amada, que é descrito como cheiroso, gostoso e capaz de enlouquecer; apesar de seu beijo inesquecível, de sabor diferente; apesar dessa paixão que enlouquece, uma hora a “maldade da raça” se manifesta.

Esse corpo moreno
Cheiroso e gostoso
Que você tem,
É um corpo delgado,
Da cor do pecado
Que faz tão bem.

Esse beijo molhado, escandalizado,
Que você tem
Tem sabor diferente
Que a boca da gente jamais esqueceu.

Quando você me responde
Umás coisas com graça
A vergonha se esconha
Porque se revela a maldade da raça
Esse cheiro de mato,
Tem cheiro de foto, saudade, triteza
Essa simples beleza, teu corpo moreno enlouquece.
Não sei nem porque
Só sinto na vida o que vem de você.

No artigo “O ciclo do Demônio logrado na Literatura de Cordel” publicado na página eletrônica da Editora Luzeiro – uma das mais tradicionais editoras e possuidora de um grande e representativo acervo da LC, o poeta e atual curador da Editora Haurélio (2006)⁶⁷ afirma que:

A literatura popular em verso, ao adaptar os contos tradicionais, transpôs para o universo do cordel o ciclo do demônio logrado, segundo a classificação de Câmara Cascudo. Diferentemente do Mefistófeles do Fausto, de Goethe, o demônio da novelística popular é invariavelmente ludibriado por aqueles com quem aposta.

Em seu artigo, o autor analisa três obras que considera exemplares nesse ciclo temático: “A mulher que enganou o diabo”, de Manoel D’Almeida Filho; “A história de João Soldado”, de Antônio Teodoro dos Santos; e, “O velho que enganou o diabo”, em versão reescrita por Manoel D’Almeida. Aqui, examinaremos a última delas “O velho que enganou o diabo”, porém em versão diferente, assinada pelo poeta José Antonio Torres ou Zé Catolé; este folheto – oito páginas, trinta e duas estrofes em sete pés, com rima ABCBDDDB – segue o padrão das histórias de pactos em que o demônio se compromete a realizar algumas tarefas, que sempre envolvem gozo material, em troca da vida do pactuante, que se utiliza de uma arma demoníaca para derrotar o diabo: a trapaça.

A história inicia com as queixas de Braz, um filho da nobreza, que se transformara num velho e pobre agricultor, desgostoso da vida por não poder trabalhar em seu pequeno roçado alugado, e pede a Deus – o que não deixa de ser contraditório, porque, ao clamar aos céus, o socorro vem do inferno – que o livre do trabalho alugado e lhe dê um pouco de descanso:

Havia numa cidade
um homem já **velho e pobre**
ele com muito desgosto
por ser de **família nobre**
o nome dele era Braz
porém com o satanás
o velho **arrumou um cobre**.

O velho se maldizia
por não poder trabalhar
tinha um roçado pequeno
e não podia o tratar
além de **velho cansado**
só trabalhava alugado
a vida era lastimar.

O velho Braz sempre dizia

⁶⁷ www.usinadaspalavras.com/ler .

ai meu Deus se eu alcançasse
 um **descanso** em minha vida
 que facilmente eu passasse
sem trabalhar alugado
 tratando do meu roçado
 ah! Se Deus me ajudasse.

Um dia este velho estava
 trabalhando no roçado
 quando **foi chegando um negro**
 de cabelos aguaribado
 e disse ao velho assim
 a tua vida é ruim
vou te fazer melhorado.

Na seqüência, o velho Braz pede explicações sobre o tipo de ajuda proposta pelo “negro diabo” e sobre as condições que teria que cumprir para recebê-la, mas sabendo de antemão que se tratava de um enviado do inferno. A proposta do diabo é a mesma de sempre, em qualquer história de pacto na Literatura Universal: oferecer felicidade material, geralmente associada a riquezas e bens – em oposição à felicidade espiritual numa outra existência, proposta pelo cristianismo – em troca da vida (nesse caso o sangue) do sujeito:

Vim dar-lhe **uma proteção**
 que tenho força e vontade
 de **trabalhar pra você**
 sério sem haver maldade
 vim aqui lhe proteger
 o **meu intento é fazer**
a sua felicidade.

Disse o velho então explique
 este negócio direito
 para eu ficar ciente
 se para mim terá jeito
 quando você explicar
se não me prejudicar
e me servir eu aceito.
 Respondeu o negro assim
meu pai sofre de uma fraqueza
sangue humano é o remédio
 se deres o teu com certeza
 eu sou o teu camarada
não te faltará mais nada
se acaba a tua pobreza.

O velho disse consigo
eu engano este ladrão
eu sei que é Lúcifer
 porém não faço questão
comigo ele se embaraça
 porque trabalha de graça
 o inverno e o verão.

A partir de então, segue-se a narrativa descritiva do pacto: o sangue nobre do velho Braz que servirá como remédio para a enfermidade de Lúcifer, em troca de riquezas oriundas do trabalho do “negro diabo” – são três serviços, porém um deles de impossível execução – que, se não fizer tudo quanto lhe for mandado, perde o direito adquirido com o pacto, liberando o pactuante do cumprimento da promessa feita. Diversos elementos do imaginário mítico estão presentes nessa narrativa, dos quais dois deles ocupam papel central na trama: o sangue, enquanto alimento – remédio – que evoca a lenda européia do vampiro e também o canibalismo; e a cruz, símbolo máximo da cristandade, transformada numa espécie de amuleto, mostrando sua eficácia no afastamento dos maus espíritos e demônios:

Disse o velho dou meu sangue
 pra você seu pai curar
 porém **se você fizer**
tudo quanto eu lhe mandar
 a você eu não iludo
se não fizer perde tudo
 não tem a quem se queixar.

O negro disse está feito
 já vi que a coisa vai
vou trabalhar noite e dia
 a sua pobreza sai
 por você me sacrificio
depois de você bem rico
 é que vou curar meu pai.

Quando não tiver mais nada
 de serviço pra fazer
 o senhor **fura seu corpo**
e deixa o sangue correr
 lhe explico neste instante
 daquela hora por diante
fico com parte em você.

Disse o velho muito bem
 vá me fazer **um cercado**
 com **estaca de primeira**
 e com arame farpado
 um **curral grande** e bem feito
 e só fico satisfeito
 ele **completo de gado.**

O velho disse ao negro
 você vá tirar o grude
 amanhã bem cedo venha
 para **fazer um açude**
 disse o negro eu não amolgo
 para fazer faço logo.
 que tenho muita saúde.

Disse o negro onde quer
 que o açude eu vá fazer
 disse o velho no cercado

para meu gado beber
o negro saiu danado
sem dar parte de enfadado
já perto de escurecer.

Disse o velho agora **faça
casas pra meus moradores**
faça **cem casas modernas**
para residir doutores
não quero casa ruim
todas elas com jardim
completa com todas flores.

Após a realização dos três trabalhos, o negro vem colher o sangue do velho, mas descobre que ainda resta um serviço, justamente aquele que se revelará impossível a um diabo pois, ao brocar o terreno, ele teria que pegar na cruz, lá escondida no meio do matagal:

O negro disse ao velho
o sangue agora eu vim ver
do bolso puxou um frasco
dizendo este é pra encher
disse o velho é muito cedo
parece que está com medo
ainda tem o que fazer.

Disse o negro já fiz tudo
que o senhor tem mandado
já fiz casas e jardins
já fiz açude e cercado
eu sofro de uma fadiga
se tem mais serviço diga
Eu sou um pouco vexado.

Disse o velho ao negro
preste atenção bem a mim
**vá amolar a sua foice
e roce aquele capim**
que tem dentro do cercado
o negro ficou zangado
achando a coisa ruim.

**Porque no dito capim
tinha uma cruz enfincada**
a cruz lá já era antiga
de matos bem rodeada
e o velho já sabia
que o diabo perdia
por causa da cruz sagrada.

.....
O velho disse ao negro
tu deixaste o mato inteiro
o sacrifício só é
devido aquele cruzeiro
por isso você estranha
**meu sangue você só ganha
brocando o mato primeiro.**

Nosso trato foi assim

quero é o serviço feito
 disse o negro estou perdido
 mas assim não me sujeito
 o negro tomou canudo
o velho ficou com tudo
o cão perdeu o direito.

Nossa última poesia desse ciclo reúne vários elementos referidos acima. Em “O advogado, o diabo e a bengala encantada”, de Marcos Mairton da Silva, em folheto de dezesseis páginas, composto por cinquenta e sete setilhas setessilábicas, com rimas ABCBDDDB, temos um diabo à procura de ajuda e compreensão. Insatisfeito por ter sido expulso do céu e se sentindo injustiçado, o diabo procura um advogado para tentar “melhorar sua imagem”, em troca promete-lhe fama e riqueza:

Meus amigos e amigas
 o caso que eu vou contar
 ocorreu em Fortaleza
 na calçada de um bar:
Fingindo ser meu amigo
o diabo bebeu comigo
 e depois não quis pagar.

- Boa noite cidadão,
 posso me sentar aqui?
 Pra ouvir sua conversa
 e você também me ouvir?
 Tomarmos uma cerveja
 comer um pouco que seja
 desse feijão com pequi?

Eu disse: - Não lhe conheço,
 mas tenho educação.
 Se quer beber, vá bebendo,
 pode comer do feijão,
 mas antes se identifique
 até pra que eu não fique
 pensando que é ladrão.

O cabra disse: - Pois não,
eu sou muito conhecido
 e embora com você
 eu nunca tenha bebido
 se eu contar minha história
 e você tiver memória
 vai ver que eu não sou bandido.

Faz muito tempo que eu ando
 por esse mundo cruel
 viajando sem destino
 vagando sem rumo ao léu
desde que, por uma intriga,
me meti em uma briga
logo com o dono do céu.

Foram dizer para ele

que eu havia falado
 que ao povoar a terra
 ele havia se enganado
 pois num mundo tão bacana
 não podia a raça humana
 por aqui ter se espalhado.

E, de fato, eu tinha dito
 mas sem qualquer intenção
 que **ao entregar o planeta**
 a essa população
ele condenou a Terra
 à violência e à guerra
 não havia salvação.

Uma terra tão bonita
 e natureza tão bela
 que Ele desse para mim
 e eu viveria nela
se ele me criou perfeito
 eu saberia o jeito
 de cuidar muito bem dela.

Quando Ele soube o que disse
 mandou logo me chamar
 perguntou: “É o que desejas?
 É lá que queres morar?
 Seja feita a tua vontade
junto com a humanidade
haverás de habitar”.

Desde então **vivo na Terra**
com a determinação
de provar que eu tava certo
 em minha avaliação:
 mostrar que a humanidade
 não detém capacidade
 de cuidar desse rincão.

É por isso que se diz
que eu sou o rei do mal
 mas mal mesmo é o homem
 eu **sou um anjo, afinal**
 eu **só faço incentivar**
 o homem a se enterrar
 no seu próprio lamaçal.

A poesia de Mairton é duplamente surpreendente: primeiro, porque mostra uma faceta do diabo dificilmente encontrada na LC, pois, nunca se viu um diabo buscando reabilitação e justificando sua ação na terra. Porém, o que mais se destaca, é ódio por ter sido banido da corte celestial; segundo, pelo forte teor teológico, ao discorrer sobre temas delicados como “pecado” e “tentação” e ao dialogar com alguns textos bíblicos, tais como a primeira carta do apóstolo João (I Jo), o Apocalipse (Ap) e o livro do profeta Ezequiel (Ez).

Em I Jo. 3, 8 lemos: “Quem comete pecado é do diabo; porque o diabo peca desde o princípio. Para isto o Filho de Deus se manifestou: para destruir as obras do diabo”. O pecado do diabo foi ter desafiado o Criador, “a intriga” e a “briga com o dono do céu” foi, de acordo com os textos canônicos, fruto do desejo de ser maior que Deus, de tomar-lhe o poder e de ser o centro da criação. Percebemos na narrativa poética quão bem o poeta se apropria do texto bíblico, para, numa releitura criativa, colocar a questão da queda do diabo na oposição a Deus, devido à inveja, pois Deus criara um paraíso para colocar nele seres humanos e não um “anjo tão preparado” quanto se imaginava Lúcifer. No livro do profeta Ezequiel, encontra-se parte da justificativa do diabo para contender com Deus pela primazia na terra: “Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que em ti se achou iniquidade (Ez. 28,15)”, ou, como escreveu o poeta acima “Ele me criou perfeito”.

O que causou a queda de Satanás? Na Bíblia encontramos algumas respostas no livro do profeta Ezequiel (28,17): “Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor; por terra te lancei [...]”; e, no livro do profeta Isaías também encontramos outra explicação para queda:

Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filha da alva! Como foste lançado por terra tu que prostravas as nações! E tu dizias no teu coração: eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, nas extremidades do norte; subirei acima das alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo (Is. 14, 12-14).

A soberba e a inveja levam os anjos, anteriormente perfeitos, a serem lançados na terra. Uma vez nela, sua função seria – como traduz o poeta – “incentivar os homens a se enterrar em seu próprio lamaçal”, ou seja, viverem uma vida de pecados, afastados de seu criador. A maneira pela qual Satanás intervém nos destinos da humanidade é chamada na Bíblia de tentação, e o protótipo da tentação demoníaca pode ser lido no Evangelho de Mateus (Mt 4,1), quando Jesus é levado em espírito ao deserto para ser tentado pelo diabo, que lhe faz dois pedidos para que prove ser o filho de Deus (transformar pedras em pães e se lançar do ponto mais alto do templo), no que é prontamente repreendido (“não só de pão vive o homem” e “não tentarás o Senhor teu Deus”). Além da oferta de glória e riquezas, em troca de adoração, que é também rechaçada com veemência (Mt 4, 10): “Para trás, Satanás, pois está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus, e só a ele servirás”. Essa última oferta – poder e riquezas – vai aparecer como modelo de tática demoníaca ao longo da história, para subverter os caminhos do homem espiritual, cuja imersão no mundo dos prazeres materiais, que o dinheiro proporciona, se afastá-lo-ia cada vez mais dos caminhos que levam a Deus. Quando o diabo pede ao

advogado que melhore sua imagem, pois já está cansado de ser “tão caluniado”, o que oferece em troca é justamente fama e riqueza suficiente para realizar os sonhos do homem comum:

O que é isso, doutor,
 não rejeite esse cliente
 o senhor vai ser **bem pago**
vai enriquecer de repente
 vai ganhar **tanto dinheiro**
 que até seu perdigueiro
 vai ter banho de água quente.

Vai ter **casa com piscina,**
cinco carros na garagem
passar no estrangeiro
 todo mês uma viagem
 e pra ganhar tudo isso
 quero só seu compromisso
 de melhorar minha imagem.

Essa história, seu diabo,
 eu já conheço de perto
 desde **quando tu tentaste**
o bom Jesus no deserto
 não me prometa mais nada
 a conversa tá encerrada
 vá embora que é o certo.

Todo o restante da poesia vai tratar das conseqüências desse pacto frustrado. Ao não aceitar a proposta do diabo, e ainda humilhá-lo, perdendo-o por não ter dinheiro para dividir a conta, tem início um duelo que culmina com a intervenção mágica do “padrinho Pe. Cícero”, que empresta seu bastão encantado (espécie de varinha de condão ou Excalibur), pondo fim ao combate, com a derrota do príncipe das trevas e de sua legião de demônios, e a conseqüente exaltação do advogado farrista, que pede àqueles que duvidarem da história que ‘liguem pro cão’ e confirmem a veracidade da mesma:

Não diga que me perdoa
 pois **nem Deus me perdoou**
 desde aquele triste dia
 que do céu me escorraçou
 tu agora me ofendeu
 e pra desespero teu
 um inimigo arranjou.

.....
 Assim, quando o capeta
 fez aquela cara feia
 olhei bem pra ele e disse:
- se vier, meto-lhe o peia!
 Dou-lhe na tábua do queixo
 e depois ainda lhe deixo
 trinta dias na cadeia.

.....
 Eu bati, ele caiu
 eu pensei: tá terminado.

Mas, que nada, a confusão
 só havia começado
 mal ele caiu no chão
apareceu tanto cão
vinha de tudo que é lado.

.....
Enfrentei aquela corja
e a luta foi sangrenta
 do baixinho de tamanco
 quebrei logo o pau a venta
 um gritou: pega o sujeito
 e mete a faca nos peito
 quero ver se ele agüenta!

.....
 Sentindo, então, que não dava
 para enfrentar sozinho
 a legião de demônios
 que estava em meu caminho
resolvi pedir ajuda
 gritei: - **meu Deus**, me acuda!
 valei-me aqui **meu Padinho!**

Nessa hora se ouviu
 o estrondo de um trovão
 e diante dos meus olhos
 fez-se um grande clarão
 no meio de tudo isso
apareceu Pade Ciço
me entregando seu bastão.

Com a **bengala na mão**
 que meu padrinho me deu
crei mais disposição
 minha **coragem cresceu**
 saí dando bengalada
 e logo a diabarada
 fugiu, desapareceu.

.....
 Por isso do que eu conto
 não faço comprovação
 se o leitor não acredita
 e quer ter confirmação
 o mundo ta tão moderno
telefone pro inferno
e vá perguntar pro cão!

Acreditamos que a variedade temática das poesias acima são suficientes para situar a abrangência do ciclo temático místico-religioso da LC. Entretanto, não pretendemos, com o corpus apresentado, limitar ou esgotar a possibilidade de variações – que são incontáveis – dentro de um mesmo tema, já que o cordel se desenvolve em sintonia com o desenvolvimento da sociedade, traduzindo valores culturais e atualizando os anseios dos homens e mulheres de uma região nas diversas áreas da existência. E a fé, com todas as implicações que dela decorrem, faz parte desse universo atemporal, cantado na poesia de cordel, atingindo seu ápice nas poesias dedicadas aos queridos santos da devoção popular do

Nordeste do país: Antonio Conselheiro, Pe. Cícero Romão Batista, Frei Damião de Bozzano e a Virgem das Dores.

2.2.2 Antônio Conselheiro na Literatura de Cordel

"... O historiador só pode avaliar a altitude daquele homem, que por si nada valeu, considerando a psicologia da sociedade que o criou. Isolado, ele se perde na turba dos neuróticos vulgares. Pode ser incluído numa modalidade qualquer de psicose progressiva. Mas, posto em função do meio, assombra. É uma diátese, e é uma síntese. As fases singulares da sua existência não são, talvez, períodos sucessivos de uma moléstia grave, mas são, com certeza, resumo abreviado dos aspectos predominantes de mal social gravíssimo". (Euclides da Cunha. Os Sertões, 1902).

Se compararmos a produção de folhetos de Cordel, que versam sobre a história de Antônio Conselheiro e o movimento de Canudos, com aquelas produzidas sobre a vida do Pe. Cícero Romão, ou mesmo de Frei Damião, veremos quão pouco esse movimento messiânico-político, que abalou o Brasil do final do século XIX, foi utilizado como mote para as produções da Literatura de Cordel. Entretanto, o pouco produzido é deveras significativo, pois alia informação jornalística à paixão religiosa e constroem-se, dessa forma, nos versos dos cordéis, servindo-se de um quadro poético com nuances de tragédia, em que a figura do Conselheiro readquire as cores fortes e quentes do Sertão nordestino, antes obscurecido pelas lentes das interpretações oficiais.

Antes de analisarmos a importância da personagem Antônio Conselheiro – em níveis de construção textual – para a Literatura de Cordel, faremos um breve relato biográfico, que nos servirá como guia em nosso passeio pelas poesias que versam sobre esse tema. No dia treze de março de 1830, nasce em Quixeramobim, no estado do Ceará, Antônio Vicente Mendes Maciel, filho de Maria Joaquina de Jesus e de Vicente Mendes Maciel. Segundo o escritor João Brígido (1919), que foi amigo de infância de Antônio, os Maciéis era uma "família numerosa de homens válidos, ágeis, inteligentes e bravos, vivendo de vaqueirice e da pequena criação"⁶⁸,

⁶⁸ OLAVO, Antônio. O maior acervo virtual sobre a história de Canudos. Disponível em: www.portfolium.com.br/canudos.

além de estarem envolvidos em acirrado conflito com a poderosa família Araújo. Em agosto de 1834, acontece o primeiro evento de dimensão trágica da vida do Conselheiro: a morte de sua mãe D. Maria Joaquina. Antônio e suas duas irmãs, Maria e Francisca, ficam órfãos de mãe, e seu pai casa-se um ano, cinco meses e onze dias depois, com Francisca Maria da Conceição e tem mais uma filha, chamada Rufina. De acordo com vários pesquisadores, Antônio teve uma infância sofrida, marcada, sobretudo pelos delírios alcoólicos do pai, os maus-tratos da madrasta, o extermínio de parentes na luta contra os Araújo, além das influências místicas comuns ao meio sertanejo.

Em abril de 1855, morre Vicente Maciel, pai de Antônio. A partir de então, passa a cuidar dos negócios da família, ao mesmo tempo em que promove o casamento das irmãs. No dia sete de janeiro de 1857, o futuro peregrino casa-se com Brasilina Laurentina de Lima, tendo vivido com ela por quatro anos, separando-se após o comprovado adultério de sua esposa com um soldado da polícia cearense. Após tão amarga desilusão amorosa, Antônio larga tudo e muda constantemente de cidade e de profissão: sendo negociante, professor, balconista e advogado provisionado, ou advogado dos pobres como o chamavam. Já mais maduro e refeito do golpe da traição, ele passou uma temporada na Fazenda Tamboril, dedicando-se ao magistério. Logo depois, vai para Santa Quitéria (CE), onde conhece Joana Imaginária, “mulher meiga e mística que esculpia imagens de santo em barro e madeira”⁶⁹ com quem teve um filho, chamado João Aprígio.

Sua alma de andarilho o leva, em 1865, a novamente pegar a estrada, dessa vez trabalhando como negociante de varejos, percorrendo os povoados da região. Entretanto, os fracassos comerciais e a provável influência do Padre Antônio Ibiapina, levam o Conselheiro a uma radical mudança de vida. Recomeça sua peregrinação por todo Nordeste, mas agora sob um novo enfoque, como confessa para o escritor e amigo João Brígido: "vou para onde me chamam os mal aventurados", retomando, assim, uma longa caminhada pelos sertões. O Peregrino caminha sem mostrar cansaço ou fadiga, conforme afirmam diversas testemunhas dessa peregrinação. Conhece cada pedaço do sertão, seus segredos e seus mistérios e, em cada localidade visitada, faz sermões, prega o evangelho e dá conselhos. Dessa forma, o peregrino Antônio progride na hierarquia sagrada da religiosidade popular, passando de peregrino a beato, de beato a conselheiro e de conselheiro a santo: Antônio Conselheiro ou Santo Antônio dos Mares ou Santo Antônio Aparecido ou Bom Jesus Conselheiro. Talvez numa tentativa de

⁶⁹OLAVO, op.cit.

assemelhar-se às representações pictóricas de Jesus Cristo, o Conselheiro tenha deixado o cabelo e a barba crescer, cuidando também de aprofundar seu já grande conhecimento da Bíblia. Como um rastilho de pólvora, sua fama começa a percorrer todo o interior nordestino, formando em torno de si – gradativamente – um número crescente de fiéis seguidores.

Segundo o pesquisador baiano José Calazans⁷⁰, um dos depoimentos mais marcantes e reveladores da expressiva liderança carismática do Conselheiro – principalmente nos grupos formados pelos marginalizados e excluídos, como os escravos e retirantes – pode ser lida “nas folhas de uma gazeta baiana de 1897, no auge da luta fratricida”, em que um italiano que trabalhava na construção da estrada de ferro Salvador-Timbó descreve seu encontro com o peregrino num lugarejo deserto, chamado Saco, que ficava entre as cidades de Timbó e Vila do Conde:

Veja como este povo (disse-lhe o Conselheiro apontando a gente que aguardava a sua pregação) na sua totalidade escrava vive pobre e miserável. Veja como ele vem de quatro e mais léguas para ouvir a palavra de Deus. Sem alimentar-se, sem saber como se alimentará amanhã, ele nunca deixa de atrair pressuroso às palavras religiosas, que, indigno servo de Deus e por ele amaldiçoado, iniciei neste local para a redenção dos meus pecados (...). Ao anoitecer começavam a chegar e às 8 horas a praça estava cheia, tendo mais de mil pessoas, todas escravas, e após o sermão, que em seguida um explicava ao outro, visto que somente os vizinhos podiam ouvi-lo, todos cantavam as seguintes estrofes: ‘Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo, ao que as mulheres e meninos respondiam para sempre seja louvado o santo nome de Maria’, e isto até a meia noite, algumas vezes. De manhã não havia pessoa alguma no arraial. (CALAZANS)

De acordo com Curvelo Chaves, Antônio Conselheiro incomodava sobremaneira as elites de seu tempo, “conglomerando milhares de adeptos ao seu redor, tentando construir um projeto civilizatório diferente”⁷¹. Dessa forma, provocou, primeiramente, a fúria dos coronéis, que ficaram privados da mão-de-obra barata “que, evidentemente, preferia ir para o Belo Monte com toda a beleza poética e profética que a circundava a trabalhar em condições muito pouco satisfatórias”⁷². Outro setor atingido pela pregação do Conselheiro – nitidamente influenciado pelo catolicismo tridentino e ultramontano que praticava – foi a recém proclamada República. Não que ele fosse um monarquista militante e praticante, mas, “o positivismo republicano tirou da Igreja uma série de prerrogativas, por exemplo, com a criação do casamento civil e a laicização dos cemitérios”⁷³. Isso era, na visão do Beato, uma heresia infernal, que retirava o poder do Reino de Deus e instaurava o poder do reino dos homens. Gradativamente, o conflito

⁷⁰ CALAZANS, J. Antônio Conselheiro e a escravidão. Salvador: [s. n., 19--].

⁷¹ CHAVES, Lázaro Curvelo. Messianismo. Disponível em: www.portfolium.com.br/canudos.

⁷² CHAVES, op.cit.

⁷³ CHAVES, op.cit.

entre o Beato e o poder público vai se acirrando, acabando por acontecer a primeira batalha armada, em maio de 1893, na qual os Conselheiristas, armados de garruchas, espingardas e cacetes, botam a tropa governista para correr. Assim, Antônio Conselheiro acaba por atrair a repressão brutal de uma república incipiente e a ira fanática daqueles que o imaginava um monarquista militante, disposto a lutar pela restauração do império, quando na verdade, segundo Curvelo Chaves, “o que ele queria mesmo era ver o império da ‘lei de Deus’, contra a ‘lei do Cão’ da república velha”⁷⁴.

Sem dúvida, o episódio mais marcante da vida de Antônio Conselheiro foi a Guerra de Canudos, que teve a duração de um ano, mobilizou mais de dez mil soldados – em quatro expedições – e ceifou aproximadamente 25 mil vidas. À primeira vista parece que a investida das tropas governamentais sobre o arraial de Canudos decorreu de um mal entendido, motivado pelo não cumprimento do acordo travado entre o Conselheiro e fornecedores de madeira da cidade de Juazeiro, Bahia. Antônio comprara, e pagara antecipadamente, grande quantidade de madeira para as construções de capelas que frequentemente fazia junto ao seu povo. Entretanto, os fornecedores, decorrido muito tempo, não enviaram o pedido, surgindo então um boato de que jagunços armados, a mando do Conselheiro, invadiriam Juazeiro, com ordens de buscar a madeira comprada, e executar quem passasse por seu caminho. Em novembro de 1896, o Sr. Arlindo Leoni, Juiz de Direito de Juazeiro, que tinha divergências com o Conselheiro, solicitou ao Governador do Estado, Luiz Viana, a remessa de força pública para impedir que a cidade fosse invadida pelos Conselheiristas. O governador atende à solicitação, determinando a ida de uma tropa do exército, comandada pelo tenente Manoel da Silva Pires Ferreira. Porém, a tropa que deveria ir defender a cidade de Juazeiro – não encontrando nenhum sinal da propalada invasão dos jagunços – terminou rumando contra Canudos. Esta foi a primeira expedição, que acabou sendo desbaratada pelo desorganizado exército do Conselheiro.

Uma nova expedição é organizada pelo governo da Bahia e parte para Monte Santo, sob o comando do major Febrônio de Brito, que não teve melhor sorte que seu antecessor: apenas aproximou-se do arraial Conselheirista, tendo sofrido ataque cerrado da força sertaneja, preferiu recuar. Vencida a 2ª Expedição, o governo federal entregou ao coronel Antônio Moreira César, soldado temido, conhecido como “corta-cabeças”, a tarefa de defender a República, que – aos olhos dos fanáticos civilizados – parecia ameaçada pela gente sertaneja. O coronel Moreira Cezar, comandante da 3ª Expedição, que tinha como missão destruir o

⁷⁴CHAVES, op.cit.

arraial e “lavar a honra do Exército Brasileiro” é atingido por dois tiros e termina por morrer em combate. Assim, o efetivo militar, equipado com seis canhões Krupp e mais de 1.300 soldados, conduzindo 15 milhões de cartuchos, mais uma vez é derrotado pela gente simples do arraial do Conselheiro.

A opinião pública vê com assombro a demonstração de força dos guerrilheiros de Canudos, a República se vê ameaçada e a histeria coletiva exige uma tomada de posição drástica por parte do governo. Assim, em cinco de abril de 1897, é criada a 4ª Expedição Militar contra o arraial de Canudos, formada por tropas de dezessete estados (BA-SE-PE-PB-AL-RN-PI-MA-PA-ES-MG-SP-RJ-RS-AM-CE-PR) e equipadas com os mais modernos armamentos da época. O efetivo militar, comandado pelo General Artur Oscar, era composto de seis Brigadas, divididas em duas colunas, que investiriam sobre Canudos por direções opostas. As investidas das tropas governamentais são bravamente rechaçadas pela estratégia de guerrilha dos conselheiristas – comandadas por Pajeú e Antonio Beatinho – e só em meados de setembro, cinco meses depois de iniciada, elas conseguem resultado positivo. O primeiro desses eventos, que apesar de sua gravidade não pôs fim ao conflito armado, aconteceu na madrugada do dia vinte e dois de setembro de 1897 com a morte de Antônio Conselheiro. Treze dias depois, em cinco de outubro, a resistência é finalmente derrotada. Canudos é totalmente destruído e os combatentes que se entregaram confiando na palavra do General Artur Oscar em lhes garantir a vida, são barbaramente degolados na frente de seus companheiros. Este episódio cruel é descrito pelo acadêmico de medicina, Alvim Horcades, citado por Antônio Olavo:

Eu vi e assisti a sacrificar-se todos aqueles miseráveis (...) e com sinceridade o digo: em Canudos foram degolados quase todos os prisioneiros (...) levar-se homens de braços atados para trás como criminosos de lesa-majestade, indefesos e perto mesmo de seus companheiros, para maior escárnio, levantar-se pelo nariz a cabeça, como se fora o de uma ave, e cortar com o assassino ferro o pescoço, deixando a cabeça cair sobre o solo - é o cúmulo do banditismo praticado a sangue-frio (...) Assassinar-se uma mulher pelo simples fato de ser o seu companheiro conivente com o que se dava - é o auge da miséria! Arrancar-se a vida a uma criancinha (...) é o maior dos barbarismos e dos crimes que o homem pode praticar.⁷⁵

Para analisarmos a presença do Conselheiro na LC vamos – inicialmente – utilizar o folheto do poeta Gonçalo Ferreira da Silva – atual presidente da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – intitulado “Antônio Conselheiro: África de um sertanejo místico”,

⁷⁵ OLAVO, Antônio. O maior acervo virtual sobre a história de Canudos. Disponível em: www.portfolium.com.br/canudos.

composto por cinquenta e oito estrofes – sextilhas com versos setessilábicos – com rimas ABCBDB, distribuídas em dezesseis páginas, em edição datada de janeiro de 2005. Nascido em 20 de dezembro de 1937, Gonçalo Ferreira é cearense de Ipu e é considerado, nos meios da literatura popular, como poeta de técnica refinada, além de ter uma produção vasta e variada em que passeia com leveza pelas diversas classificações temáticas da LC.

O poeta inicia o folheto homenageando seu estado natal, por ter produzido tantas figuras de destaque na história do país: Luiz Severiano Ribeiro, Pe. Cícero Romão Batista, Antônio Conselheiro e a si próprio, que é reconhecidamente um dos melhores poetas da antiga geração ainda em atividade:

A obra **Gonçaliana**
humanamente imperfeita
como toda e qualquer obra
por mão imperfeita feita
é, apesar dos defeitos,
universalmente aceita

O Ceará deu **Luiz**
Severiano Ribeiro,
Cícero Romão Batista
o santo do Juazeiro,
Antônio Vicente Mendes
Maciel – O **Conselheiro...**

Nas estrofes seguintes – do número quatro até o número sete – ele utiliza um recurso já consagrado na LC nordestina, ao demarcar o campo de ação da narrativa poética a ser percorrido pelo leitor-ouvinte: o tema (Canudos e Antônio Conselheiro); o percurso do herói (todos os acontecimentos marcantes da vida do Conselheiro que propiciaram o movimento de Canudos); a fonte de pesquisa (a tradição oral, os cordéis e Os Sertões de Euclides da Cunha); e o público-alvo (neste ponto o poeta faz questão de destacar o caráter científico da obra dedicando-a aos centros de estudos, professores e pesquisadores):

O grande tema Canudos
e Antonio Conselheiro
exerceu forte fascínio
no escritor brasileiro
sendo sem conta os poetas
que exploraram o roteiro.

Neste poema o profeta
andarilho das estradas
terá as suas andanças
reproduzidas, mostradas
depois de longas **pesquisas**
em fontes autorizadas.

Euclides foi simplesmente
antológico e genial
ao descrever esse triste
episódio nacional
com cores fortes e vivas
e talento sem igual.

Destina-se este poema
portanto a centro de estudos,
a **professores, alunos**
inteligentes, agudos
interessados na vida
do profeta de Canudos.

O poeta inicia na oitava estrofe a saga do Beato Conselheiro, ao descrever seu nascimento no ano de 1828, em Quixeramobim, sem apontar a data, afirmando não haver vestígio do documento em nenhum cartório. O motivo do desconhecimento foi certamente o apego à fonte euclidiana que, na época, não dispunha de condições para a realização de um levantamento mais pormenorizado sobre as origens do Beato:

O ano mil oitocentos
e vinte e oito agoniza,
Quixeramobim envolta
em doce e suave brisa
aguarda a vinda do filho
que mais se notabiliza.

Perdeu-se dentro do tempo
a data do nascimento
pois os cartórios locais
não acharam documento
com o mais leve vestígio
do dia de tal evento.

Na seqüência, o poeta narra os principais episódios de uma infância sofrida que marcaram para sempre a vida do Conselheiro: a morte de sua mãe, os maus tratos da madrasta e o assassinato de seus parentes na luta contra a família Araújo:

Quando Antônio tinha seis
anos Maria Joaquina
sua mãe trocou a terra
pela região divina
deixando Antônio cumprindo
da orfandade a **má sina**.

Ao colocar do caixão
da esposa terra em cima
Vicente Maciel casa
com Francisca sua prima
que **não mostra** aos enteados
qualquer **vestígio de estima**.

Assim se criou Antônio
 Conselheiro pelos matos,
 da madrasta recebendo
 quase diários **maus tratos**
 e assistindo aos domingos
missas e assassinatos.

Ao narrar à adolescência do herói, o poeta realça um dos aspectos mais admirados pelo povo do sertão e agreste: a erudição, o conhecimento das Letras e principalmente das Sagradas Escrituras. Antônio com a idade de 12 anos lia “perfeitamente” latim e francês, aos 15 compunha sermões que “arrastava as multidões” e era “aplaudido e respeitado” por todos:

Aos doze anos, Antônio
 já perfeitamente **lia**
em latim e em francês
 as lições que aprendia
 com o mestre Ferreira Nobre
 que só ensinar sabia.

Com quinze anos já tinha
 o **dom de fazer sermões**,
 vaticinando o futuro
 arrastava as multidões,
 seu nome já ecoava
 nos mais distantes sertões.

O adolescente Antônio
 já era muito **aplaudido**,
 pelos velhos **respeitado**,
 pelas crianças, **querido**,
 por mestres, **admirado**
 por todos **reconhecido**.

Estava quase preparado o caminho para a introdução da peregrinação religiosa do Conselheiro. Após a descrição dos principais fatos da infância e adolescência, faltava ainda ao poeta narrar mais dois fatos singulares, antes de entrar na vocação missionária de Antônio: a morte de seu pai, em 1855 (na estrofe vinte e dois) e o casamento desastroso com a prima Brasilina (nas estrofes de vinte e seis a trinta e um):

No ano mil e oitocentos
 e cinqüenta e cinco, dia
 cinco de abril, **Vicente**
 ao Criador voltaria
 pois **diante das três filhas**
e de Antônio, morria.

Quando Antônio viu a **moça**
 de **corpo** muito bem feito,
 sensual e provocante,
insinuante e perfeito
perdeu a condição para
raciocinar direito.

Da estrofe trinta e dois em diante, acompanhamos a narrativa poética bem trabalhada pela verve gonçalina, que evoca imagens fortes em seus versos, pintando uma tela em que a dor, o sofrimento e a obstinação possuem cores tão vivas que por vezes, ao lê-lo, temos a impressão de assistirmos a um filme: ele inicia com a peregrinação de Conselheiro pelos sertões, até a chegada a Canudos (32-36):

Abençoando, pregando,
esmolando, maldizendo,
algumas vezes chorando,
se lastimando e gemendo
e “Senhor a Vós Bradamos”
pelos sertões prorrompendo.

Antônio percebeu quando
a Santa-Missão passou,
depois de tantos fracassos
algo nobre o inspirou,
sem pensar segunda vez
Conselheiro a acompanhou.

Era um **espetáculo bárbaro**
de fé mesclado de dor,
Antônio agora queria
ressuscitar o amor
como instrumento divino
a serviço do Senhor.

Transpôs fronteiras de muitos
estados da União,
do Ceará a Bahia
cumprindo humana missão
cercado de calorosa
e devota multidão.

Em direção a Canudos
ia o grupo numeroso
tendo à frente o Conselheiro
reverente, respeitoso
como **guiado por algo**
estranho e misterioso.

Prossegue com críticas à jovem república e descreve o carisma e aspectos físicos do beato, a origem do nome “Canudos” e parte do cotidiano do Arraial (37-42):

O negócio da república
não pode ser coisa boa,
nossa princesa Isabel
teve de Deus a coroa,
Ré-pública só pode ser
coisa de mulher à toa.

Sabendo que a ex-esposa
se achava decadente,
vaticinou Conselheiro

num tom muito comovente:
**- vai morrer prostituída
 como a república nascente.**

Antônio estava em Canudos
 para missão pastoral,
 com a **cabeleira imunda**,
 os gestos, o ritual
 pregavam nos seguidores
 algo **sobrenatural**.

Veio a **palavra Canudos**
 do estranho ritual
 desde os primórdios da história
 da população local
 que só fumava em canudos
 de porte descomunal.

Canudos cresceu de modo
 espantoso e repentino
 que parecia agregar
 todo o sertão nordestino
 exatamente por causa
 do emissário divino.

Generalizou-se a moda
 no nordeste brasileiro:
 vender bois, cavalos, cabras,
**reunir muito dinheiro
 e dividi-lo em Canudos**
 com o santo conselheiro.

Nas estrofes a seguir (entre a 43 e a 53) o poeta passa à narrativa da guerra de Canudos: as expedições do exército, os combates, inclusive as táticas de guerrilha dos combatentes jagunços; as mortes; e a anunciada derrota daqueles que dispunham unicamente da força proporcionada pela fé, numa clara alusão a uma dicotomia do conflito muito pouco explorada, a saber, a luta de classes (rico-pobre, fraco-forte):

Em vinte e um de novembro
 de mil oitocentos e
 noventa e seis, **suicida
 legião** toma a cidade
 de Uaurá de assalto
provocando mortandade.

No suicida confronto
legiões enfurecidas
 portanto foice a facção.
**Duas centenas de vidas
 foram ceifadas** e outras
 tantas ficaram feridas.

A **primeira expedição**
 mostrava-se tão voraz
 que Antônio Conselheiro
 obstinado e tenaz,

não mais teria em Canudos
um só instante de paz.

No ano mil oitocentos
e noventa e sete quando
a **segunda expedição**
chegava sob comando
do **major Fabrício Brito**
foi destruindo e matando.

Sem ter como arrancar força
para esboçar reação
restava a inteligência
para ser posta em ação
fiel canalizadora
da mais pura inspiração.

Esta ditou a Antônio
que transmitisse aos demais
como lutar nas caatingas
com **táticas especiais**
confundindo-se, imóveis,
com os próprios vegetais.

Mas Antônio e seus jagunços
não tinham como ter sorte
sendo o rico contra o pobre,
sendo o fraco contra o forte
houve a derrota implacável
e fragorosa do norte.

A **quarta e derradeira**
expedição militar
por generais comandada
não demorou a chegar
trazendo no pensamento
a ordem de massacrar.

Trouxe a expedição da pena
o fenomenal artista
Euclides da Cunha como
historiador, cronista,
sociólogo, repórter,
inteligente analista.

A poesia é concluída ressaltando o caráter irracional da carnificina, que não teve vencedores nem vencidos, encerrando, com uma louvação, a coragem e ao espírito libertário do Santo Antônio Conselheiro⁷⁶, lembrando o caráter eminentemente nacional de uma religiosidade (catolicismo popular) que, a partir do Conselheiro, ganharia os corações e mentes dos povos dos sertões e agrestes nordestinos e que mais tarde se espalharia até o litoral, cumprindo a profecia anunciada de que o sertão viria a ser mar e o mar a ser sertão (54-58):

⁷⁶ Aqui podemos observar uma fusão literária (Santo Antônio/Antônio Conselheiro) que nos remete aos artifícios do cultismo barroco, mostrando-nos mais uma vez que a LC dialoga com estéticas eruditas.

Apesar do saldo trágico
de mil jagunços feridos
e de centenas de mortos
macabramente caídos
**não existiu, moralmente,
vencedores nem vencidos.**

Tomaram os conselheristas
tão forte dose de fé
que lutaram com bravura
obstinação até
**deixaram os corpos caídos
porém moralmente em pé.**

Minutos antes de ser
degolado cruelmente
**Antônio ainda fazia
um discurso** veemente
voando chispas de ódio
contra a República nascente.

Portanto em plena missão
Santo Antônio faleceu
e a pena missionária
de Euclides escreveu:
Houve a chacina, porém
Canudos não se rendeu.

Santo Antônio Conselheiro
foi Deus de um só idioma,
pregou a fraternidade
porque **Antônio era a soma
das mais diversas doutrinas
sem compromisso com Roma.**

O poeta alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, talvez inspirado por fontes oficiais, escreveu um folheto intitulado “Antonio Conselheiro: o Santo Guerreiro de Canudos”. Nele, o que excede são as informações difamatórias que foram atribuídas ao Conselheiro ao longo da história, cujo objetivo seria o de justificar as atrocidades cometidas pelo Exército Brasileiro, cuja derrota, por três vezes consecutivas, por uma gente sem formação militar e mal armadas, em sua última investida, mesmo após a rendição, degolou mulheres, velhos e crianças, talvez tentando, dessa forma, destruir toda possibilidade do ressurgimento de um movimento messiânico de feições libertárias no Nordeste do Brasil.

O poeta inicia sua obra descrevendo as características da pregação do beato, que ele chama de “exótico” e seu tipo físico, que confirmaria mais ainda o exotismo. Narra, então, um fato que já estava mais do que esclarecido para todos que estudaram a história do Conselheiro, ou seja, a acusação de assassinato da ex-mulher, que levou o beato à prisão, até o mal-entendido ser desfeito:

Era Antonio Conselheiro
 Um **exótico Pregador**
 Que arrebanhava gente
 Quase em todo interior,
 A sua **estranha Doutrina**
 Se chamava “ORDEM DIVINA”
 Sendo ele o Salvador.

.....
 Vestia ele uma **túnica**
 Grosseira de azulão,
 De **cabeça descoberta**
 Apoiado num **bastão**,
Barbas brancas e crescidos
 Seus cabelos, parecidos
 Semelhantes de Sansão.

Era Antonio Conselheiro
Cearense foragido
 Que tinha sido Mascate,
 Coletor reconhecido,
Devido um crime de morte
 Mudou ele até de porte
 Para não ser conhecido.

Na estrofe seguinte o poeta faz um arranjo literário de dimensão cronológica, ao transformar o Beato Conselheiro num aprendiz do Pe. Cícero. É que, nas últimas décadas do século XIX, a cidade de Juazeiro era um povoado ainda inexpressivo e, quando o Conselheiro inicia sua jornada de peregrinação, em 1865, o Padrinho ainda não havia sido ordenado sacerdote, o que só ocorreria cinco anos depois, em 1870:

Conviveu com Padre Cícero
Ouvindo suas pregações,
 No Juazeiro do Norte,
Aprendeu fazer sermões,
 Daí teve um tino novo
 De catequizar o povo
 Nas agrestes regiões.

A mistura de boatos e imprecisões históricas – sempre lembrando que, do ponto vista da literariedade, “verdade” e “precisão histórica” não são importantes – prossegue na poesia de Rodolfo Coelho Cavalcante, entretanto, acreditamos que tal fato seja devido ao sectarismo das fontes consultadas, empenhadas em difamar Antonio Conselheiro, pois, na época em que a poesia foi escrita – maio de 1977 – movimentos sociais como o que se deu em Canudos eram considerados, pela ditadura militar que governava o país, como antipatrióticos, anarquistas ou comunistas:

Era caso de Polícia
 O modo do Conselheiro,
 Pois **já virava anarquia**
 Contra o País brasileiro,

Foi o Governo ciente
Do **Pregador insolente**
Contra um povo tão ordeiro.

O Doutor Luis Viana
Governador da Bahia
Relatou ao Presidente
Tudo quanto ele sabia,
Fanáticos municidados
Assassinavam soldados
A qualquer hora do dia.

.....
Soldados de Alagoas,
De Sergipe e da Bahia
Sofriam dentro do mato
Com pesada Infantaria,
Era a **guerra dos lunáticos**
Onde **jagunços fanáticos**
Até o sangue bebia(m).

Ao versejar sobre as batalhas no sertão de Belo Monte, o poeta elide aquelas em que as forças governamentais foram derrotadas, para exaltar justamente a última, que toma o arraial de Canudos em 1897, e conclui, reconhecendo a santidade e o heroísmo do beato, com a ressalva de que ele lutava do lado errado. No acróstico da última estrofe, pede a Deus que outro igual não apareça, o que denota uma nítida influência da ideologia fascista, continuamente propagada pela ditadura militar que governou o país, manipulando a história e fazendo com que poetas do quilate de Rodolfo Coelho Cavalcante compusessem seus versos baseados nas versões oficiais:

Dia cinco de outubro
Do ano mil e oitocentos
Noventa e sete Canudos
Entre os mares de tormentos
O sangue ensopando a terra
Terminou a triste guerra
Que só causou sofrimentos.

Conselheiro estava morto
Por sofrer tantos revés
Porém morreu como **líder**
Nos momentos mais cruéis,
Foi ele um **Santo Guerreiro**
Que teve o fim derradeiro
Morrendo pelos fiéis.

Para concluir, leitores,
Foi Antonio Conselheiro
Um **Bravo**, um **Herói**, **Fanático**
Um cidadão brasileiro
Que seria premiado
Se ele lutasse ao lado
De um ideal verdadeiro.

R-uiu todo misticismo

O-nde a falsa pregação
 D-issipou milhares vidas
 O-bscurecendo o sertão...
 L-ivre Deus – Pai Verdadeiro,
F-indo Antonio Conselheiro
O-utro não apareça, não.

Seguindo uma direção diametralmente oposta à do poeta alagoano encontramos na poesia “Um cordel para Conselheiro”, composto em sete pés com rima ABABCCB, de Medeiros Braga, além da descrição pormenorizada da geografia local – alguma coisa de euclidiano – a percepção de uma vertente revolucionária de matizes socialistas no movimento de Canudos, fato não apontado por nenhum outro poeta:

Canudos fora o local
 Escolhido como fonte
 Da dignidade e moral,
 Luzes do novo horizonte,
 Que Antônio Conselheiro
 Pra centenas de romeiro
 Denominou “**Belo Monte**”.

Belo Monte tinha ao redor
 Uns **morros de alto pico**,
 Cambaio, Cocorobó,
 Poço de Cima e Angico,
 Cana Brava, Sauí, Caipã
Protegendo o canaã
De solo tão fértil e rico.

O sistema ali previa
 Que a distribuição
 De todos bens se daria
 De acordo com a precisão...
E pra evitar desigualdade
Não havia a propriedade,
Nem a figura do patrão.

Era assim que Belo Monte
 Veloz se desenvolvia,
 Tendo **a justiça por fonte**
 Com harmonia crescia,
 Que em quatro anos, tão-só,
 Chegou a segunda maior
 Das cidades da Bahia.

Para o poeta Medeiros, o movimento social representado por Canudos vai além de seu cunho religioso e anti-republicano. Em seus versos, ele realça o motor político por trás do crescimento do arraial de Canudos, o sistema escravocrata, empregado pelos latifundiários, que oprimiam as populações, explorava sua mão de obra e podava seus sonhos. Canudos foi um marco revolucionário, por propor o fim das desigualdades sociais representadas pela propriedade privada e, para o poeta, essa nova Canaã brotou de uma fonte chamada Justiça e

creceu numa celeridade jamais vista por ser um lugar seguro, um bálsamo para os sofredores, que ali podiam sonhar com um mundo melhor, debaixo da proteção do Bom Jesus Conselheiro:

Vinte e cinco mil pessoas
Era o número de habitante,
Pessoas ordeiras, boas
Vindas de perto e distante
Fugidas do seu sofrer
Procuravam ali porque
Eram nele confiante.

Assim, muito morador
Deixava a propriedade
Em **busca de um protetor**
Para a sua necessidade...
E **ao se livrar do sicário**
Muito latifundiário
Desfechou sua maldade.

Como era de esperar, a reação dos setores institucionais⁷⁷ da sociedade organizada, para com o projeto do Conselheiro, não foi nada amistosa, o ‘socialismo primitivo’ instalado em Canudos estava abalando a frágil estrutura do capitalismo dependente, recém-implantado no país. Críticas na imprensa, que refletiam a opinião do clero, acusavam o beato Conselheiro de instigar o fanatismo religioso na população pobre. Também foi duramente criticado pelo governo – local e federal – que, com a desculpa de estar lutando contra um movimento anti-republicano, escondia sua real intenção, que era recuperar a mão-de-obra escrava que fugia dos latifúndios e afluía a Canudos, em busca da realização de um sonho de justiça, igualdade e liberdade. E, para fazer valer o direito dos poderosos e do latifúndio, nada melhor que convocar a força das armas, para calar de uma vez por todas qualquer anseio que não fosse autorizado pelos donos do poder.

A **imprensa** criticou,
A **igreja** disse não,
O **governo** renegou,
A **justiça** – acusação,
O **latifúndio** aquiesceu
E o **militar** respondeu
Pela boca do canhão.

Sendo um abolicionista
Que **odiava a escravatura**,
Um **defensor ativista**
Da **liberdade** mais pura
Era um motivo sentido
Pra que fosse perseguido

⁷⁷ A polícia política do governo republicano que via no “fanatismo religioso” um movimento pró monarquia.

Pelos algozes da agrura.

E, assim, com o objetivo
De por um fim a Canudos
Todos com ar ostensivo
Usaram, insanos, de tudo,
Pra conseguir convencer
Transformar todo o poder
Numa forma de escudo.

Depois de versejar sobre as quatro expedições do Exército brasileiro a Canudos, o poeta aprofunda seu enfoque sociológico, em níveis de construção textual, ao fazer algumas perguntas extremamente significativas: a quem interessava a destruição de Canudos? Qual a razão do sacrifício de vinte e cinco mil vidas nessa guerra insana? O poeta sabe a resposta: o medo de que aquele modelo de organização social, caracterizado pela hospitalidade, pela igualdade de direitos, pelo cultivo coletivo da terra, pela ausência de propriedade privada, pela inexistência de diferenciação de classes sociais viesse a inspirar outros – a grande insurreição – ameaçando, dessa forma, a estrutura vigente e o poderio dos coronéis.

Mas, **a quem interessava**
De Canudos **a destruição?**...
Qual motivo se matava
Tanta gente... qual razão?
Vinte e cinco mil pessoas
Não morreram, assim, à toa...
Vale, pois, a indagação!

Os argumentos mostrados
Não são nada convincentes,
Os jagunços divulgados
Eram pessoas decentes.
Quando havia pistoleiros
Vinham dos fazendeiros
Todos feitos combatentes.

A causa mais verdadeira
Que explica essa matança
Era a **vida hospitaleira**
Que brotava da esperança.
Era o **clima de igualdade**
Gerando **felicidade**
Nos sonhos duma criança.

A razão da insana guerra
Era **a insignificância**
Da propriedade da terra
Que tanto gera arrogância;
Era o egoísmo desmedido
Que exigia do oprimido
Sofrimento e tolerância.

Era a **prática da equidade**
Tornando todos iguais,
Também era a **dignidade**

Pela ausência de rivais;
Era o **clima hospitaleiro**
Que passava Conselheiro
Durante os seus rituais.

Era o desenvolvimento
Dando a todos a condição
Que não pode haver em tento
Entre empregado e patrão;
Era **um medo intempestivo**
De transformar-se em motivo
Para a **grande insurreição**.

Com um texto que possui o tom épico das narrativas tradicionais em verso, tão caros a LC no chamado “ciclo heróico” ou no “carolíneo”, o poeta conclui sua obra compondo um retrato poético de Antonio Conselheiro, lembrando as poucas vezes que se levantaram em sua defesa e na denúncia da carnificina promovida pelo poder público – como Rui Barbosa e Machado de Assis – e reafirmando sua esperança de que um dia o sonho do Peregrino venha a ser uma realidade, uma Canudos moderna “ornada de maior glória”:

E o profeta Conselheiro?...
Foi uma **figura exemplar!**...
Nunca, jamais, o embusteiro
Que vieram nos contar.
Não era o retrato avulso
Do condutor de jagunço
Que procuraram pintar.

Era, sim, um **homem honrado**
E de grande sentimento,
Era um **humanista ousado**
Reagindo ao sofrimento.
Era um **intelectual**
Voltado pra o social
Sem cansaço, sempre atento...

E no que pese a euforia
Com as mentiras do poder,
As **repetições da mídia**
Para os fatos distorcer,
Sem temer às repressões,
Grandes manifestações
Pelo país pôde-se ver.

Até os próprios baianos
Foram às ruas protestar
Contra esses atos insanos
Que não puderam abafar.
Rui Barbosa, estudante...
Machado, sempre atuante,
Pôs seu jornal a clamar.

Quer conhecer Conselheiro,
Seu **lado sentimental!**...
A **nobreza** de um guerreiro,

Sua verve intelectual?...
 Leia a sua despedida,
 O lado honroso da vida
 Na sua fase terminal.

Canudos, pois, sucumbiu,
 O Conselheiro morreu!...
 Mas, a verdade insistiu
 E o seu resgate se deu...
 Quando menos se esperar,
**Canudos, em qualquer lugar,
 Se erguerá ao apogeu.**

Porém, cem anos de vida
 É um segundo na história
 Esta, sempre repetida,
 Se resgata na memória.
**Canudos se repetirá,
 E mais moderna virá
 Ornada de maior glória.**

Antonio Conselheiro e Canudos permanecem até hoje como símbolo de fé e resistência, sempre presente nas manifestações devocionais do catolicismo popular, de onde brotou um dos eventos mais significativos do calendário de festejos religiosos do Nordeste, a Trezena de Santo Antônio, que ocorre todos os anos, entre os dias primeiro e décimo terceiro de junho. Santo Antônio já havia sido padroeiro de Canudos, desde os tempos de Conselheiro, até sua destruição, em 1897, para ressurgir em 1909, ano em que se deu início aos festejos, a partir da aquisição de uma nova imagem, que foi aclamada pelos novos habitantes do lugar. Finalmente, o atual município de Canudos – oficializado em 1985 – elege como seu padroeiro, mais uma vez, Santo Antônio – o de Pádua ou o Conselheiro? A história de Canudos passeia no imaginário popular dos festejos em homenagem a Santo Antônio e ao próprio Conselheiro, como se vê na letra de uma das músicas mais cantadas na trezena, de autoria de João Ba e Gereba.

Usaram as águas do rio
 Que nem arma do medonho
 Pra destruir a morada Terra Santa
 Do Beato Santo Antônio
 Penitentes e contritos
 Na sagrada procissão
 Pra bandeira de Canudos
 Nunciar ressurreição.

2.2.3 O Padre Cícero Romão Batista na Literatura de Cordel

“Olha lá, no alto do horto; ele está vivo o Padrim não ‘ta morto”.
Luiz Gonzaga

Em uma de suas músicas dedicadas ao Pe. Cícero, Luís Gonzaga, o Rei do Baião, capta com sua alma de devoto, o sentimento da massa de romeiros que invade há décadas a cidade de Juazeiro do Norte (CE), a saber, a permanência sempiterna, a presença viva do Padrim no alto do horto e em toda cidade. É realmente impressionante essa presença: no centro comercial da cidade, a maioria das lojas exibe na entrada – ou em pequenos oratórios no interior – imagens do Pe. Cícero de todos os tamanhos, além de ter seu nome estampado na fachada dos mais diversos estabelecimentos, tais como pizzarias, sorveterias, armarinhos, lojas de eletrodomésticos, ruas e praças.

Ouve-se pela cidade um dito que já se incorporou ao discurso do cidadão juazeirense: “a cidade de Juazeiro é, talvez, o maior milagre do Pe. Cícero”. Isso pode ser constatado em um passeio pela cidade que vive e se move em volta do santo popular, mobilizando durante todo ano milhões de peregrinos e romeiros, que sustentam a economia do lugar. Nos principais dias festivos, a cidade de 250 mil habitantes, tem sua população quadruplicada, com a chegada das caravanas de ônibus e paus-de-arara, que trazem os fiéis de todos os recantos do país, mas principalmente do Nordeste.

Juazeiro do Norte está localizada na região do Cariri, a aproximadamente seiscentos quilômetros da capital Fortaleza, sendo a segunda maior cidade do estado do Ceará. Quando ainda não passava de um pequeno povoado, o Pe. Cícero afirmava em tom profético: “Esta cidade é um centro de romaria e de devoção [...] refúgio dos naufragos da vida”.⁷⁸E, tem sido esta a vocação da cidade, uma Meca encravada no meio do sertão nordestino, que vive e respira a imagem de seu santo milagreiro, e que tem como atrações e pontos turísticos tudo que se refira à vida do mito do Padrim: sua estátua na serra do Horto – com 27m de altura – é a terceira maior obra de concreto do mundo; sua última residência, hoje transformada em museu, guarda objetos de uso pessoal do Pe. Cícero, além de ex-votos,

⁷⁸ WALKER, Daniel. Curiosidades sobre Pe. Cícero. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros, 2004, p.34.

imagens sacras e oratórios; o Memorial do Padre Cícero guarda objetos do ofício sacerdotal, possui uma biblioteca e um excelente acervo fotográfico.

Além de ser considerado o principal santo do catolicismo popular do Nordeste, o Pe. Cícero desponta também como a personagem religiosa mais importante da LC brasileira. Sua história – que se confunde com a da cidade que adotou como lar – é contada e cantada pelos cordéis e cantadores desde o princípio de seu apostolado. Sua figura carismática, misto de líder religioso e político, que transparece em sua sagacidade e determinação no trato dos assuntos de ambas as categorias; seu tino de administrador das querelas políticas de seu lugarejo, aliada à aura mística de “fazedor de milagres”, formam o pano de fundo de uma história que terá como consequência a criação das mais belas páginas desse ciclo temático da poesia popular nordestina.

Cícero Romão Batista nasceu no dia 24 de março de 1844, na cidade do Crato, Ceará. Sua família era composta pelos pais Joaquim Romão Batista e Joaquina Vicência Romana, mais conhecida como Dona Quinô, e duas irmãs – que não chegaram a se casar – Maria Angélica (Mariquinha) e Angélica Vicência. Cícero começou a estudar aos seis anos de idade e, aos doze, sob a influência de suas leituras sobre a vida de São Francisco de Sales, fez voto de castidade. Quando Cícero contava dezoito anos de idade seu pai morre vitimado pela cólera-morbo. Com vinte e um anos, ingressa no Seminário da Prainha, em Fortaleza, de onde saiu ordenado, em 30 de novembro de 1870. Retornando ao Crato, em janeiro do ano seguinte, celebra sua primeira missa em sua terra natal.

Em abril de 1872, ele passa a residir definitivamente no povoado de Juazeiro, na época com doze casebres de alvenaria e uma capela. Veio acompanhado da mãe, das irmãs e de uma escrava conhecida como Terezinha do Padre. Durante vinte anos, o Pe. Cícero foi Capelão de Juazeiro, até a sua suspensão, em decorrência da questão dos milagres da transformação da hóstia em sangue na boca da beata Maria de Araújo, fenômeno acontecido pela primeira vez em março de 1889 e repetido dezenas de vezes, tendo provocado grande ebulição no seio do catolicismo oficial e popular. Convocado pelas autoridades eclesiásticas para explicar o fenômeno, o Pe. Cícero assim o descreveu:

Quando dei à Beata Maria de Araújo a sagrada forma, logo que a depositei em sua boca imediatamente transformou-se em porção de sangue, que uma parte engoliu, servindo-lhe de comunhão, e outra correu pela toalha, caindo algum no chão; eu não esperava e vexado para continuar com as confissões interrompidas, que eram ainda muitas, não prestei atenção e por isto não apreendi o fato na ocasião em que se deu;

porém, depois que depusitei a âmbula no sacrário, e vou descendo, ela vem entender-se comigo cheia de aflição e vexame de morte, trazendo a toalha dobrada, para que não vissem, e levantava a mão esquerda aonde nas costas havia caído um pouco e corria um fio pelo braço, e ela com temor de tocar com a outra mão naquele sangue, como certa de que era a mesma hóstia, conservava um certo equilíbrio para não gotejar no chão⁷⁹.

Além dessa função de líder religioso, o Padrim acumulava uma outra função: a de líder político. Durante doze anos, ocupou o cargo de prefeito de Juazeiro, em 1914 foi nomeado vice-governador do Ceará e em 1926 elegeu-se deputado federal. O padre Cícero faleceu no dia 20 de julho de 1934, aos 90 anos de idade, tendo sido sepultado no interior da Capela de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, onde se realiza todos os meses, no dia de sua morte, uma missa em sufrágio de sua alma.

Um outro acontecimento polêmico que marcou a história do Pe. Cícero foi a propalada atribuição da liderança do movimento conhecido como “Sedição de Juazeiro”, em 1914, fato desmentido pelo padre em diversas ocasiões⁸⁰. Segundo Walker, mesmo que o movimento tenha sido liderado pelo braço direito do Padrim, o médico baiano Floro Bartolomeu, sua participação foi necessária, pois “seria praticamente impossível o recrutamento de voluntários, que aderiram ao Movimento, pensando principalmente em defender o Padre Cícero”⁸¹.

A melhor narrativa em versos que temos da “guerra do Juazeiro” foi a belíssima “Poesia Matuta” produzida pelo cantador cearense Aderaldo Ferreira de Araújo, mais conhecido como “Cego Aderaldo” que, na época, era empregado da ferrovia Baturité, e presenciou alguns dos eventos mais sangrentos protagonizados pelas forças leais ao padre Cícero, o que pode tê-lo feito adotar uma postura nitidamente contrária aos sediciosos do Juazeiro:

Então, as quarenta praça

⁷⁹ WALKER, Daniel. Biografia do Padre Cícero. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros, 2004.

⁸⁰ Esse movimento político e militar iniciou-se em 1912 com a insatisfação das oligarquias locais com a nomeação do tenente coronel Franco Rabelo para o governo do Ceará. Essas medidas eram partes da chamada “Política da Salvação”, implantada pelo Presidente Hermes da Fonseca, cuja finalidade era acabar com as oligarquias que desde o final do século XIX manipulava a máquina da maioria dos estados brasileiros, promovendo fraudes eleitorais e concentração de poder nas mãos dos coronéis. No caso do Ceará a oligarquia atingida foi a dos Nogueira Accioly correligionários do Pe. Cícero, e, esse talvez tenha sido o maior erro do interventor: mandar atacar a cidade “sagrada” em 20 de dezembro de 1913. Foi o começo do fim da era rabelista, a notícia de uma possível invasão do espaço sagrado, e a possibilidade do assassinato do “santo de Juazeiro” mobilizou centenas de romeiros que aliado aos jagunços dos coronéis – sob o comando de Floro Bartolomeu – impuseram seguidas derrotas às tropas oficiais, culminando com a deposição do interventor e deixando um rastro de sangue, saques e destruição do patrimônio do inimigo.

⁸¹ WALKER, op.cit., p. 28.

Quarenta tiro mandaro:
 Depois, sem perda de tempo,
 Outros quarenta enviario,
 Ao depois, com mais quarenta,
 Os cento e vinte interaro.

Aí, o povo do padre
 Três mil tiro lhe mandou
 Mandando mais três mil tiro
 Viu-se logo o grande horrô
 Enviando outros três mil,
 Os nove mil completou.

Dizia o Jota da Penha:
 - Hoje aqui ninguém se coça!
 Anima, briga, negrada,
 A jagunçada é uma joça...
 Fogo naquela canaia
 Vamo que a vitória é nossa!

Tinha um jagunço trepado
 (Esse atirava de ponto)
 Tava trepado num pau,
 Dizendo: - a Penha eu afronto!
 Cada tiro, dava um grito:
 - Matei um! Lá deixei pronto!

Tinha um tal Raul Bezerra
 Estirado num buraco,
 Este então se preparou
 Tirou a bala do saco
 Fez pontaria e gritou:
 - Botei-te abaixo, macaco!

O bravo tenente Arthur,
 No mei de tanto alvoroço,
 Deitou-se e saiu rolando
 Pois o baruido era grosso,
 Rolou de uma ribanceira
 E caiu dentro de um poço.

Com a carabina moiada
 Mostrou a perseverança,
 Agachou-se dentro da água,
 (Parecia uma criança)
 Por cima da ribanceira
 Inda fez grande matança.

Jota da Penha a cavalo,
 Pros jagunços conhece-lo,
 Era um Roldão destemido...
 No meio de tanto atropelo,
 Dava viva ao Ceará
 E a Marco Franco Rabelo!

Também o povo do padre,
 Fazendo grandes horrore,
 Brigava gritando sempre
 Entre medonhos clamore:
 - Viva o santo padre Cisso,

Nossa Senhora das Dore!

Um jagunço viu o Penha
E gritou: - Que grande festa!
Aquele é o Jota da Penha,
Agora o combate presta!
Zé Pinheiro lhe fez fogo
A bala pegou na testa.

Estava perdida a guerra,
Ó que horrorosa certeza!
A soldadesca chorava...
Todos então com tristeza,
Botaro Penha no expresso
Mandaro pra Fortaleza.

Eu tava na Capital
Naquela noite aflitiva,
Na hora que foi chegando
Aquele locomotiva
Trazendo Jota da Penha,
Corpo morto e alma viva!

Jagunço aí tomou conta...
Anarquizaro o Maytá,
Depois Quixeramobim,
Dero cerco no Juá,
Logo nesse mesmo dia
Desgraçaro o Quixadá.

Com toda facilidade
Entraro no Batrité
E correrro toda serra,
Escangalharo o Coité.
Fizero cantá Bendito
Ao povo de Canindé...⁸²

Diferentemente, para o poeta e devoto Abraão Batista⁸³, em sua poesia “Padre Cícero o cearense do século” (folheto de dezesseis páginas e 58 estrofes com rimas ABCBDB), o Pe. Cícero foi um herói dessa guerra, foi o salvador do Juazeiro das garras demoníacas dos rabelistas que, segundo o poeta, teria sido aniquilada não fosse a intervenção do vigário:

Insurgiu-se em Fortaleza
o coronel Franco Rabelo
para depor Acyole
que quase perdeu o pelo;
tomou conta do Estado
metendo o seu martelo.

Ao depor Padre Cícero
confirmou sua sedição
contra a ordem pública

⁸² Poesia colhida por LOURENÇO FILHO, M. B. Juazeiro do Padre Cícero. 4. ed. Brasília-DF: Inep-MEC, 2002.

⁸³ Abraão Batista nasceu em Juazeiro no dia 4 de abril de 1935; é professor universitário aposentado, xilogravador e poeta há mais de trinta anos.

fazendo enganação
 porque o Padre Cícero
 era o herói do sertão.

Quase dois meses passados,
 como poudo acontecer
 botaram o interventor
 do coronel pra correr
 e o Padre , na Prefeitura
 onde era de merecer.

O coronel Franco Rabelo
 um maldoso policial
 armou, forte, um batalhão
 com fuzil, bomba e punhal
 pra destruir Juazeiro
 transformando num matagal.

Mais de 800 homens
 com dinamite e canhão
 tinham as ordens de levar
 do Padre Cícero Romão
 a cabeça enfiada
 num enorme estação.

Padre Cícero fez valer
 toda a cidadania
 pois o patife coronel
 a todo custo queria
 destruir Juazeiro
 com maldosa covardia.

No ano de 2006, durante a tradicional missa campal, celebrada todos os anos no dia 24 de março, para comemorar o aniversário do nascimento do Pe. Cícero Romão Batista, o Bispo do Crato, D. Fernando Panico, anunciou que iria a Roma encontrar-se com o Papa Bento XVI – acompanhado de uma comissão diocesana e levando livros, contendo milhares de assinaturas – para pedir a reabilitação eclesial do Pe. Cícero. As chances da abertura de um processo de beatificação e, posteriormente, de canonização são muito grandes, porém não tão importantes para oromeiro e devoto do Padrim, pois eles já o canonizaram desde longa data. Para o povo, os critérios teológicos utilizados pela religião oficial perdem sua força diante do exemplo de vida religiosa e dedicação de seus santos populares, segundo o historiador Moisés Espírito Santo⁸⁴:

Um santo só existe pela vontade dos seus fiéis e ele é o que a aldeia ou o grupo de fiéis quer que ele seja. O santo não é mais do que um nome, uma imagem e uma lenda, ou por outras palavras, é um símbolo, uma norma de conduta ou um modelo onde se reflectem os valores sociais.

⁸⁴ ESPÍRITO SANTO, Moisés. A religião portuguesa. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990, p. 115.

Se a LC tem, ao longo de sua história, elegido como tema poético os fatos do cotidiano imediato dos habitantes de um espaço circunscrito – notadamente o agreste e sertão nordestino – jamais deixaria de registrar a passagem dessa personagem tão importante no plano social quanto no espiritual. Mas não se tratou apenas de um registro. Antes, a LC, em consonância com o público leitor-ouvinte, faz-se porta-voz de um discurso mantenedor de uma religiosidade de raízes populares – tão bem encarnada na figura daquele padre de estatura baixa, loiro, de olhos azuis e vida austera, sempre pronto a ouvir e aconselhar – que abalou a ordem constituída e mesmo alguns fundamentos da religião oficial. Tanto é fato, que o Pe. Cícero foi canonizado à revelia do poder da Igreja Católica Romana, a qual, mesmo tendo-o excomungado, teve de conviver com suas prédicas, enquanto vivo, e com as romarias, após sua morte, para aquele lugar que passou a ser “terra santa”, espaço sagrado de contato com as forças divinas, através da mediação do “Padrim”.

O poeta Abraão Batista, em obra citada acima, descreve a importância do padre, tanto do ponto de vista religioso – que a despeito das condenações do catolicismo oficial continua sendo o “santo do Juazeiro” – quanto político e social. Ele era um amigo, um conselheiro e um assistencialista em vida e o motor da economia do lugar principalmente depois de morto, dando não só emprego, mas tempero, sentido e sabor à existência do espaço e dos homens e mulheres daquela região:

**A igreja o condenou
mas Padre Cícero cresceu**
Crato o repudiou
o que ele não mereceu
mas Juazeiro do Norte
com carinho o acolheu.

Pra mim, Padre Cícero foi
um **assistente social**
pois aqui no Brasil todo
ninguém encontra um igual
foi **conselheiro amigo**
e **político** sem rival.

Padre Cícero foi e é
a nossa carta principal
é um coringa valente
na crista do ideal
é o tempero do povo
é molho, açúcar e sal.

É o alimento do povo
é o emprego que ele tem
em nome dele, se ganha
é o trabalho que vem

em nome do invisível
dizendo: **é santo**. Amém.

A produção poética sobre a vida e os acontecimentos ligados à figura do Pe. Cícero é extensa: são centenas de folhetos narrando os milagres, as prédicas e peripécias do santo do Juazeiro. Alguns livretos foram escritos com a mais pura fidelidade jornalística, sempre preocupados em narrar – ainda que em versos – os fatos tais como aconteceram; outros, com devoção piedosa, realçam os aspectos espirituais do taumaturgo, exagerando em suas virtudes e descrevendo seu poder como intercessor privilegiado na relação do devoto com Deus ou com a Senhora das Dores, padroeira da cidade; e uma minoria, que ousou questionar não apenas a santidade do Padrim, mas até mesmo seu caráter e suas virtudes.

Iniciaremos nossa análise seguindo a contramão do caminho tomado pela maioria dos poetas e autores em geral, e examinaremos duas produções poéticas do chamado “novo cordel” que tratam de um Pe. Cícero não divinizado: iniciaremos com o folheto do grande poeta pernambucano, radicado em Campina Grande, Manoel Monteiro, “A vida do Padre Cícero. Político ou Padre? Cangaceiro ou Santo?” e concluiremos com a sátira fantástica de Moreira de Acopiara “Lampião e Padre Cícero num debate inteligente”. No bojo de cada exame particular das poesias acima, incluiremos, a título de diálogo comparativo, excertos de obras de alguns poetas tradicionais, como Cego Aderaldo e poetas-devotos, como Abraão Batista, que versejam sobre um mesmo tema, mas com abordagens diametralmente opostas.

Manoel Monteiro nasceu em Bezerros, Pernambuco, no dia 4 de fevereiro de 1937. É considerado, por estudiosos da área e pelos seus pares, como o mais importante cordelista brasileiro em atividade. Além de excelente poeta, com mais de 50 anos de ofício⁸⁵ e membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel – ocupa a cadeira de número 38, patronímica de Manoel Tomás de Assis – é produtor cultural, editor e divulgador daquilo que sabiamente denominou “Novo Cordel”. Uma característica marcante na obra monteirina é a atenção dada ao uso da língua. Ele chegou a afirmar que “se atropelar a língua portuguesa não é cordel, melhor é jogar no lixo”. Na obra que analisaremos, pode-se ver o rigor e o cuidado com a construção dos versos, compostos por 79 setilhas, ou sete pés, em seqüência ABCBDDDB e versos setessilábicos distribuídos em 20 páginas e formato clássico (18x13).

⁸⁵ Seu primeiro folheto foi publicado em 1953 pela editora Estrella da Poesia, de propriedade do poeta Manoel Camilo.

O cordel do poeta Monteiro é exemplar em termos de inovação: além de versejar contra a corrente das poesias laudatórias e piedosas acerca do “Padrim”, ele inseriu uma espécie de prefácio nas capas internas do folheto, cujo título, “O santo dos oligarcas”, já prepara o leitor-ouvinte para o conteúdo bombástico dos versos bem cuidados que estão por vir, e esclarece a motivação para a produção do texto poético:

Quando imaginei compor um folheto sobre o legendário Padre Cícero comecei folhear seus inúmeros biógrafos para consubstanciar minha abordagem e as inusitadas descobertas levaram-me a conclusão de que o homem, por toda sua longa vida, não foi nem mais nem menos que um padre sem altar, um rebelde sem causa e um místico empedernido. Foi um padre sem altar porque longos anos de sua vida religiosa esteve suspenso das ordens clericais por desobediência aos superiores hierárquicos. (MONTEIRO, 1953)

O poeta Monteiro (1953) continua seu prefácio, tocando naqueles pontos que são mais caros aos devotos, como o milagre da transformação da hóstia em sangue protagonizado pela beata Maria Araújo e tido como verdadeiro, não apenas pela totalidade dos devotos, mas também por setores da Igreja Católica Romana favorável à reabilitação do Padrim: “a escabrosa história da hóstia ensangüentada é misticismo grosseiro que ainda hoje serve de chamamento aos fiéis incautos. ‘Minha santa Beata Mocinha eu vim aqui vim ver meu Padrinho’[...]”.

Outro aspecto bastante controvertido diz respeito ao envolvimento político do padre, incluindo citações atribuídas ao Pe. Cícero, retiradas de documentos oficiais preservados por historiadores:

O Padre Cícero, como agente político, nunca foi defensor do povo sofrido do Nordeste, mas, apaniguado e testa de ferro dos poderosos de plantão. Vejam: “Nenhum chefe procurará depor outro chefe (...) Manterão todos incondicional solidariedade com o excelentíssimo Dr. Antônio Pinto Nogueira Aciolly”. Esse documento foi assinado no dia 4 de outubro de 1911, em Juazeiro, por caciques políticos de 17 cidades do vale do Cariri, no Ceará. A reunião que o lavrou foi presidida pelo Padre Cícero, chefe político do Juazeiro. O documento ficou conhecido como “pacto dos coronéis”. O Padre Cícero, ao liderar a alcatéia de retrógrados chefes políticos e mancomunar-se com o jagunço Floro Bartolomeu não poderia jamais eximir-se dos crimes e desmandos dos seus comandados. Muitos inocentes úteis morreram para que “os chefes” estabelecessem sua liderança satânica. Como vemos, a história analisada à luz da razão tem outra cara. (MONTEIRO, 1953)

E é esse cordel de cara nova que passaremos a examinar. Já nas duas primeiras estrofes o poeta faz uma abertura contundente. Em tom de acusação, ele critica os poetas que “alugam suas penas”, cuja inspiração oscila ao ritmo do dinheiro – confessando que também já agiu assim – e descreve sua metodologia valorativa, na hora de construir um folheto:

Tem cordelista que gosta
 De passar o tempo inteiro
 Dando valor à credence
 Dando ouvido à embusteiro,
 Valorizando ladrão
 Porque **sua inspiração**
Só baixa “vendo” dinheiro.

Já prestigiei fantoches
 Mas só **quando estava liso,**
 Hoje antes de aplaudir
 Ouço, pondero, analiso,
 Decido com muita calma
 A hora de bater palma
 Ou criticar, se preciso.

Na terceira estrofe vem o pedido de desculpas ao leitor-ouvinte, por versejar de uma forma que possa ser – e certamente é – ofensiva à sua consciência religiosa, porém, a necessidade de ser “fiel aos fatos” é o que o leva a escrever a “história verdadeira do padre Cícero Romão” destacado em maiúsculas no original, para enfatizar que, mesmo não agradando ao público, a verdade deve prevalecer:

Sem **ser desmancha prazeres**
 Nem rasgador de ilusão
 Mas por ser fiel aos fatos
 Os “meus leitores” terão
 Neste folheto de feira
 A HISTÓRIA VERDADEIRA
 DO PADRE CÍCERO ROMÃO.

O poeta irá construir sua narrativa – nos versos que precedem à descrição dos fatos principais da biografia do Padrim – à base de comparações que evidenciam a dupla atividade exercida pelo Pe. Cícero – político e pastor, por exemplo – e a ambigüidade que tal duplicidade expõe, como se pode apreciar nos versos abaixo:

Na história a fantasia
 É o que mais se propala
 No caso do PADRE CÍCERO
 É fácil identifica-la
 Pois pra “servir” a Jesus
 Usava o **bálsamo da cruz,**
 A **persuasão da bala.**

Foi por seus 90 anos
 Mais **político** que **pastor,**
 Tinha a porta sempre aberta
 Pra carola e **eleitor**
 Mas se fosse **adversário**
 Tinha das mãos do vigário
 O fel de seu desamor.

Não aprendeu com Jesus
 O jeito de proceder
 Que espancado dum lado
 Dava o outro pra bater,
 Segundo o PADRE do Crato
Amigo é pra ter bom trato
Inimigo é pra morrer.

Na seqüência da narrativa biográfica, o poeta Monteiro utiliza um recurso que alia tradição e modernidade estilística, atribuindo as manifestações sobrenaturais que envolvem a consagração do herói – que em qualquer narrativa mítica selariam um destino marcado pela presença do maravilhoso – ao nascimento de um embuste, que, a partir de um boato, vê ratificada sua santidade. Entretanto, a lucidez do poeta não pára aí, ele percebe que no cerne da construção de um mito está a predisposição de um povo sedento por uma hierofania, capaz de enxergar manifestações do divino em objetos, falhas em vidros de janelas, sombras projetadas em paredes etc.

Quando novembro chegou,
 Dia 30, exatamente,
 Do ano 1.800
 E 70, finalmente
 Dom Antônio o ordenou;
 Nesse dia **“o céu mostrou**
um fenômeno diferente”.

Exatamente **na hora**
Que estava sendo ordenado
 “Apareceu um cometa”
 Que não fora anunciado,
 Como lembrete e **prenúncio**
 Ou um prematuro **anúncio**
 Que o Padre era iluminado.

Quem não viu disse que viu
 Dos astros o desarranjo
 E dizem que o Bispo disse
“Estou consagrando um anjo”,
 Esse **primeiro boato**
Foi dando ao nosso beato
Asa e candura de arcanjo.

(Neste país tem milagre
 Que parece brincadeira
 Tem **santo que chora sangue**
 De molhar a roupa inteira,
 Já não causa mais espanto
Formiga desenhar santo
Em folha de bananeira.)

Nas estrofes seguintes, o poeta vai tratar da chegada do Padrim à Vila de Juazeiro, apontando o fato como acontecimento perfeito para quem desejava proclamar-se santo, pois tratava-se de uma vila ocupada por escravos, criminosos e carolas, carentes de liderança,

como ovelhas sem pastor. Na compreensão do poeta, esse era o terreno fértil e perfeito para a mitificação do padre e seu posterior endeusamento: a carência e credulidade do povo, somadas às ambições de um padre espertalhão que se diz enviado em missão divina e o pastor escolhido por Deus, compõem o cenário propício para o nascimento de um mito.

**Juazeiro era só uma
Pequena Vila rural,**
O PADRE foi lá fazer
U'a missa de Natal
Sendo tão pródigo em louvores
Para a Senhora das Dores
Conquistou o pessoal.

Como Juazeiro estava
Sem um Padre conselheiro
E o jovem PADRE CÍCERO
Mostrou-se tão bom obreiro
O povão o convidou
Pra ficar, ele ficou
Na igreja do Juazeiro.

Juazeiro era ocupada
Por **escravo e criminoso**
Carola de fazer dó
Metido a religioso
Como se identificava
Com isso o **PADRE se achava**
Num lugar maravilhoso.

**Quem acredita vê chifres
Em cabeça de cavalo**
E como CÍCERO dizia
Viver envolto num halo,
Ter visões premonitórias,
O povo ouvindo as histórias
Principiou endeusa-lo.

Os mitos formam-se assim:
Um diz, parece, outro é,
Eu vi, podes crer, eu vi
E tu verás, tendo fé,
O PADRE, um místico doente
Enganava aquela gente
Com esse papo ralé.

Depois das missas fazia
Sermões ameaçadores
Dizendo-se um enviado
Da Santa Virgem das Dores
Afirmava ter nascido
Como **pastor escolhido**
Pra guiar os pecadores.

Do verso 31 ao 35, a poesia monteirina irá se deter no caráter profético das prédicas do Padrim com um diferencial em relação às composições de seus pares. Se nas poesias

laudatórias, tais prédicas são exaltadas como pérolas de sabedoria e piedade cristã, aqui o poeta destaca justamente a “esperteza” do religioso que se aproveita da ignorância e credulidade do “povão”, para reforçar em cada sermão sua aura de santidade:

Dizia ver nos seus sonhos

Um grande urso enterrando
As garras no nosso globo
Porque o povo pecando
Ao perpetrar roubo e farras
Fazia a “garra das garras”
Ir das almas se apossando.

Perorava ainda mais
Aos romeiros, no sertão,
- por tanta concupiscência
Os que viverem verão

O mundo se transformar

No Sertão virando mar,
No mar virando Sertão.

Pelos **pecados do mundo**

Breve o Pai Eterno ordena
Um **rosário de castigos**,
Pra fechar de vez a cena
Vão ver, estou avisando,
A roda grande passando
Dentro da roda pequena.

Tempos virão, meus romeiros

Que o Sul vai virar Norte,
O Norte vai virar Sul
Aonde nem mesmo o forte
Poderá “detê-los” lá
Pois “eles” virão pra cá
Trazendo o bafo da morte.

Falando dessa maneira
Em linguagem figurada

O povão crédulo e “analfa”

Não entendia era nada
E o **PADRE esperto e omisso**
Foi criando em cima disso
Uma **aura iluminada**.

Se até aqui o poeta pareceu ousado demais em sua narrativa, e talvez até ofensivo, do ponto de vista do devoto, nas estrofes seguintes (36- 45), a crítica atinge o ápice: não se trata simplesmente de uma crítica ao caso do pretense milagre protagonizado pela beata Maria de Araújo mas, antes de tudo, uma crítica social, em que se leva em consideração elementos de natureza sociológica, psicológica e política. Em seus versos, Monteiro nos revela a situação social de grande número de mulheres do sertão nordestino no final do século XIX, cujas vidas gravitavam ao redor de duas “opções”: o casamento ou a vida religiosa em uma das inúmeras irmandades – oficiais ou não – que se espalhavam pelo interior do Brasil. Ao se

referir à beata Maria de Araújo o poeta é incisivo quando descreve o famoso milagre como uma encenação, um “drama sujo” que tem como principais personagens uma jovem beata tuberculosa – daí a expectoração de sangue – e um padre oportunista, ávido por ver o “caixa tilintando”. O termo “sujo” aqui adquire um duplo sentido, podendo designar tanto a sujeira proveniente das secreções que eram expelidas pela beata nos panos, quanto o aspecto golpista da farsa montada pelo Padrim e a beata, para aumentar a arrecadação da paróquia:

Lá por 1800
E 88 vão
Dar formas a Irmandade
Do Sagrado Coração
De Jesus onde beatas
Trocavam saias por batas
E o mundo por oração.

Dentre elas destacou-se
U’a mulata franzina
Que o PADRE CÍCERO criara
Desde muito pequenina,
MARIA DE ARAÚJO
Encenou um **drama sujo**
Pra seu chefe de batina.

Essa Beata Maria
de Araújo, coitada!
Além do corpo raquítico
E de ser cria enjeitada
Era **fraca do pulmão**
Cuspia sangue, e razão?
Tinha muito limitada.

Por isso mesmo uma vez
Na hora da comunhão
Sujou a hóstia de sangue
E foi nessa ocasião
Que alguém afirmou ter visto
O sangue de Jesus Cristo
Escorrendo pelo chão.

Esse **boato sem lógica**
Igual a todo boato
Foi crescendo, foi crescendo
E o PADRE viu no fato
A sua igreja ganhando
Com os romeiros chegando
E **muita esmola no prato.**

Os panos sujos de sangue
Onde a beata cuspiu
Passaram a ser venerados
Pois o povo inculto cria
Que as manchas de sangue e pus
Eram do próprio Jesus
Em permanente agonia.

Esse **boato asqueroso**
 Foi no Sertão se alastrando,
 Era a beata cuspindo
 E a romaria aumentando,
 A Matriz nova surgindo,
 O PADRE CÍCERO sorrindo
 Com o **caixa tilintando**.

O poeta consegue ser ainda mais original em suas interpretações dos fatos relativos ao pretenso milagre, quando analisa a fúria sentida pelos representantes do catolicismo oficial, como oriundas da inveja, pela arrecadação financeira daquela pequena paróquia, que não repassava os ganhos obtidos. Ou seja, a ira dos representantes da Igreja Católica não se devia a uma infração relativa a assuntos doutrinários, ou mesmo um atentado à fé ou à hierarquia, mas tão somente à não-distribuição de lucros.

A seca não influía
 Na coleta da bandeja
 Mas **PADRE CÍCERO esquecia**
Os chefes da sua igreja,
 Cá era esse toma-toma
 Enquanto a turma de Roma
 Ficava no ora veja.

Por isso foi intimado
 A ir até Fortaleza
 Prestar contas à seu Bispo
 Que para ter a certeza
 De tais acontecimentos
Quis ver os panos sangrentos,
Aí veio a safadeza.

Cadê os panos, cadê?
Ninguém sabe, ninguém viu,
 O vidro em que estavam postos
 Evaporou-se, sumiu,
 Quem tiver boa memória
 Já decorou esta história
 De tanto que já ouviu.

A questão continuou
 Foi não foi, é e não é,
Quem disse que viu desdisse
Por temor da Santa Sé
 E o PADRE CÍCERO afastado
 Pra não ser excomungado
 Obrigou-se “dar no pé”.

O poeta não poderia esquecer do Pe. Cícero político e aborda os principais acontecimentos da militância do vigário, desde a luta pela emancipação política de Juazeiro, até então pertencente ao Crato, passando pela chegada daquele que viria a ser o melhor amigo do “Padrim” – Floro Bartolomeu – até a Sedição de Juazeiro, narrada aqui com intensa

consciência social, desmascarando os interesses dos dois grupos envolvidos na crise, cujo único desejo era se locupletar com as benesses advindas do poder:

Com os milagres já “vistos”
A vila é feita Cidade
 PADRE CÍCERO liderando
 Entrou na maioria
 Política que o dominou
 E juazeiro inspirou
 Ares de prosperidade.

Todos os tipos de gente
 Corriam pra juazeiro,
Ciganos e retirantes,
Ladrão metido aromeiro,
 Nessa horda apareceu
 O Floro Bartolomeu
Boticário e cangaceiro.

Dr. Floro vislumbrou
 No Padre um grande aliado
 Para **formar um grupelho**
 E comandar o Estado
 Resultou dessa aliança
Ser o Padre a “temperança”,
Dr. Floro, o braço armado.

.....
 Junto com Franco Rabelo
 PADRE CÍCERO é alçado
 Para ser um de seus Vices
 Foi terceiro colocado
 De brinde à Bartolomeu
 O novo sistema deu
 O **título de Deputado.**

Nessas mudanças de nomes
Não houve nada de novo
Ao sair um coronel
Vinha outro mandar no povo,
Enquanto o rico ganhava
Para pobreza sobrava
Xerém, tripa-seca e ovo.

Foi assim, é e talvez
 Continue eternamente,
Sai um ruim, entra um mau
E já tem um pretendente
 Esperando para entrar
No intuito de roubar
 A esperança da gente

.....
Ele mais o Dr. Floro
 Não estavam nem aí
 Com os destinos do povo
 Porque **queriam pra si**
 Um tronozinho cativo
 Com cetro e **mando exclusivo**
Sobre todo Cariri.

Dr. Floro e PADRE CÍCERO
Continuavam tramando
 Dr. Floro de arma em punho
 O PADRE CÍCERO “rezando”,
 Só que não levava a nada
 Essa **política safada**
 Que ainda está vigorando.

Enquanto **os grandes brigavam**
 Pra ter a hegemonia
 Da política cearense
O pequeno é que sofria
 Rabelista era espancado,
 E “romeiro”? Esse coitado!
 Ao ser flagrado, morria.

Juazeiro por três meses,
 Foi “Capital” do Estado
 Com Floro “governador”
 Pelo Padre assessorado,
Governo apócrifo, pois não?
 Verdadeira transgressão
 Do direito consagrado.

Reprises dessa comédia
 Estamos fartos de ver,
Revoluções de brinquedo
 Nas quais costuma ocorrer
Embaixo o povão morrendo,
 Em cima os grandões fazendo
 A divisão do poder.

O PADRE CÍCERO não foi
 Um político diferente,
Usava a religião
Em causa própria e somente
 Tinha perdão e bondade
 Para os de sua amizade,
 Os demais? Não eram gente.

O poeta conclui sua obra de forma surpreendente – de forma satírica, como estratégia paródica de composição literária – tocando na ferida exposta, que revela os verdadeiros interesses da Igreja Católica Romana. A despeito da condenação, proibição e excomunhão do Pe. Cícero (esses os pilares da crítica que a igreja fazia no princípio), ela tolera e até incentiva o culto, sob a fachada de ser prestado à N.Sra. das Dores, sendo na realidade, ao Padrim. As romarias para pagamento de promessas ou agradecimento por graças alcançadas, nos dias que passaram a ser santificados; as peregrinações aos locais sagrados, em que o devoto busca se envolver no clima mítico e santo que emana dos objetos utilizados pelo padre, principalmente aqueles que estão na antiga residência do vigário, no centro da cidade e na casa paroquial do

Horto; os hinos – chamados benditos⁸⁶ – que alçam o Pe. Cícero à divindade suprema, pois, se ele é um dos nomes da Santíssima Trindade, ele é Deus. Tudo isso é tolerado pela Igreja Romana que, como afirma o poeta, tem ficado cada vez mais rica, graças ao culto extra-oficial ao “santo do Juazeiro”, e não convém desprezar um santo tão lucrativo.

Esse padre nordestino
 Que o povão santifica
 Foi tão controverso em vida
 Que a própria igreja o critica,
 Crítica, mas sem razão,
 Pois PADRE CÍCERO ROMÃO
Faz esta igreja mais rica.

Romeiro não quer saber
Se o Padre agiu errado,
 Se teve as Ordens suspensas,
 Se morreu excomungado
 A ele só interessa
 Rezar, pagar a promessa
 Pelo “milagre” alcançado.

Como **santo não tem bolso**
 Mas **padre tem** e portanto
 Juazeiro é u’a mina
 Com ouro por todo canto
 Os padres do Juazeiro
Vão recebendo o dinheiro
Como prepostos de santo.

A igreja que ontem tinha
 Dúvida quanto a santidade
 Do PADRE CÍCERO, **depois**
De somar a quantidade
De grana que vai pra Sé
Diz que o Padre foi, e é
Santo mesmo de verdade.

De forma semelhante, o poeta Manoel Moreira Júnior, mais conhecido por Moreira de Acopiara, nascido no dia 23 de julho de 1961 na cidade de Acopiara, estado do

⁸⁶ Os benditos são composições poéticas sob forma de “quadrinhas” e cantados em ritmo monocórdio pelos romeiros durante a jornada rumo a Juazeiro. A maioria dos benditos é de autoria desconhecida, outros, foram compostos por poetas e cantadores; sua principal característica é a louvação a Deus, a Virgem Maria, aos santos e ao Padrim concebida sempre com as maiores hipérboles como essa décima do poeta e romeiro João Mendes de Oliveira:

Nada mais tenho a dizer.
 Sou João Mendes de Oliveira,
 Nesta língua brasileira
 Eu nada pude aprender,
 Porém posso conhecer
 De tudo quanto é verdade!
 Não tenho capacidade,
 Mas sei que não digo à toa:
 - Pade Cisso é uma pessoa
 Da Santíssima Trindade!...

Ceará, escreveu uma poesia sobre um tema que, desde longa data, ocupa o imaginário do sertanejo seja ele devoto ou não. Trata-se das relações travadas entre o Pe. Cícero e Lampião. Na poesia “Lampião e Padre Cícero num debate inteligente” (folheto de dezesseis páginas e 61 estrofes compostas em sextilhas com rima ABCBDB), o poeta cria uma situação inusitada, na qual os dois personagens mais presentes no imaginário do povo nordestino se encontram no purgatório. Fato curioso – e o poeta destaca bem isso – é que, depois de mortos, nem o padre vai para o céu nem Lampião para o inferno, o que de certa forma mostra que há certa equivalência entre ambos. Acopiara inicia seu cordel explicitando seu desejo de versejar “de maneira diferente” sobre o “Padrim” e Lampião, “isento de fanatismo”, advertindo para o fato de que talvez seja o primordial em níveis de construção textual, em relação à temática abordada, a saber, o fato de os temas continuarem a povoar a nossa imaginação:

Sobre esses dois elementos
 Já versejou muita gente,
 Mas também vou versejar,
 Pois não sou incompetente.
 Só que desejo fazê-lo
De maneira diferente.

Isento de fanatismo
 Eu li do começo ao fim,
 Dos dois a real história
 Pra depois pensar assim:
Esses dois homens tiveram
Um lado bom e um ruim.

Por outro lado sabemos
 Que os temas: Religião
 E Cangaço, são dois temas
 Que em qualquer ocasião
Continuam povoando
A nossa imaginação.

Lampião e Padre Cícero
 Foram dois homens **valentes**;
 Cada qual o mais **astuto**,
 Ambos muito **inteligentes**,
 Todos **dois exploradores**
Das populações carentes.

Nas estrofes abaixo, o poeta vai traçar um paralelo comparativo entre as personagens, em que se destacam elementos de natureza psicológica (as relações parentais principalmente no que concerne à educação durante a infância), sociológica (relações sociais e de produção) e política (coronelismo) enquanto responsáveis pelo destino seguido por ambos:

Só que o bandido era **pobre**
 E **nunca pôde estudar**,

Nasceu e **cresceu no mato**,
 Viveu sempre a trabalhar
 Até chegar o momento
 De ter que se debandar.

Foi educado no meio
De ignorantes matutos
Onde havia pouca fé
 Naqueles corações brutos.
 E em planta que cresce assim
 Não pode vingar bons frutos.

Tinha **pais de pouca monta**,
 Adeptos do **carrancismo**⁸⁷,
 E além de crescer num meio
 De muito pouco civismo,
 Nesse tempo no Nordeste
 Reinava o **coronelismo**.

Cícero Romão Batista,
 Um filho ilustre do Crato,
Nasceu confortavelmente,
 Cresceu sem muito recato
 E fez-se um adolescente
 Bem educado e pacato.

Teve uma **mãe cuidadosa**,
 E o **pai**, homem **abastado**;
 Estudou em bons colégios
 Até ser matriculado
 Num curso superior,
 De onde saiu preparado.

Segundo a grande maioria dos historiadores, Lampião e o Pe. Cícero tiveram um único encontro – contra a vontade do religioso – que fora promovido a partir do convite feito pelo então Deputado Federal Floro Bartolomeu, para que o cangaceiro e seu bando se juntassem ao Batalhão Patriótico, na localidade de Campos Sales, divisa dos estados do Ceará com o Piauí, no intuito de deter a temida Coluna Prestes que, ao tomar conhecimento da emboscada, teria mudado de itinerário.

Mesmo não sendo mais necessária sua presença, no dia 6 de março de 1926, Lampião e seus cangaceiros chegam a Juazeiro onde são recebidos pelo Tenente Francisco Chagas de Azevedo, que os hospeda na fazenda do Deputado Floro Bartolomeu, que a esta altura já havia retornado ao Rio de Janeiro, para continuar seu tratamento de saúde. Por volta das 22 horas desse mesmo dia, o padre chega à fazenda, diz para Lampião que já está na hora dele mudar de vida e pede-lhe que deixe a fazenda e vá para local mais seguro, um sobrado na cidade, pertencente ao poeta João Mendes, no qual o Rei do Cangaço ficaria até o dia 8 de

⁸⁷ Sistema de proceder de pessoas extremamente apegadas ao passado.

março, e onde se deu o último encontro entre os dois maiores ícones do sertão nordestino. A partir daí, ficção e realidade se confundem: se o padre abençoou o rifle de Lampião, se lhe deu patente de capitão e depois a retirou, se aconselhou o cangaceiro a abandonar a vida bandida, se o presenteou com um rosário da Senhora das Dores, não sabemos ao certo. O que podemos afirmar com certeza, dada à ampla documentação, é que a estada de Lampião em Juazeiro do Norte foi um acontecimento dos mais marcantes, por ter transformado o sobrado do poeta no ponto turístico mais visitado da cidade naqueles dois dias de março. Curiosos, políticos, jornalistas, poetas e fotógrafos chegavam de todos os lugares para conhecer o famoso cangaceiro.

Naquela ocasião, o médico e repórter Octacílio Macêdo realiza a mais conhecida entrevista dada por Lampião, tendo sido publicada no jornal “O Ceará” de Fortaleza em duas edições sucessivas (17 e 18 de março de 1926), da qual destacamos os principais pontos concernentes à vinda do bando ao Juazeiro:

Sempre respeitei e continuo a respeitar o estado do Ceará, porque aqui não tenho inimigos, nunca me fizeram mal, e além disso é o estado do padre Cícero. Como deve saber, tenho a maior veneração por esse santo sacerdote, porque é o protetor dos humildes e infelizes, e sobretudo porque há muitos anos protege minhas irmãs, que moram nesta cidade. Tem sido para elas um verdadeiro pai. Convém dizer que eu ainda não conhecia pessoalmente o padre Cícero, pois esta é a primeira vez que venho a Juazeiro.

Vim agora ao Cariri porque desejo prestar meus serviços ao governo da nação. Tenho o intuito de incorporar-me às forças patrióticas do Juazeiro, e com elas oferecer combate aos rebeldes. Tenho observado que, geralmente, as forças legalistas não têm planos estratégicos, e daí os insucessos dos seus combates, que de nada tem valido. Creio que se aceitassem meus serviços e seguissem meus planos, muito poderíamos fazer. (MACÊDO, 1926).

Do real encontro entre as duas personagens mais importantes da LC é tudo que sabemos, o que conversaram e mesmo que impressão tiveram um do outro, nunca saberemos. Entretanto, as lacunas deixadas por esse encontro foram devidamente preenchidas pela imaginação popular e pela criação artística, como na obra supracitada do poeta de Acopiara, que, após descrever o contexto imediato que possibilitou a cada um deles trilhar por caminhos opostos e excludentes, pois que são de natureza contrária – virtude e vício, santidade e pecado, Deus e diabo – prepara o cenário para dar continuidade ao breve encontro que tiveram em Juazeiro, só que agora em outro lugar:

Mas no Nordeste até hoje
Corre solto um falatório
De que **os dois se encontraram**
Certa vez no purgatório.

Eu não sei se isso é verdade
Ou se é discurso ilusório.

Não sei se isso são fatos
Ou são boatos somente,
Mas quem contou garantiu
Que os dois naquele ambiente,
Purgando, estabeleceram
Um debate inteligente.

O diálogo começa com a surpresa de ambos, pois, pela lógica da religiosidade popular, depois de mortos, para o padre estaria reservado um lugarzinho no céu e para o cangaceiro uma vaga no inferno. Porém, subvertendo a ordem das coisas, o poeta enxerga aquilo que é de mais peculiar à personalidade humana: a coexistência pacífica de tendências contrárias dentro do mesmo sujeito, o que não o torna nem totalmente bom nem totalmente mau. Essa fuga do maniqueísmo, característica da modernidade, é fato novo na LC. Antes do “Novo Cordel”, as estruturas formais do texto não admitiam tal flexibilidade: bom é bom e mau é mau, sem espaço para categorias intermediárias. Desde os autos da literatura ibérica observa-se esse conflito entre Deus e o diabo, o bem e o mal, o céu e o inferno como no *Auto da Barca do Purgatório*, de Gil Vicente, em que aparecem questionamentos acerca de quem é que deve ir ao céu, ficar na praia do purgatório ou ir direto para o inferno. A LC além de atualizar o motivo histórico avança em relação à contestação do sagrado. Aqui é a santidade de um ícone popular que é colocada em julgamento:

Disse Lampião: seu padre,
Eu estou desapontado!
**O senhor não deveria
Ter sido ao céu enviado?**
- Não, meu filho, eu fui um padre,
Mas também tive pecado!

Já você foi sanguinário,
Foi um bandido moderno.
**Não deveria ter ido
Direto para o inferno**
Junto com seus aliados
Pra queimar no fogo eterno?

Segue-se então a justificativa dos dois, sob a forma de um “diálogo inteligente”, começando pelo ex-cangaceiro que, ao procurar mostrar a motivação subjacente às suas realizações na terra, não se vê tão diferente do religioso:

- Seu padre, o senhor já sabe
Que o cangaço foi meu dom.
No dialeto das armas
Precisei conversar com

Quem desejava meu fim,
Mas **tive o meu lado bom!**

Não tive pátria nem lar,
Fui **eterno caminhante,**
Exposto a sol e a chuva
Buscando um sonho distante,
Andando sem direção
Igual um judeu errante.

Fui muito imediatista,
Nunca gostei de depois;
O senhor articulava...
Mas fique tranqüilo, pois
Descobri que não há muita
Diferença entre nós dois.

Eu acho que está bem claro
Que somos iguais. Portanto,
O senhor não foi só riso
Nem eu fui somente pranto;
Nem eu fui tão pecador
E nem o senhor tão santo.

Fui um bandido, seu padre,
Não nego, mas tive fé.
E **sou sangue do seu sangue,**
Cabo da sua quicé,
Texto pra sua panela
E sapato pra seu pé.

O padre responde ao cangaceiro, tentando mostrar-lhe todo o trabalho piedoso que realizou em prol do povo do sertão, como o de ter sido o primeiro defensor do meio-ambiente e ensinado ao sertanejo a preocupar-se com a preservação da natureza, além, é claro, de evangelizar e aconselhar moralmente seus devotos:

- Ta certo, mas você sabe
Que **vivi sempre a pregar;**
Que **ensinei que o sertanejo**
Precisava respeitar
Seu semelhante e a terra,
Sem se esquecer de rezar.

E sempre disse: **não mate,**
Não brigue, engane nem fira
Acredite em Deus, não roube,
Não diga jamais mentira
E **plante,** sempre que possa,
Sabiá e macambira.

Plante sempre nas encostas
Muitos pés de marmeleiro,
E pra combater a fome
Mucunã e imbuzeiro,
Ata, manga, cajarana,
Castanhola e juazeiro.

Não bote fogo no mato,
 Não cause poluição,
 Quando brocar aproveite
 Madeira, lenha e carvão,
Só cace se precisar,
 Não broque sem precisão.

Preguei também que o homem
 Deveria estar esperto
 Pra **não devastar**, senão
 Muito brevemente é certo
 Que o jovem Brasil será
 Um inóspito deserto.

Sempre combati os que
 Tinham **instinto assassino.**
 Sei que o homem mata os bichos
 E as aves, desde menino
 Mas quem age desse modo
 Acho que tem pouco tino.

Quanto a você Virgulino,
 Foi bandido no sertão.
 Não tinha sido melhor
 Abrandar o coração,
 Pregar a fraternidade
 E oferecer o perdão?

Depois de ressaltar os aspectos positivos do Pe. Cícero na primeira parte do diálogo, o poeta passa – na resposta dada por Lampião – a apresentar aqueles aspectos mais reprováveis no comportamento do Padrim, tais como a sua participação na “sedição de Juazeiro”, a não aceitação da instalação de escolas na cidade e o episódio da beata Maria Araújo:

- Seu padre, o senhor fez umas
 Colocações geniais!
 Na terra as pessoas não
 Podem ser todas iguais.
 Eu sei que fui cangaceiro,
 Mas quem já foi não é mais.

Peguei em armas, não nego,
 Mas eu não fui o primeiro.
 Houve guerreiros famosos:
 Os de Antônio Conselheiro
E os seus, meu prezado Cícero,
Defendendo Juazeiro.

Mas tem mais uma coisinha
 Que ainda hoje me enfeza;
 Porque foi que o senhor disse:
“Escola aqui ninguém preza!”
 E argumentou que seu povo
 Só precisava de reza?

 Mas, espere aí, seu padre,

Por falar em bruxaria,
 Dizem que **o senhor fez mágica**,
 Como **no caso Maria**
 De Araújo, aquela beata
 Que a muita gente iludia...

O debate termina com um acordo de não agressão entre eles (“olhem os dois pra frente”) e a crença de que ambos podem ser perdoados no céu (“Paulo e Madalena foram também perdoados...”). Acaba-se o debate, mas a poesia continua com o poeta voltando a ser o narrador, advertindo o leitor sobre o caráter ficcional e simbólico da obra e concluindo que tanto o céu quanto o inferno encontram-se no mesmo lugar, “é tudo por aqui”. Nas duas últimas estrofes elogia a inteligência e o carisma dos dois sertanejos mais conhecidos no Brasil e no mundo:

Agora, caro leitor,
 Por favor, preste atenção
 E não se iluda, pois este
Livrinho é de ficção.
 Até porque quem morreu
 Está debaixo do chão.

Por outro lado eu não gosto
 De ver ninguém enganado.
 Isso eu inventei, porém
 Não fique desapontado
Pois poeta diz as coisas
No sentido figurado.

Se existe céu e inferno
 Eu não sei, pois nunca vi.
 Só sei que após muito estudo
 E pesquisas, concluí
 Que **esse negócio de inferno**
E céu, tudo é por aqui.

Seca, fome, violência,
 A meu ver, **isso é inferno.**
O céu que conheço é
 Um ano bom de inverno!
 Paraíso é ver fartura,
 Amizade, amor fraterno...

Mas eu gostei de falar
 De padre Cícero Romão
 E Virgulino Ferreira
 O popular Lampião,
Dois sujeitos carismáticos
Que foram reis no sertão.

Tudo porque foram **donos**
De inteligência rara.
 E se os dois ressuscitassem,
 Ressuscitariam para

Colaborar com o poeta
Moreira de Acopiara.

No folheto⁸⁸ de oito páginas do xilogravador e poeta cearense, João Pedro do Juazeiro, intitulado ‘Mandamentos do Padim Ciço’, composto por vinte setilhas, podemos observar mais detalhadamente, sob a forma de um novo Decálogo – na verdade uma paródia aos dez mandamentos – a face ambientalista, já referida acima na poesia de Acopiara, das prédicas do Padrim, transposta para esse ‘xilocordel’ que, mesmo não seguindo o rigor formal clássico da boa LC, ainda assim possui valor documental e informativo. Na obra de João Pedro também se observa um dos traços de personalidade mais marcante no santo do Juazeiro, que foi justamente sua preocupação com a preservação da fauna e flora do sertão, tanto quanto com a vida espiritual dos seus romeiros, unindo o material e o espiritual em suas pregações:

Meu Padim Ciço falou
Meu amigo faça bom trato
Meu **primeiro mandamento**
‘Não derrube o mato
Nem um só pé de pau’
Pro futuro não ir a nau
Agora mesmo relato.

Seu **segundo mandamento**
Não cause a terra fadiga
‘Não toque fogo no roçado
Nem a caatinga’
Pra terra não perecer
Sem adubo enfraquecer
Do fogo que castiga.

O **terceiro mandamento**
Ele diz: ‘Não casse mais
Deixem os bichos viverem’
Pois muito mal se faz
No futuro vocês verão
Espécie em extinção
Não se volta mais atrás.

No **quarto mandamento**
‘Não crie boi nem bode
Solto e faça cercado’
Só assim você pode
‘Deixar o pasto descansar
Pra se refazer e melhorar’
Desse conselho recorde.

Já no **quinto mandamento**
‘Faça cisterna no oitão

⁸⁸ Esse folheto é chamado pelo autor de ‘xilocordel’ por trazer ilustrações em xilogravura para cada uma das vinte estrofes.

De sua casa para guardar
 Água da chuva' pra sequidão
 Terão água o ano inteiro
 Meu querido romeiro
 Dizia Padim Ciço Romão.

'Não plante de serra acima
 Nem faça roçado em ladeira
 Que seja muito em pé
 Deixe o mato de maneira
 Protegendo toda terra
 Para que a água da serra
 Não tire a terra inteira

E toda terra arrastando
 Não se perca a riqueza'
 Este **sexto mandamento**
 Ensinando com clareza
 Pelo santo do sertão
 Meu Padim Ciço Romão
 Protegendo a natureza.

No **sétimo mandamento**
 Diz: 'represe o riacho
 De cem em cem metros
 Faça represa abaixo
 Ainda que seja
 Com pedra solta' veja
 O grande benefício acho.

No **oito mandamento**
 Novo pedido aborda
 Plante cada dia pelo menos
 Um pé de algaroba
 De caju ou de sabiá
 Qualquer arvore que há
 Manga ou magirioba.

.....
 No **nono mandamento**
 Diz: aprendam tirar proveito
 Das plantas da caatinga
 Maniçoba e favela com jeito
 E da jurema também
 Todas grande ajuda tem
 Conviver a seca com efeito.

No **décimo mandamento**
 Ele resume todos nove
 Alertando o futuro
 Onde tudo se prove
 Vejo que o povo esqueceu
 O nordeste muito perdeu
 Isso muito me comove.

Não poderíamos concluir essa seção sobre Pe. Cícero sem abordar algumas obras que versam sobre os milagres atribuídos a ele. Para ter uma dimensão aproximada da quantidade de milagres que a credence popular credita ao "Padrim" basta ir à Casa dos

Milagres ou à Colina do Horto em Juazeiro do Norte, e se defrontar com milhares de objetos – de fotografias a ex-votos – símbolos de graças alcançadas, deixadas pelos romeiros, como forma de agradecimento. Os milagres são de gêneros variados, vão desde a cura de uma enfermidade, até a libertação de algum tipo de vício, como o alcoolismo; desde a realização de um bom casamento, até a alegria de ter de volta os parentes que tempos atrás haviam migrado para o Sudeste do país.

Contudo, o milagre mais importante continua sendo aquele protagonizado pela beata Maria Araújo que, na hora da comunhão, ao receber a hóstia das mãos do Pe. Cícero, “imediatamente” se transformava em sangue e era recolhida em toalhas (panos) que mais tarde virariam alvo de devoção e incitava peregrinações. Maria Magdalena do Espírito Santo de Araújo, nascida no povoado de Juazeiro no dia 23 de maio de 1863, filha de camponeses pobres, cedo aprendeu a fiar o algodão e a confeccionar bonecas de pano que eram vendidas para ajudar a aumentar a renda familiar. Aos vinte e dois anos, após um seminário preparatório, veste pela primeira vez o hábito de beata e passa a residir na casa do padre, auxiliando-o nas obras assistenciais.

Tanto sua personalidade quanto sua saúde foram alvo de inúmeras conjecturas. Se era tuberculosa, hemofílica ou histérica não temos como provar, porém, sabemos que a beata apresentava episódios de transe, êxtase e estigmas (suava sangue e apresentava chagas pelo corpo), o que levou a parapsicóloga Maria do Carmo Pagan (1991)⁸⁹ a concluir que Maria “não foi uma embusteira [...]. Ela foi mística no sentido nobre da palavra, como também foram São Francisco, Tereza D’Ávila, João da Cruz [...]” Quatro hipóteses tentam dar conta do fenômeno “comunhão ensangüentada”: a primeira é apoiada pelo “Padrim” e pelos médicos que fizeram o primeiro exame concluindo como evento de natureza miraculosa; a segunda, defendida pela igreja oficial, aponta o acontecido como fruto de superstição, fanatismo e abuso à “Santa Eucaristia”; a terceira foi apresentada pelo Pe. Antonio Gomes de Araújo, e classifica o fato como um embuste patrocinado pelo Prof. José Marrocos em conivência com a beata; e, finalmente, a quarta posição que foi inicialmente levantada pelo Dr. Júlio César da Fonseca, qualificando o caso como fruto da influência do psiquismo sobre o organismo e, posteriormente, pela parapsicologia como caso de “aporte”.

Ainda hoje esse milagre rende histórias, como pudemos assistir no programa Fantástico da Rede Globo de Televisão, exibido no dia 29 de abril de 2007, em que a

⁸⁹ PAGAN, Maria do Carmo. *Maria de Araújo, a beata de Juazeiro*. São Paulo: Paulinas, 1991.

polêmica dos panos ensangüentados ressurgiu de forma surpreendente, até porque se pensava que todos eles teriam sido queimados pelos padres do Seminário do Crato, em mais uma – das incontáveis – tentativa de acabar com o fanatismo religioso na região, culminando com a destruição do túmulo⁹⁰ e o desaparecimento dos restos mortais da beata, por ordem do Bispo do Crato em 22 de outubro de 1930. Nas poesias biográficas, esse fato é sempre lembrado pelos poetas. Entretanto, há aqueles que dedicaram poesias inteiras ao fenômeno, entre estes poetas incluem-se: José Pereira da Silva (Zeca Poeta) e João Bandeira de Caldas.

O poeta pernambucano José Pereira da Silva escreveu um folheto de oito páginas, com vinte e oito setilhas de rima ABCBDDDB, intitulado “Passados do meu Padrinho: Beata Maria de Araújo, Juazeiro do Norte – CE”. Nele, é contada, a partir do ponto de vista jornalístico – a matéria inspiradora teria sido publicada no jornal O Globo de nove de novembro de 1970 – a história da “comunhão ensangüentada”:

Hoje eu amanheci inspirado
 porque não amanheci sozinho
me inspirei no jornal
e nos romeiros em caminho
 de todo Nordeste inteiro
 que visitam Juazeiro
 e respeitam meu padrinho.

Eu escrevi esta história
baseados nos jornais
 para mostrar aos romeiros
 fatos e tempos atrás
 pelos jornais foi contada
 a história é baseada
 Toda em fatos legais.

.....
 Pela mão do padre Cícero
 la a hóstia recebeu
 quando ela fechou a boca
 o seu corpo estremeceu
 apareceu uma luz
 e no sangue de Jesus
 a hóstia se converteu.

O ponto alto dessa narrativa é a ênfase colocada pelo poeta no impacto causado na população, e aí ele vai além do material colhido nos jornais, para basear-se nas fontes orais, principalmente nos relatos do próprio Pe. Cícero:

Porém naquele momento
 que o milagre aconteceu

⁹⁰ Quando Maria morreu em 17 de janeiro de 1914 foi enterrada com grande pompa em túmulo construído pelo Pe. Cícero dentro da Capela do Socorro, que logo passou a ser centro de peregrinação de romeiros.

de todo povo presente
 pouca gente percebeu
 tirando do meio do povo
**o padre voltou de novo
 sem falar no que se deu.**

.....
 A comunhão ensangüentada
abalou todo sertão
 das terras do Cariri
 foi a outra região
 começou pelo Agreste
**se espalhou pelo Nordeste
 chegou a toda nação.**

Com o milagre da beata
muita gente ali chegava
 pois queriam ver de perto
 a história que contava
 grande milagre continha
 pois os romeiros que vinha
 muitos deles até ficava.

.....
 Pra **visitar a beata**
vinha gente todo dia
 muitos romeiros a pé
 era linda a romaria
 cantando pelo caminho
 com a bença de meu padrinho
 e conversar com Maria.

Nas estrofes finais, o poeta levanta outra questão que, para a Igreja Católica, foi o estopim mobilizador da reação que culminou com a destruição do “santos panos” e, mais tarde, do túmulo da beata na Capela do Socorro, acelerando desse modo, a santificação da beata, que ao lado do Padrim abençoa e dá paz aos romeiros. A conclusão do poeta é que o milagre da hóstia foi operado pela Senhora das Dores, padroeira do Juazeiro. Ele termina sua poesia agradecendo a Deus, aos beatos, ao povo do Juazeiro e aos romeiros e sugerindo aos céticos que rezem em vez de criticar:

**Meu padrinho e a beata
 abençoou Juazeiro**
 deu **paz** a seus moradores
 abençoou seus romeiros
 por todos ele é querido
 e é muito conhecido
 no universo inteiro.
 Na igreja da mãe das Dores
 da virgem da conceição
 lá no perpétuo socorro
 no sagrado coração
 na igreja dos franciscano
**onde a gente todo ano
 recebe a santa benção.**

Quando nós sobe o horto
 muita gente em devoção
 vai para a estátua
 do padre Cícero Romão
 pois nessa hora exata
 lá **também ta a beata**
nos dão sua bênção.

.....
 Juazeiro terra benta
 de oração e de amores
 foi na capelinha santa
 pra onde se leva flores
 que a beata recebeu
 e a hóstia se converteu
foi obra da mãe das Dores.

Obrigado aos **romeiros**
 por me dar inspiração
 muito obrigado a **beatos**
 por sua santa bênção
 obrigado **ao povo** do Juazeiro
 de receber os romeiros
 do padre Cícero Romão.

Muito **obrigado a meu Deus**
 de sempre está ao meu lado
 eu escrevi para o mundo
 um caso que foi narrado
 se não quer acreditar
reze em vez de censurar
 ou me chamar de culpado.

Como assinalamos anteriormente, a história do Pe. Cícero por si constitui um ciclo temático na LC nordestina. Para concluir essa breve apreciação de sua história, como mote privilegiado, em níveis de construção textual, não poderia faltar o cordel do poeta paraibano João Bandeira de Caldas. Em sua poesia intitulada “A queimação dos panos ensangüentados da hóstia e depoimento do Pe. Antonio Vieira”, composta por trinta e duas setilhas setessilábicas, ele constrói seus versos tomando como mote a destruição dos “santos panos” por ordem do Bispo D. Francisco de Assis Pires. A poesia de Caldas é apoiada pelo relato do Pe. Antonio Vieira, que confessou para um jornalista ter incendiado as “reliquias” ao lado dos padres Raimundo Augusto e Francisco Limeira. O fato sacrílego para um poeta-devoto é que, ao queimar os “santos paninhos”, o clero reedita o calvário de Jesus Cristo, pois a crença na transubstanciação afirma que o corpo e o sangue de Cristo estão presentes no sacramento da comunhão:

Pra quem não sabe da história
 do destino dos paninhos
 do Milagre do Juazeiro

deixo aqui estes versinhos
provando que **Jesus Cristo**
através do tempo é visto
sempre com cruz e espinhos.

Dia 30 de setembro
do ano de quarenta e nove
às dez horas da manhã
coisa que ainda comove
por detrás do Seminário
fizeram **novo calvário:**
queimaram Cristo, há quem prove.

Lá **sepultaram as cinzas**
daqueles panos queimados
foi uma queima de acervos
que ficaram sepultados
no Seminário do Crato
local do histórico fato
há esses anos passados.

O **Padre Antonio Vieira**
num relato verdadeiro
publicado num jornal
dito pro Brasil inteiro
ele com mais três vizinhos
incendiaram os paninhos
do Milagre do Juazeiro.

O **Padre Raimundo** Augusto
foi o que leu o mandato
de **Dom Francisco** de Assis
Pires, o Bispo do Crato
Padre Francisco Limeira
e **Padre Antonio** Vieira,
sim, realizaram o ato.

O mais interessante na construção do poeta é a constatação do caráter ideológico do ato consumado pela Igreja Católica Romana, pois, se o milagre não era verdadeiro, por que destruir as provas? Por que não conservar os panos e submetê-los à investigação científica? E mais, porque desperdiçar evento tão importante, não só para a fé, mas para a economia e desenvolvimento de uma região? Para o poeta – e o povo que com ele faz eco – o ato extremado do clero é uma afronta à transcendência manifestada no Juazeiro e um desperdício, em alto grau, das possibilidades de conversão de uma multidão de pessoas afastadas da religião, que poderia se achegar à Igreja mediante os prodígios operados por esse milagre. Após a incineração das relíquias, que estavam dentro de uma caixa de madeira, o Bispo manda enterrar as cinzas em uma cova e planta um caroço de manga, que não chegou a germinar, ficando “somente a saudade”:

A saudade de uma história

que **devia ser guardada**
 com amor e com carinho
 pra depois **ser estudada**
 com cuidado e paciência
 nas alcovas da ciência
e no futuro explicada.

O Bispo mandou queimar
 e sepultar tudo ali
 por detrás do Seminário
 como já falei aqui
 caindo num grande abismo
queimando o próprio turismo
do Crato e do Cariri.

Não se queima documento
verdadeiro ou mentiroso
 documento a gente guarda
 nem que seja duvidoso
 é um testemunho vivo
 e o que queima um arquivo
 mostra que é muito medroso.

Quem não queria conhecer
 essa caixa de madeira
 que continha esses paninhos
 na Igreja da Padroeira
 no Juazeiro ou no Crato
a romaria de fato
faria maior carreira.

Ainda seria maior
o tanto de romaria
 que **prejuízo** não deu
 a historiografia
 o **turismo** e a **cultura**
 deixando essa face escura
 também para a poesia.

.....
 Se essa caixa de paninhos
 Ainda existisse aqui
 no lugar que ela estivesse
 a ciência estaria ali
 dia e noite, noite e dia
 como não **promoveria**
o Vale do Cariri.

E o tanto de **conversão**
 que podia acontecer
 o quadro de pecador
 que podia reverter
 com o fato sendo visto
 forte trabalho que Cristo
 pois queria empreender.

Na continuação da poesia Caldas constrói argumentos que tentam rebater as acusações dos opositores do milagre. Para tanto, ele utiliza ilustrações bíblicas, para situar,

historicamente, o afastamento do homem de tudo que é sagrado e misterioso, em sua relação com Deus e, fato curioso, a certeza que o poeta manifesta na veracidade do milagre é tão contundente, que aquilo que ele mais lamenta é que, com a destruição dos panos, a ciência – notória rival dos fenômenos supersticiosos da religião – não vai poder provar essa teofania ocorrida em Juazeiro:

O homem sempre atrapalha os trabalhos que Deus quer

realizar pelo homem
no lugar que ele estiver
isso se deu com Adão
no tempo da criação
que optou pela mulher.

Quantas vezes Deus já quis
melhorar a condição
do homem em cima da terra
e o homem faz confusão
resistente, cabeçudo
termina deixando tudo
e cedendo à ingratidão.

Confundindo Deus com diabo
preferindo satanás
sem procurar entender
de Deus os grandes sinais
sem notar a diferença
da Sabedoria Imensa
dos prodígios que Deus faz.

Como no caso daqui
essa tristeza se deu
que **Deus quis manifestar-se**
a igreja não entendeu
a confusão começou
o Padre Cícero pagou.
O Juazeiro, sofreu.

Se os panos eram **mistérios**
e o bispo não entendia
e como não entendesse
queimá-los não deveria
e pisando mais seguro
deixasse para o futuro
que a ciência explicaria.

Zé Marrocos, não podia
esse milagre forjar:
químico, ele não era
e nem sabia bruxar
também não foi cientista
era apenas jornalista
e sabia lecionar.

Nos últimos versos, o poeta nos mostra que a “afronta” promovida pelo clero do Crato, ao incendiar os “santos paninhos”, ainda que possa ter tido alguma influência negativa no âmbito da fé, da conversão e da penitência, não foi capaz de acabar com a devoção ao Padrinho nem com as romarias, que crescem a cada ano, e transformam Juazeiro do Norte no maior centro da religiosidade popular do país:

A queima desses paninhos
foi uma **afronta** ao Juazeiro
foi um **abalo na fé**
do humilhado romeiro
e na esperança também
que o bom sertanejo tem
no Filho do Carpinteiro.

Foi uma **falta de estímulo**
também pra religião,
na penitência do pobre
e no rico a conversão
com certeza um atrapalho
embaraçando o trabalho
do Padre Cícero Romão.

Um esbarrar na piedade
do paciente romeiro,
uma repressão à beata
que sofreu o tempo inteiro,
apesar de tudo isto
o povo não deixa Cristo
nem abandona Juazeiro.

E, claro está, também não foi capaz de acabar com a poesia popular narrativa que “resiste” aos fatos, seja encampando-os, seja contradizendo-os, ou como afirma Bosi (1997, p.146):

A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos, “esta coleção de objetos de não amor” (Drummond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante; resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se à memória viva do passado; e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia.

Com a poesia de João Bandeira de Caldas, encerramos este tópico sobre essa figura ímpar para a poesia popular nordestina, lembrando que, pelo fato de o Pe. Cícero constituir um ciclo temático na LC, muita coisa foi deixada de lado em nossa análise, cujo objetivo é realizar um exame da permanência do ciclo místico-religioso na LC, em níveis de construção textual e não apenas do santo do Juazeiro. Os devotos espalhados pelo Brasil esperam ansiosos pelo dia em que a igreja oficial reabilite e canonize o Padrinho, mas, para a maioria dos poetas de cordel – e dos romeiros, naturalmente – essa é uma questão de somenos importância, pois o que define a santidade para o devoto não é o atestado de Roma, mas a

história de uma vida dedicada a Deus e ao próximo. Por tudo isso, o romeiro faz coro com o poeta Cícero Wilson da Silva⁹¹, quando diz:

Padre Cícero é nosso irmão
e eu sou afillhado
eu peço sua benção
para ser abençoado
o padre Cícero Romão
**hoje no meu coração
já esta canonizado.**

2.2.4 Frei Damião de Bozzano na Literatura de Cordel

Frei Damião, meu bom frei Damião, eu sou nordestino eu estou
pedindo a sua benção. **Luis Gonzaga**

Pio Giannotti – que mais tarde viria a ser conhecido como Frei Damião de Bozzano – nasceu a 5 de novembro de 1898, em Bozzano, no norte da Itália, filho dos camponeses Félix e Maria Giannotti. Frei Damião começou a estudar religião aos 12 anos de idade, na Escola Seráfica de Camigliano e, em maio de 1914, ingressou na Ordem dos Capuchinhos (Convento de Vila Basílica), onde recebeu o hábito religioso. Aos 19 anos, foi convocado para o Exército italiano e teve de abandonar os estudos religiosos. Frei Damião foi soldado por mais de três meses e, durante a Primeira Guerra Mundial, ficou acampado em Zara, zona disputada pela antiga Iugoslávia e a Itália. No dia 25 de agosto de 1923, foi finalmente ordenado sacerdote, na Igreja de São Lourenço de Brindisi, em Roma. Em 1931, deixou a Itália e, após breve estadia no estado do Rio de Janeiro, rumou diretamente para o Convento dos Capuchinhos no Recife. Desde a sua chegada ao Brasil, Frei Damião se ocupou em pregar missões pelo interior do Nordeste, arrastando multidões para ouvir suas palavras, marcadas por um discurso conservador, com ameaças do fogo do inferno para os pecadores, o que lhe rendeu vários atritos com representantes da chamada igreja progressista.

Morreu no Recife, a 31 de maio de 1997, depois de passar vinte e cinco dias internado no Hospital Português, com graves problemas de insuficiência respiratória. O governo de Pernambuco e a prefeitura do Recife decretaram luto oficial por três dias. Seu corpo foi embalsamado, velado durante três dias na Basílica da Penha e no Estádio do Arruda, no Recife. Ao seu sepultamento, no Convento dos Capuchinhos, bairro do Pina, também no Recife, compareceram milhares de fiéis e várias autoridades, entre as quais o vice-presidente da República Marco Maciel, representando o presidente Fernando Henrique Cardoso; o

⁹¹ SILVA, Cícero Wilson da. *Poesia sobre Padre Cícero*. Juazeiro do Norte. Lira Nordestina, 2005.

governador Miguel Arraes; inúmeros vereadores, deputados e senadores; e o ex-presidente da República Fernando Collor de Melo. Durante o velório, um devoto politizado ostentava um cartaz com os seguintes dizeres: “livrai-nos Frei Damião dos políticos ladrões oportunistas”; talvez mandando um recado aos ilustres presentes à solenidade.

Para a grande maioria dos devotos do Pe. Cícero Romão Batista, o frade franciscano Frei Damião, é tido como seu sucessor na missão evangelizadora e salvadora das gentes do interior do Nordeste e, mesmo antes de sua morte, ocorrida em 1997, já ocupava lugar de destaque nas páginas dos folhetos de Cordel dos poetas nordestinos ao lado do Padre do Juazeiro. Foram muitos os poetas que deixaram registrados em seus folhetos a crença de que o frade capuchinho seria o sucessor legítimo do Pe. Cícero, como se pode constatar nesses versos do poeta alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante, em seu folheto “Frei Damião - O Missionário do Nordeste”, de 1976:

Desde que **o padre Cícero**
do Juazeiro **morreu,**
no Nordeste brasileiro
outro vulto apareceu.

O evangelho anunciando
e aos romeiros curando,
de acordo com o modo seu.

Nos Estados nordestinos,
da Bahia ao Maranhão,
ele sempre, sempre aparece
fazendo santa missão.

Um frade já bem velhinho,
seguindo o mesmo caminho
do padre Cícero Romão.

Trata-se de Frei Damião,
de porte simples, sereno,
com uma batina velha,
de estatura: pequeno

Pelas cidades pregando,
ao povo anunciando,
como Jesus Nazareno

Outro poeta que partilha dessa opinião é o caruaruense Olegário Fernandes da Silva, que em seus versos, no livreto “Conselhos e sermão de Frei Damião”, procura descrever o ato solene da sucessão:

Sabemos que o Padre Cícero
Foi um grande conselheiro
Tinha boas intimidades
Com nosso pai verdadeiro

Por esse meio remia
Todas classes de romeiros

No ano de 34
Fez sua separação
Alguém diz que ele morreu
Porém eu digo que não
Fez entrega dos romeiros
Nas mãos de Frei Damião

Iniciaremos nossa análise acerca da importância dessa ilustre personagem da poesia de Cordel, examinando o livreto do poeta potiguar Zé Saldanha (José Saldanha Menezes Sobrinho), intitulado “Nascimento, vida e morte do Frade Frei Damião”, publicado em 1997, no Rio Grande do Norte. Zé Saldanha, nascido em 23 de fevereiro de 1918, transitou em todos os gêneros do Cordel – cangaço, humor, pejejas e romances - e no gênero que nos interessa – o místico e religioso – ele escreveu alguns folhetos de grande repercussão, como por exemplo: “O sonho do Padre Cícero ou a voz da Profecia”, “A moça que ganhou a aposta com o diabo”, “A moça que foi ao inferno em sonho”, “A genealogia de Cristo” e “Nascimento e Vida Sacerdotal de Frei Damião de Bozzano”, cuja primeira edição data de abril de 1960.

O livreto “Nascimento, vida e morte do Frade Frei Damião”, publicado em 1997, logo após o falecimento do frade franciscano, é composto de trinta e cinco estrofes, com sete versos (sete pés), rimados em seqüência ABCBDDDB. Saldanha inicia o poema anunciando o seu sentimento de pesar e o estilo da narrativa a ser adotado, no caso, o jornalístico, tanto que o poeta convida o leitor-ouvinte a assistir o que vai ser apresentado:

Peço atenção dos leitores
Sentindo muita emoção;
Para assistirem um momento
Muito digno de atenção
Vou narrar neste repórter
Nascimento, vida e morte
Do nosso Frei Damião

Na segunda estrofe, o poeta utiliza o recurso típico das narrativas heróicas: o nascimento do herói é sempre sinalizado por alguma manifestação sobrenatural ou mística, já prevendo um futuro diferente, assinalando uma característica especial que o diferenciará dos demais mortais:

Em dezoito noventa e oito
Como está escriturado;
A cinco dias de novembro
O astro amanheceu mudado

De aspecto risonho e santo
 Uma nuvem em forma de manto
 E com um frade retratado

Na terceira e quarta estrofes, o poeta descreve rapidamente a família e acontecimentos da infância do Frade – escola onde estudou, desenvolvimento da vocação etc. – culminando (estrofes de cinco a oito) com sua adesão à ordem dos capuchinhos, sua participação na I Grande Guerra e na volta, a ordenação como sacerdote:

Continuou com amor
 Estudar com vocação;
 Em maio do ano quatorze
 Ingressou com perfeição
 Na **ordem dos capuchinhos**
 Que mudaram com alinhos
 Seu nome pra Damião

Em dezenove dezoito
 Aos seus dezenove anos
 Foi **convocado ao exército**
 Dos reforços italianos
 Pelas trincheiras de guerra
 Em defesa de sua terra
 Batalhou mais de três anos

No fim da guerra voltou
 Com seu pensamento ditoso;
 Continuou estudando
 Seu culto religioso
 Em vinte e três teve o dote
 De formar-se em sacerdote
 Seu destino primoroso

No dia cinco de agosto
 Do ano de vinte e três
 Ele **ordenou-se em Roma**
 Com bonita sensatez
 Como um apóstolo de Cristo
 Tornou-se forte e benquisto
 Nos juramentos que fez

Nas estrofes acima, e nas subseqüentes, observamos o cuidado com as datas e eventos, como se o poeta tentasse mostrar ao leitor-ouvinte o desenvolvimento cronológico de uma vocação à santidade, destino primoroso já anunciado pelo sinal miraculoso da nuvem em forma de manto, com um retrato de frade que surgira no dia de seu nascimento.

Da décima à décima terceira estrofe, o poeta descreve a chegada do capuchinho ao Brasil, as vicissitudes de sua missão (deixar a Itália e pregar no sertão nordestino) e o objetivo para o qual estava predestinado: trazer amor, aconselhar, ser o grande doutrinador do nordeste, abrir os caminhos para a libertação do povo oprimido e pregar a Santa Missão.

Em maio de trinta e um
 O frade Frei Damião
 Deixou a Itália e veio
 Pregar em nosso sertão
 Do nordeste brasileiro
 Foi o **maior conselheiro**
 Dessa nossa região

Frei Damião de Bozzano
 Veio lá do estrangeiro;
 Esse ministro de Deus
 Nosso padre mensageiro
 Veio nos **trazer amor**
 Foi **grande doutrinador**
 Do nordeste brasileiro

Ele chegou no Brasil
 Em forma de penitência;
 Se alimentava pouquinho
 Vivendo da resistência
 Pregando a **santa missão**
 Com o povo em procissão
 Com luz e clarividência

Veio da Itália trazendo
 Seus amigos capuchinhos;
 Padres, santos, conselheiros,
Para abrir nossos caminhos
 Pregando as santas missões
 Com os fieis em procissões
 Ouvindo os sermões de alinhos

O autor prossegue sua narrativa poética (estrofes de 14-18) – biográfica – descrevendo a chegada do frade ao Rio de Janeiro, sua posterior transferência para Pernambuco e o início das “Santas Missões” em Gravatá e depois Pesqueira, para daí em diante espalhar-se por todo o Nordeste do Brasil. O tom biográfico da narrativa vai ser alterado nas estrofes dezenove e vinte e um. Na primeira, o poeta compara Frei Damião a João Batista que, de acordo com o relato bíblico – o primeiro capítulo do evangelho de Marcos – era conhecido como a “voz que clama no deserto”, pregando o arrependimento dos pecados, enquanto preparava o caminho para a chegada do Salvador Jesus Cristo:

Frei Damião nas missões
Forte, destemido e alerta;
 Um enviado de Deus
 Pregando o roteiro certo
 A sua missão prevista
É mesmo ver João Batista
 Pregando a voz do deserto

Na estrofe de número 21, o Franciscano é comparado ao próprio Jesus Cristo, fato comum na literatura de Cordel, que nesse ponto faz eco à voz das populações pobres do interior do Nordeste, para quem essas figuras carismáticas, (Antonio Conselheiro, Pe. Cícero

e Frei Damião) são igualadas a Deus, sem que isso constitua – pelo menos para elas – uma heresia do ponto de vista teológico:

Frei Damião na igreja
 Dando assistência à platéia;
 E depois na procissão
 Com sua teodicéia
 Com seu sistema benquisto
É mesmo estar vendo Cristo
Pregando na Galiléia

As comparações realizadas pelo poeta, que traduzem o pensamento dos fiéis e romeiros, não são irrelevantes ou meros recursos retóricos. Há uma semelhança entre as lideranças messiânicas surgidas no Nordeste brasileiro – de Antonio Conselheiro a Frei Damião – com os santos homens da Bíblia, como o profeta Elias, o nazireu João Batista, os apóstolos Pedro e Paulo e até mesmo Jesus Cristo. Todos eles pregaram no deserto, enfrentaram a pobreza material e espiritual de uma classe oprimida, foram perseguidos pelos poderes constituídos e anunciaram um reino nos céus, que ia além das limitações geográficas, seja na Galiléia ou no semi-árido nordestino. Na estrofe 19 (acima) o frade franciscano é descrito inicialmente como forte, destemido e alerta e, nos versos seguintes, como “um enviado de Deus que prega o roteiro certo”, ou seja, uma síntese das características apontadas pela Bíblia – Mc 1, 6 – acerca do caráter de João Batista, que se alimentava de gafanhotos e mel silvestre e era radical em suas pregações, principalmente em relação à moral, atividade que o levou à prisão e, posteriormente, à morte⁹².

O poeta Saldanha conclui sua narrativa descrevendo em detalhes os últimos momentos da vida do frade capuchinho, desde o momento da internação – destacando o estado de saúde e os cuidados médicos – até seu sepultamento, sem esquecer do destaque dado pela mídia e, é claro, dos aspectos místicos que também estiveram presentes em sua morte:

Ele em **estado de coma**
 Tinha vivo o coração;
Os médicos observavam
 Funcionar seu pulmão
 Sua matéria dormia
 Enquanto o espírito fazia

⁹² João Batista é considerado, pela maioria dos estudiosos da Bíblia, como o último dos profetas da antiga Aliança. Seu nascimento de natureza miraculosa – fruto da união de um sacerdote ancião com sua esposa estéril e de idade avançada – é descrito no primeiro capítulo do evangelho de Lucas. Durante seu ministério João Batista insistia na santificação, no conseqüente abandono do pecado e na volta à fidelidade a IAWEH. Isso lhe valeu a hostilidade dos poderes políticos (Herodes) e religiosos (Fariseus e Saduceus), que, no entanto não podiam enfrentá-lo, temendo a reação da população que o aclamava como profeta e santo.

Uma pura ligação

Trinta e cinco mil pessoas
Ao enterro compareceram;
 E o grande número de padres
 Que ali permaneceram
 A missa de corpo presente
 Deixou mais lembranças à gente
 Nossas saudades cresceram

Foi **grande o número de gente**
 Na mais **completa emoção**
 Que visitaram o velório
 Do frade frei Damião
 Os transportes eram lotados
 Gente de todos os estados
 De carro e de avião

A trinta e um de maio
Noticiavam os jornais;
 Frei Damião faleceu
 Agora não volta mais
 Aquele vulto varonil
 Que doutrinava o Brasil
 Com amor, carinho e paz

Uniu-se aos capuchinhos
 Em **maio** de quatorze; em seguida,
 Em **maio** de trinta e um
 Fez viagem destemida
 Para o Brasil que compete
 Em **maio** de noventa e sete
 Partiu para outra vida.

Só quem presenciou uma das “santas missões” e viu a grande quantidade de pessoas que afluíam dos mais diversos pontos do Nordeste para ouvir a pregação do frade capuchinho, pode ter em mente a dimensão exata da liderança carismática desse homem de baixa estatura e disciplina férrea. Tal qual João Batista, ele também submetia seu corpo a duras provações: longas caminhadas sob o sol causticante do sertão, ouvir em confissão centenas de peregrinos, pregar de pé por longas horas, dormir tarde – tendo por travesseiro um tijolo – e acordar cedo. Na poesia de Cordel essas características não passaram despercebidas. O poeta do Juazeiro, Abraão Batista, destaca em seu livreto “Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião e o porquê” as características apontadas acima:

Me mostrem um padre que
 Faz igual a Frei Damião
Se mistura com a pobreza
 No meio da multidão
 Andando nas brenhas secas
 Do mais profundo sertão?!

Me mostrem o padre que
Se levanta de manhãzinha

E se deita tarde da noite
Sem se saber donde vinha,
Me mostre, na sua idade
Quem a sua coragem, tinha?!

Como já assinalamos acima, uma das principais características das pregações do Frei Damião era seu matiz moralizante e conservador. Os poetas são unânimes em representar nos seus folhetos esse traço singular das prédicas do monge capuchinho – mesmo que essa fidelidade aos conteúdos os afaste de uma verdadeira experiência literária e os aproxime mais de uma narrativa jornalística. Nesse ponto, sua semelhança a João Batista é incontestável, o pregador galileu exortava o povo a levar uma vida afastada do pecado, arrependendo-se, batizando-se e comprometendo-se a abandonar todo o mal representado pelos vícios, pelo apego aos prazeres carnavais, pelos crimes e pelo adultério. Para Frei Damião, chamar os pecadores à conversão e os afastados da Igreja Católica Romana, aconselhando-os em questões de moralidade, era o objetivo principal de suas pregações.

No livreto “Conselhos e Sermão de Frei Damião”, o poeta Olegário Fernandes constrói sua narrativa poética a partir daquilo que testemunhou, como ouvinte de uma “Santa Missão”, realizada em Juazeiro do Norte:

Agora no Juazeiro
Eu ouvi Frei Damião
Aconselhando ao povo
Botando a santa benção
Tirando do caminho do mal
E mostrando a salvação

Um aspecto subliminar dessa prédica moralista e conservadora, muito interessante do ponto de vista psicossociológico, presente na cosmovisão do sertanejo e captado pela escritura do poeta, é a correlação estabelecida entre as dificuldades da existência e a desobediência aos mandamentos divinos. Essa concepção veterotestamentária da relação Homem-Deus foi absorvida pela população carente do interior nordestino e foi cantada pelos poetas. Dessa forma, a dor, a fome, a carestia, a seca e os demais infortúnios do viver seriam um castigo, consequência do pecado e da transgressão de homens e mulheres que insistem em se separar de Deus. O poeta Olegário assim expressa essa crença:

Meus filhos **quêde a fartura**
Que havia a anos atrás
Quando o pecado era menos
A religião era mais
Hoje a falta do capim
Morre os próprios animais

Porque a anos atrás
 Amavam a Virgem Maria
 E hoje só dão valor
 A samba, moda e orgia
Por isso está castigado
De peste, fome e carestia

Por isto Frei Damião pede
 Por nosso Deus Poderoso
 Com os joelhos sobre a terra
 E os olhos lacrimosos
 Para o pessoal sair
 Deste **caminho horroroso**

Por isso Frei Damião pede
 Pela hóstia consagrada
 Pelo sofrer de Jesus
 Lá nas horas amargurado
 Para o pessoal sair
 Dessa **estrada tão errada**

Porque ninguém não deixando
Terá que ser castigado
 Veja que essa carestia
 Tem apertado um bocado
 Todo dia que se passa
 Ficando mais apertado

Depois de pedir para que os fiéis abandonem o caminho horroroso e a estrada errada por onde caminha, Frei Damião vai surgir na pena do poeta como intercessor entre Deus e os homens, não mais como João, o Batista, mas como Moisés, que intercedia junto a Deus pelo povo hebreu de “dura cerviz”, que relutava em aceitar e seguir aos mandamentos, e que, na menor dificuldade, recaía na idolatria de sua herança egípcia. A única diferença aqui é que o frade não se dirige diretamente a Deus, mas à Virgem Maria, devoção extremamente forte no catolicismo popular, disseminada por todo território brasileiro:

Frei Damião ainda apela
 Pra Virgem da Conceição
 Fazendo suas penitências
 Rezando sua oração
Pra ver se pode obter
Para esse povo o perdão

E, para chamar esse povo nordestino, também de “dura cerviz”, ao abandono da estrada do erro e do pecado, nada melhor que o aconselhamento insistente, permeado pela ameaça do fogo do inferno. Os principais temas de cunho moral – recorrentes no discurso do frade de Bozzano – e presentes na obra olegariana dizem respeito à prática da caridade, à submissão aos pais, à sexualidade (fornicação e adultério) e à obediência aos mandamentos da Igreja Católica Romana:

Meus filhos deixe o pecado
 E ame a religião
 Peça talento a Jesus
 E a Virgem da Conceição
 Faça **esmola e caridade**
 Quem pede é Frei Damião

Filho desobediente
 Não pode ser perdoado
Quem maltrata pai e mãe
 É triste o seu resultado
 É abraçado do maldito
 É de Jesus abandonado

Aí tem **moça solteira**
Namorando homens casados
 Ao ver deixa o solteiro
 Faz um papel desgraçado
 Essa perdeu o direito
 Do Jesus sacramentado

Mulher que é falsa ao marido
 Essa não sabe o que faz
 Desmantela todos os planos
 Em todas misérias cai
 Seu espírito é miserável
 Sua alma é de satanás

Aviso aos meus romeiros
 Que não caia no engano
Vão a missa e se confessem
 A nosso Deus soberano
 Porque nós temos uma guerra
 Daqui para o fim do ano

O poeta Abraão Batista em sua obra supracitada resume em uma única estrofe aquilo que considera central na prédica moralizadora e conservadora de Frei Damião:

Frei Damião **manda rezar**
 E **casa os amancebados**
Orienta para o trabalho
 E **consola** os desmiolados
Lembra o céu, **mostra o inferno**
 Aqueles desconsolados

Fiéis e romeiros vêm no Frade franciscano não apenas o religioso preocupado com a salvação de suas almas do fogo da perdição, mas um santo homem, que tal qual seu antecessor direto – o Pe. Cícero Romão Batista – era também profeta. O profetismo é inerente a qualquer movimento religioso, desde as antigas religiões politeístas da Mesopotâmia, Egito, Pérsia e Grécia, passando pelas religiões monoteístas dos Judeus e Árabes. No Judaísmo – que nos interessa mais de perto por ter servido de base ao Cristianismo – o movimento profético foi decisivo para a consolidação do monoteísmo, como religião, e do Estado de

Israel como nação. Antes que Israel viesse a ser um reino, no tempo dos juízes, existiam espalhadas pelas aldeias de Sião inúmeras “escolas de profeta”, para que Israel não ficasse sem comunicação direta com Deus. A importância do profetismo na vida do povo Judeu pode ser inferida a partir da relevância ocupada pelos escritos proféticos no cânone da Bíblia.

Não se pode conceber o profetismo dissociado da vida da comunidade, pois a mensagem profética é dirigida ao povo, e é ao povo que o profeta é enviado, com o propósito de recordar aos homens e mulheres as exigências do Reino de Deus e exortá-los a seguir pelo caminho correto que leva à salvação. Como um homem que teve uma experiência profunda e imediata com Deus, ele trás para seus contemporâneos uma mensagem que se refere ao presente e ao futuro. Não é um simples adivinho, mas, um intérprete de Deus que, de acordo com o comentário da Bíblia de Jerusalém sobre o profetismo: “transcende o tempo, e suas predições vêm confirmar e prolongar suas pregações”.

Mais uma vez, a semelhança entre a atividade dos profetas bíblicos do Antigo Testamento com os profetas do Sertão nordestino pode ser assinalada: ambos, em suas pregações às populações pobres, oprimidas e dispersas em termos de fé e território, preocupam-se em conferir-lhes um sentido de identidade e santidade. Dessa forma, os profetas veterotestamentários – Daniel, Elias, Ezequiel, Isaías, Jeremias, todos os profetas chamados “menores” até João Batista – ressurgem no interior do Nordeste nas figuras de Antônio Conselheiro, do Pe. Cícero e de Frei Damião.

Na Literatura de Cordel, a atividade profética do monge capuchinho assume um tom nitidamente apocalíptico, como se observa no livreto “A Profecia Sagrada do Frade Frei Damião”, de Antonio Ferreira da Silva, que inicia a narrativa poética pedindo que a mensagem a ser transmitida seja guardada no coração:

Caros ouvintes leitores
 Atenção muita atenção
 Quem for católico romano
Guarde no seu coração
 As palavras deste livro
 Ditas por frei Damião.

Nas estrofes subseqüentes, o poeta alerta para a proximidade do fim dos tempos, seguindo uma tradição que é regra nos cordéis apocalípticos que parecem ser derivados dos sermões escatológicos de Jesus, no Evangelho de Mateus (24, 6-8):

Ouvireis falar de guerras e de rumores de guerras. Atenção; que isso não vos perturbe, porque é preciso que isso aconteça. Mas ainda não será o fim. Levantar-se-ão nação contra nação, reino contra reino, e haverá fome, peste e grandes desgraças em diversos lugares. Tudo isto será apenas o início das dores.

No Evangelho de Marcos (13, 11-13), também encontramos uma versão – a mais antiga talvez – do episódio conhecido por “princípio da dores”:

Quando, pois, vos conduzirem para vos entregarem, não estejais solícitos de antemão pelo que haveis de dizer [...]. O irmão entregará à morte o irmão, e o pai, o filho; e os filhos insurgir-se-ão contra os pais e dar-lhes-ão a morte. E sereis odiados de todos por causa de meu nome. Mas o que perseverar até o fim será salvo.

E no Evangelho de Lucas (21, 25-28):

Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas. Na terra a aflição e a angústia apoderar-se-ão das nações pelo bramido do mar e das ondas. Os homens definharão de medo, na expectativa dos males que devem sobrevir a toda a terra. As próprias forças do céu serão abaladas.

Outras fontes que, certamente, contribuíram com os poetas na construção de suas narrativas, podem ser encontradas nas lendas oriundas dos chamados evangelhos apócrifos e pseudepígrafos que foram incorporados à tradição da Igreja Católica Romana e das profecias do próprio livro do Apocalipse, ouvidos nas missas domingueiras e nas prédicas do frade capuchinho:

Frei Damião nos avisa
Que estamos no **fim da hera**
Precisamos se livrar
Dos laços da **besta-fera**
Ele já está no mundo
Fazendo estragos de vera

A muitos anos o povo
Deixou de marchar em frente
Da pra vocês entenderem
Como esta diferente
Pra todo acerto de conta
Tem poucos anos somente

Vejam quantos anos faltam
Para **completar 2 mil**
Daqui pra lá vai se ver
Coisas estranhas no Brasil
Como nos outros paízes
Sendo atacado sutil

Está se cumprindo tudo
Da **profecia sagrada**
O que a bíblia relata
Não está faltando nada
Já está tudo no fim
Sua data foi chegada

Mais adiante, e ainda seguindo a tradição dos relatos apocalípticos, o poeta passa a descrever os sinais que apontam para a chegada do fim. Sempre em consonância com a escritura bíblica, com a tradição oral, e pincelada das tragédias cotidianas que abundam nos jornais e telejornais, seus versos vão construindo uma imagem do caos de nossa história presente, indicando os aspectos sintomáticos de cada acontecimento:

A muitos anos **os sinais**
 Vem a todos demonstrando
 Se cumprindo o que foi dito
As profecias provando
 A porca no parafuso
 Cada vez mais apertando

Desastres, crime e assaltos
Seqüestro todos os dias
 Fome, peste, seca e guerras
Doenças e epidemias
 Isto é pra se cumprir
 As sagradas profecias

Governo contra governos
Nação contra nação
 Os pais desonrando as filhas
Irmão matando irmão
 Irmão desonrando irmã
 Sem a Deus pedir perdão

Genro matando sogro
 Mulher matando marido
 Filho transa com a mãe
 Como um desconhecido
Ninguém tem religião
 Nosso mundo está perdido
 A mãe matando os filhos
 Sem ter dó nem compaixão
 Quando não matam vendem
Se vê na televisão
 Político com pai de santo
 Para ganhar eleição

A estrofe abaixo é um exemplo dessa inserção dos temas cotidianos no âmago das profecias bíblicas. Sabe-se que na antiguidade também aconteciam roubos e assaltos, mas a referência feita à prostituição infantil coloca a escritura poética além das profecias, pois, quando o poeta acrescenta mais esse problema do nosso mundo atual, como um sinal dos fins dos tempos, ele alia a crítica social – feita sob a forma de denúncia – à escatologia:

Roubo e assalto é de mais
 Crime e presos nos quartéis
Meninas quase crianças
Perdidas nos cabarés
 E o satanaz não pára
 De iludir os fiéis

Uma constante nos sermões de Frei Damião era a vinculação da fidelidade dogmática aos sacramentos da Igreja Católica Romana como único recurso para a salvação. Desse modo, ir à igreja, rezar, confessar-se e aceitar Jesus estariam em oposição àquilo que era tão caro as festividades do catolicismo popular, em que há muita dança, muito fumo, muita bebida e muito jogo:

Ninguém quer ir a igreja
 Rezar ou se confessar
Não quer aceitar Jesus
 Para poder se salvar
Só quer dá valor a dança
Fumar, beber e jogar

Após o anúncio das catástrofes sociais que prenunciam o fim, o poeta se esmera em construir um quadro de horrores, gerado pela fúria dos fenômenos da natureza – vulcões, terremotos, secas e inundações – ainda mais forte que o do evangelista e chama-nos a atenção uma triste ironia: um povo que enfrentou ao longo de sua vida e de sua história a aridez do solo e a falta d'água irá perecer numa grande inundação que, semelhante ao Dilúvio narrado na Bíblia, porá fim a toda espécie de vida na face da terra:

Vulcão e tremor de terra
 Isto é o que mais se ver
 Lugar que chove de mais
 Outro lugar sem chover
 Causas semelhantes a estas
 Inda vai aparecer

As chuvas inundam a terra
 E dando o conhecimento
 Faltando chuva é para
 Ouvir do povo o lamento
 Que só se chamar por ele
 Na hora do sofrimento

Depois de ter apresentado todos esses sinais como prova incontestada da proximidade dos acontecimentos do Apocalipse, o poeta – assim como o profeta - conclama o povo a acreditar nas profecias e a realizar uma mudança de vida: voltar à religião e ao santo caminho apontado por Frei Damião:

Meus irmãos ouçam os conselhos
 Do Frade Frei Damião
 Que sempre diz a verdade
 Falando no seu sermão
 Aconselho o povo que
 Fujam da rebelião

Resta um pouquinho de anos

Para tudo levar fim
 Muitos tem sofrido
 Porque não ouviram a mim
Como resa as profecias
Tem que se cumprir assim

Quem não se acertar
 Vai chorar arrependido
Quem não ouvir meus conselhos
Vai viver mau dirigido
 Arrependimento tarde
 não serve a desprevenido

Brasileiros e brasileiras
 Guardem este santo aviso
 De recomendar a todos
 É o que mais eu preciso
 Brevemente eu partirei
 Para o santo paraíso

Lembre-se das palavras
 Que eu falei no sermão
 Ame a Deus e ao próximo
 Perdoe ao seu irmão
Faça estes mandamentos
Busque mais a salvação

Como não poderia ser diferente, as narrativas poéticas sobre a vida do frade franciscano também foram objeto de uma mescla temática, presente desde os primórdios na Literatura de Cordel: a junção do ciclo místico religioso com o ciclo de usos e costumes, com uma pitada de magia e encantamento. Na poesia “A moça que virou jumenta porque falou de Top Less com Frei Damião”, de José Francisco Borges escrita na década de 80, podemos apreciar uma crítica bem-humorada à moda do “topless” – cuja prática se disseminou pelo Brasil nesse período – em que uma moça resolve desafiar Frei Damião e recebe um horrível castigo:

Agora em Aracaju
 deu-se um exemplo horroroso
 com uma **moça farrista**
 de um **coração rancoroso**
 que não gosta de Padre
 e nem de Deus poderoso

Os cordéis de natureza sapiencial – que evocam a tradição, os usos e os costumes – insistem na denúncia do comportamento carnal (em oposição ao espiritual) e no abandono da religião, como causas da ira divina e o conseqüente envio do castigo. Na estrofe anterior, a moça é descrita como farrista, de coração rancoroso e avesso a Deus e à igreja. Na seguinte, há uma reafirmação, pois ela não se confessa, não ora e usa todas as modas que aparecem:

Nunca foi se confessar
 e nunca fez uma prece

usava todas as modas
 que neste mundo aparece
 a primeira que usou
 a moda do Top Less

Quando apareceu a moda
 alegrou seu coração
 neste tempo estava havendo
 lá uma santa missão
 e todo mundo ia a igreja
 pra ouvir Frei Damião

O fato de ter aderido à moda do topless já era suficiente para que ela fosse castigada com as labaredas do inferno, entretanto, é a atitude dela para com Frei Damião e a Santa Missão, com desdém e desrespeito, que é realçada pelo poeta, para justificar o castigo a ser recebido:

Ela **cheia de maldade**
 ficou **mangando na hora**
 dizendo eu vou ouvir
 aquele velho caipora
usando meu Top-Less
com os dois ceios de fora

Nas estrofes seguintes, o poeta assinala um dos pontos mais importantes das prédicas religiosas do frade capuchinho que é desprezada pela moça rebelde, que não acata os conselhos dos pais, em franca afronta ao sexto mandamento da Lei de Deus (Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que Iahweh teu Deus, te dá):

Os pais lhe aconselharam
 filha não faça assim não
nós temos que respeitar
a padrinho Frei Damião
 pra se livrar dos castigos
 do autor da criação

Mais eu faço é anarquia
 daquela barba crespenta
 só digo que é poderoso
 nesta hera de 80
 se ele fazer eu correr
 virada numa jumenta

Frei Damião muito longe
 do lugar que ela estava
 mas no momento parou
 as palavras que pregava
 e chamou ela a seus pés
 sem ódio e sem ter raiva

Quando ele viu a marmota
 que aos seus pés chegou
 disse vá vestir a roupa
 pra chegar a onde estou
 porque **isto é uma moda**

que a besta-fera mandou

**Só acredito em você
se agora eu me transformar
numa jumenta** e sair
mordendo quem encontrar
o povo ali se calou
ouvindo ela falar

Frei Damião respondeu
eu não castigo ninguém
diz assim os mandamentos
quem faz o bem tem o bem
quem faz o mal tem o mal
logo seu castigo vem

Ela foi se retirando
e logo que saiu fora
deu um esturro e um rincho
e naquela mesma hora
virou-se numa jumenta
deu 3 popas e foi embora.

A moça desafia a autoridade dos pais, do frade e de Deus, portanto, nada mais justo que ser castigada, para que sirva de exemplo. Aliás, esse é um dos recursos mais utilizados pela poesia de cordel em suas manifestações de caráter ideológico no plano religioso. Porém, nem tudo está perdido, pois Deus é misericordioso, e o poeta, assim como o salmista (Sl 103, 17), para quem “a misericórdia do Senhor é de eternidade a eternidade sobre aqueles que o temem”, enfatiza que todo mal ocasionado pela transgressão pode ser aplacado pelo arrependimento. O final é feliz: depois de rondar pelo país transformada em uma jumenta com os “seios de fora”, a moça se arrepende, pede perdão ao franciscano, e, ao fim de uma oração, volta ao seu estado natural.

Hoje só veste normal
vai a igreja faz presse
se recomenda a Deus
nada de mal lhe acontece
e **não quer ouvir falar**
nesse tal de Top Less.

Talvez o mais espantoso de tudo seja o fato de essa história de cordel encontrar pessoas que acreditem na veracidade de sua narrativa, não faltando os “testemunhos” daqueles que conhecem alguém que já tenha visto a moça transformada em uma jumenta, coisas do imaginário popular.

Muitos folhetos foram escritos nessa classificação temática que apela para a natureza “exemplar”, salientando as relações de causa-efeito, crime-castigo a ser

experimentado por aqueles que desafiam a santidade do frade capuchinho. Nesse ponto, as poesias – que a princípio parecem panfletárias em defesa da fé – destacam-se por sua evidente comicidade, como se pode ver em: “História do protestante que virou um urubu porque quis matar Frei Damião” de Manuel Serafim Ventura, “O homem que rinchou como jumento por zombar de Frei Damião na cidade de União” de Cipriano Batista de Sena, “O jumento que virou gente ou o milagre do Frei Damião” de Franklin Maxado, “A menina que se engasgou cantando a casa de Noca nas missões de Frei Damião” de Manuel Serafim Ventura, “O rapaz que virou bode porque profanou Frei Damião” de José Costa Leite, “O terrível castigo para os ladrões que foram roubar Frei Damião” de Romildo Santos, “O protestante que fez a barba de Frei Damião” de Artur Alves de Oliveira, “O exemplo de um protestante que profanou de Frei Damião” de Antonio Ferreira da Silva, “Exemplo de uma crente que profanou de Frei Damião” de Vicente Vitorino Melo, “A mulher que virou cobra por zombar de Frei Damião” de Pedro Bandeira Pereira de Caldas, “História do protestante que tirou a barba de Frei Damião” de Sebastião Bernardino Silva.

Em outro folheto, do poeta cearense Manoel Caboclo e Silva, intitulado “O homem que deu a luz ao Diabo, no dia que Frei Damião foi suspenso de pregar no Ceará (08/10/1975)”, composto por trinta e duas sextilhas com rimas setessilábicas, observamos também o amálgama dos ciclos temáticos citados acima. Entretanto, o contexto é outro, já não se trata apenas de uma narrativa do tipo exemplar, pois, nessa escritura, é trazido à tona um dos episódios mais controvertidos da vida missionária do Frade franciscano, a proibição por parte do Bispo do Crato, D. Vicente Matos, da realização das Santas Missões no estado do Ceará. Seguindo o mote levantado por Manoel Caboclo, Abraão Batista, no folheto de oito páginas e trinta e sete sextilhas setessilábicas, intitulado “Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião e o Porquê (2ª ed. 05/08/1983)”, analisa a fundo esse embate de forças do catolicismo oficial com o catolicismo popular:

Virgem! que agora eu conto
 uma história enrascada
 de uma proibição bruta
 que ao pobre não explica nada
da força contra o direito
 que quer **a luz apagada**

Eu não sou contra o Bispo
 e não sou contra ninguém
 mas, **zelo pelo direito**
 que cada um pobre tem:
 e o direito do pobre
 é o de rezar para o além.

Eu só sei que em Juazeiro
reina uma indignação
contra as ordens do Bispo
que quer **negar o clarão**
que **ilumina a pobreza**
do nosso imenso sertão.

Um, na rua diz: oxente!
que medida mais sem graça!
outro grita quase em choro
querendo fazer arruaça:
não engulo tal desaforo,
isso é uma desgraça!

As velhinhas tremem e choram
pensando nunca mais ver
o evangelizador querido
que o tempo há de escrever
sobre sua bondade santa
que a terra não vai comer.

Eu encontrei gente, também,
que é a favor dessa ação
mas, **entre toda a pobreza**
não arranjei um só cristão
que não estivesse do lado
do Padre Frei Damião.

Nas estrofes acima – da primeira até a quinta mais a sétima – pode-se observar a preocupação do poeta em descrever – pois ele enquanto devoto também sente – a perplexidade e indignação da população pobre, causada pela proibição imposta ao frade franciscano de rezar missa nas trinta paróquias da diocese do Crato, pelo Bispo Vicente Matos. O poeta, como bom católico, avisa que não é contra o Bispo e para construir sua poesia crítica, sem parecer contrário ao catolicismo oficial, apela para o “direito” do pobre que está sendo aviltado pela força institucional da Igreja Católica, que impede a pregação daquele que traz “luz”, que “ilumina a pobreza”, colocando o problema da proibição – de maneira bastante ousada para um fiel – como um desafio entre “luz” e “trevas”, par de opostos de destacada permanência na literatura universal.

Para o poeta – e para a grande maioria dos devotos – a atitude do bispo só pode ser fruto de inveja, desconhecimento da história, ignorância ou ingratidão, pois nada justificaria tal ato, além disso, o veto do bispo abriu o precedente para que mais cinco bispos também aderissem ao repúdio às santas missões do frade capuchinho. O poeta, ainda sem acreditar na possibilidade de tal acontecimento, resolve investigar pessoalmente o imbróglio – o que manifesta o caráter de preocupação com a verdade tão cara à poesia de cordel – e desse

modo, dirige-se à cidade do Crato e não encontrando o bispo, fala com o advogado da Sé, o Sr. Emilio Lemos, de quem ouve os motivos reais da medida clerical:

Frei Damião, não pode mais
rezar na nossa igreja...
isso é **desconhecer história**
é ignorância ou inveja
é não ver que contra fatos
não há quem vença a peleja.

Além do bispo do Crato
tem **mais cinco no Nordeste**
que não querem frei Damião
e o repudiam como a peste
aconselhando aos vigários
que não o aceitem no agreste.

Com esses conhecimentos
eu fui ao Crato saber
pessoalmente do bispo
para eu mesmo escrever
se a história é verdade
para eu contar e pra crer.

Mas, no Crato infelizmente
o Sr. Bispo não encontrei
e com o **seu advogado**
ali mesmo conversei;
com Dr. Emilio Lemos
eu **ouvi e anotei.**

Do Doutor e doutro amigo
eu **ouvi a explicação**
do porquê da portaria
que causou a indignação
do povo do Juazeiro
e do povo do meu sertão.

Eles disseram que o **povo**
estava **muito fanático**
e o Concilio do Vaticano
nesse assunto, é prático
o **comportamento do povo**
estava atrás do lunático.

Eu ouvi, disse o doutor
grelando os olhos pra mim:
uma velha dizia pra outra
uma frase como essa assim –
“Só agora eu pude ver
que ele não é meu Padrim”.

Por que? Disse o doutor
com muita admiração
- Não é meu Padrim porque
porque **ele pisa no chão...**
meu Padrim não pisava!
... foi a sua conclusão.

E me disseram também
 que o **povo é ignorante**
está fazendo fanatismo
 do mais forte e galopante
 por isso que o Sr. Bispo
 fez esse ato escaldante.

Ciente dos motivos que levaram o bispo a tomar a medida proibitiva – o fanatismo exagerado do povo – resta ao poeta versejar sobre o tema do fanatismo, defendendo sua posição favorável à liberdade de pregação e permanência do frade nas dioceses do Crato. Para isto, Batista vai fundo em sua análise do significado do termo “fanatismo”, estabelecendo paralelos com o que acontece na esfera da música (Roberto Carlos e os Beatles), dos esportes (a paixão do brasileiro pelo futebol) e de outras religiões (afro-brasileiras), defendendo inclusive o direito de ser fanático. Como conclusão, manda um recado para o bispo, chamando-o à compreensão do comportamento e da natureza humana – até os animais irracionais quando tratados com amor “tornam-se fanáticos da gente” – e a não tentar “corrigir um erro”, já cometido no passado, com outro, pois tal portaria poderia ter um efeito contrário ao pretendido, como realmente teve, porque ninguém pode proibir “a liberdade e o amor”:

Todo fã é **um fanático**
 pobre, rico ou cabeludo
 quem é fã **adora o ídolo**
e por ele faz quase tudo
 tem o fã adolescente,
 criança, velho e sizudo.

Roberto Carlos, tem suas fãs
 que por ele se desmaiam
 pelos **Bitles** [Beatles] da Inglaterra
 as mocinhas se “escangaiam”
 e os fanáticos do **futebol**
 aplaudem e depois vão.

Quando os Bitles apareceram
 em Washington, a capital
 pisando numa grama verde
 umas moças... **e não faz mal**
comeram o capim que eles
 pisaram no festival.

Isso é fã e fanatismo
 se não é me diga agora
por que só rico tem o direito
de ser fanático, aí fora?
 por que o pobre não pode ser
 fã de quem somente ora?!

Iemanjá anda nas ruas...
 nas rádios fazem programação
macumbeiros e espiritistas
 enganando a fé do cristão

e por que não podem ouvir
a voz do nosso Frei Damião?

**Esse erro de portaria
se cometeu no passado**
quando expulsaram daqui
o **Padre Cícero** amado
e hoje, repetem o mesmo
com o frade idolatrado!

Gato, cachorro, os bichinhos
quando se tratam de amor
tornam-se fanáticos da gente
e vão para onde a gente for
e o que diremos da criatura
que é enviado do Senhor?

**É preciso se compreender
o comportamento humano**
frágil, tolo e ingênuo
e muitas vezes, profano
mas, **não se corrige um erro
com outro erro** sem pano!

**Essa portaria só serviu
para aumentar mais o calor**
que o povo tem pelo frade,
e seja lá como for
**ninguém proíbe a liberdade
a pura Idéia e o amor!**

Como já assinalamos acima, para ser considerado santo por uma comunidade de fiéis, na versão popular do catolicismo, não há necessidade da aprovação da igreja oficial, e muito menos ter que realizar atos milagrosos. Basta que o sujeito apresente um comportamento que revele santidade em cada ação desenvolvida no seio de sua comunidade. Frei Damião é um desses casos. Antes mesmo que milagres fossem atribuídos à sua intermediação ele já havia sido canonizado pela massa de devotos. Em um primeiro momento como sucessor do Pe. Cícero e, posteriormente, em seu próprio nome. Só em Alagoas existem dois santuários dedicados à sua devoção: na cidade de Canafístula, agora chamada de Canafístula de Frei Damião, um pequeno povoado no agreste alagoano, próximo a Palmeira dos Índios e na Vila de São Francisco, um vilarejo de poucas casas, encravado entre as serras que dividem os municípios de Paulo Jacinto e Quebrangulo. Nessas duas localidades – centros de peregrinação e romaria – o padrinho frei Damião recebe a gratidão de seu rebanho espiritual (sob a forma de ex-votos) pelas graças alcançadas. Tal como acontece em Juazeiro do Norte, com o “Padrim”, seu culto é também utilizado pela igreja Católica Romana, em associação aos cultos oficiais do catolicismo, no caso, a devoção a São Francisco de Assis, fundador da ordem à qual o frade pertence.

Por se tratar de fenômeno recente na hagiografia popular, o caráter de taumaturgo do frade ítalo-brasileiro foi ainda pouco explorado pela poesia de cordel, que tem produzido mais obras a respeito dos episódios lendários de sua vida e de suas pregações; entretanto, acreditamos que muito há de se escrever sobre milagres e grandes feitos desse andarilho dos sertões nordestino até sua canonização pela igreja oficial. Uma das primeiras poesias relatando um feito de dimensão milagrosa, protagonizada pelo capuchinho, foi o folheto de dezesseis páginas e setenta e nove sextilhas, intitulado “Um réu inocente ou a defesa feita por Frei Damião”, de Severino Amorim. Nessa obra – que obedece aos padrões clássicos da narrativa romanceada da LC – o poeta conta a história do infeliz Antonio Pereira, um pobre padeiro que tem a família assassinada e é preso como responsável pela chacina. Diante de tanto sofrimento e humilhação, ele pede a intercessão de frei Damião para que a verdade apareça.

O poeta inicia de forma tradicional pedindo a Deus a inspiração necessária a composição da obra, e segue nas estrofes seguintes descrevendo o local do acontecido – como forma de facilitar a busca de comprovação do fato para o leitor-ouvinte – e o caráter do herói, o padeiro Antonio Pereira. Homem virtuoso, mesmo vivendo na pobreza, não reclamava da sorte e estava satisfeito, pois cria em Deus e tinha esperanças de uma vida melhor, descrevendo desse modo um aspecto bem peculiar à religiosidade incutida nas classes populares: a conformação com a situação socioeconômica, como derivada da vontade divina:

Oh! **Deus baixai sobre mim**
a vossa santa benção
para escrever em versos
com toda meditação
milagre numa Defesa
feita por Frei Damião.

O caso que me refiro
foi passado **em Teresina**
aonde Frei Damião
com sua força divina
defendeu um pobre réu
de uma mancha assassina.

Lá na dita capital
morava um **pobre coitado**
com a mulher e dois filhos
e sua mãe a seu lado
pra sustentar a família
trabalhando no pesado.

Nunca reclamou a vida
vivia assim satisfeito
mesmo pobre como era

gosava certo conceito
a vizinhança sabia
que ele era direito.

As vezes **sua mulher**
Reclamava aquela sorte
Ele dizia sorrindo
o poder de **Deus é forte**
e mesmo nossa **esperança**
só se finda com a morte.

Trabalho no alugado
será o que Deus quiser
pois **a gente só possui**
o que Jesus Cristo quer
e com isso conformava
a sua pobre mulher.

As estrofes seguintes narram o episódio da chacina: o padeiro sai para o trabalho na madrugada e, aproveitando-se de sua ausência, um ladrão entra na residência e mata toda família do pobre Antonio que, ao esquecer de deixar dinheiro para as despesas do dia, retorna a casa e assiste ao terrível quadro de ver sua mãe, sua mulher e seus dois filhos mortos. Como se não bastasse, desesperado ao presenciar tão medonha cena, ele ao encontrar a peixeira ensangüentada, pega-a e sai correndo, até encontrar uma viatura da polícia, acabando por ser detido, como suspeito de ter cometido o bárbaro crime:

Um dia Antonio Pereira
naquela vida cansada
trabalhando em padaria
saiu pela madrugada
deixando sem companhia
sua família adorada.

Duas horas mais ou menos
quando ele se ausentou
um ladrão estava perto
ligeiro presenciou
a fim de roubar a casa
quebrou a porta e entrou.

Assim que o ladrão entrou
encontrou uma peixeira
estava em cima da mesa
ele disse é de primeira
tinha no cabo da faca
escrito Antonio Pereira.

Na hora que o ladrão
procurava o que roubar
a **criancinha mais nova**
queria se acordar
ele **cortou-lhe o pescoço**
para ela não chorar.

A **mulher** se levantou
 naquela triste aflição
 quando olhou para o quarto
 foi avistando o ladrão
recebeu uma facada
em cima do coração.

A pobre mulher caiu
 Sem fazer ação pra nada
A velha do outro quarto
 Quando escutou a zuada
 Correu para defender
Levou uma peixeirada.

Naquela hora tristonha
 Aquele monstro assassino
 Antes de sair do quarto
Matou o outro menino
 E saiu de porta afora
 Com seu coração ferino.

Dobrou a primeira esquina
 Com seu destino malvado
 Aqui eu deixo o ladrão
 Com destino ignorado
 Falo em Antonio Pereira
 O pobre martirizado.

Quando ele saiu de casa
Esqueceu de entregar
O dinheiro da despesa
 Era obrigado deixar
 E do meio do caminho
 Ele resolveu voltar.

Quando foi entrando em casa
 Avistou a bagaceira
 A família toda morta
E encontrou a peixeira
Saiu com ela na mão
 Quase louco na carreira.

Pois carro de **Polícia**
 Que estava em circular
 Vendo um homem na carreira
 Trataram de enconstar
 Lhe **deram voz de prisão**
 Mandando ele parar.

Quando chegaram na casa
 Que avistaram a chacina
 Disseram **monstro bandido**
 Triste da alma ferina
Como é que você faz
Tamanha carnificina.

Diz ele **sou inocente**
 Saí para trabalhar
 E antes da padaria
 Fui obrigado voltar

Disse o cabo **o delegado**
É quem vai lhe escutar.

O delegado lhe disse
 aqui se fala a verdade
porque matou a família
com tanta perversidade
 ele respondeu tremendo
 nunca tive maldade.

Eu adorava mamãe
 com grande estimação
 a minha esposa e meus filhos
 AMAVA DE CORAÇÃO
nunca esperava me achar
na pior situação.

Desacreditado pelas autoridades policiais, o pobre padeiro é processado e preso, porém, resta-lhe ainda uma esperança: Deus. Em seu desespero, ele pede a frei Damião – em nome de Deus e Maria Imaculada – que a justiça seja feita e, em sonhos, recebe a resposta de conforto e esperança do frade capuchinho. Antonio continuou preso, esperando o dia do julgamento, sem ter qualquer resposta à sua oração, até que no dia marcado para enfrentar a corte judicial ele recebe a notícia da chegada do monge em Teresina:

Antes de Antonio Pereira
 Seguir para o julgamento
No mesmo dia cedinho
 Frei Damião de momento
Chegou na igreja matriz
 No soberano aposento.

Quando Antonio Pereira
 Soube que Frei Damião
 Se achava em Teresina
 Mandou pedir confissão
O Frade se dirigiu
Pra casa de detenção.

Lhe disse Frei Damião
Tu és um inocente
 Nunca mataste ninguém
 Disto eu estou ciente
Não temas confi em Deus
 Que sairá brevemente.

Ficou Antonio Pereira
 Lá na prisão infernal
 Frei Damião foi embora
 Pra casa paroquial
 A tarde levaram o réu
 Por ordem do tribunal.

Finalmente, chega o grande dia. O poeta constrói a narrativa do julgamento, mesclando aos elementos jurídicos os correspondentes emocionais, que tocaram os corações da população local e tocam – no presente – os do público leitor-ouvinte. Segue-se então a acusação feita pela promotoria, em que a descrição em detalhes do ato criminoso incita o ódio da população, que pede a condenação do réu, o qual certamente teria sido condenado a pena máxima, não fosse a intervenção de frei Damião, pois, no universo ético dos homens e mulheres sertanejos, esse tipo de crime é mais que hediondo, é um crime contra o sagrado, contra a sacralidade da família. Quando frei Damião aparece no tribunal e executa mais um milagre – tão ao gosto do público leitor-ouvinte, já que se trata da promoção da justiça a um pobre e infeliz sujeito que, após tantos sofrimentos e injustiças, consegue enfim sua vitória – pode-se observar nesse momento o ápice da narrativa poética, em seus efeitos catárticos e purgatórios: o mal é derrotado, a justiça é feita, o bem vence e o equilíbrio é restituído.

O **promotor** de justiça
disse na lei da verdade
um réu desta natureza
não merece piedade
o **conselho de sentença**
não te dará liberdade.

Gritava o povo em voz alta
pedindo **condenação**
para aquele pobre réu
que naquela ocasião
ouvia perante a lei
defesa e acusação.

O leitor está lembrado
daquela ocasião
que o **promotor fazia**
tremenda acusação
ali de momento foi
foi chegando Frei Damião.

Pediu licença ao juiz
e ao promotor presente
e disse para os jurados
este réu é inocente
o juiz disse perdão
eu vou lhe fazer ciente.

Frei Damião se calou
para escutar o juiz
que disse **Antonio Pereira**
perante a lei do país
pelos dados do processo
não merece ser feliz.

Frei Damião perguntou
tem testemunha ocular
me apresente uma pessoa

que viu ele assassinar
ali fizeram silêncio
escutando ele falar.

**Se ele fosse bandido
não lhe daria atenção**
tenho a consciência dele
na palma da minha mão
**levantou as mãos ao céu
como quem faz oração.**

Frei Damião disse assim
a quem estava presente
vou provar que este réu
esta sofrendo inocente
**espere que o criminoso
já vem na porta da frente.**

Em menos de 10 minutos
foi entrando no salão
um **sujeito mal trajado**
preto da cor de carvão
dizendo vim entregar-me
sou criminoso e ladrão.

Encerramos esse capítulo – dedicado aos três mais importantes ícones religiosos do Nordeste – com alguns versos do folheto (oito páginas e trinta sextilhas setessilábicas), composto pelo poeta Gonçalo Ferreira da Silva, escrito logo após o falecimento do frade em junho de 1997, intitulado “Frei Damião: o último santo do sertão”. Nessa obra, o poeta acentua a santidade como valor fundamental que caracteriza a vida do monge franciscano. Em sua concepção ele é o último de uma série: começando com Antônio Conselheiro; tem sua fase áurea com o Pe. Cícero; e termina com frei Damião:

Com a **entrada do Frei
Damião na eternidade**
os nordestinos, dotados
de grande sinceridade
vivem o vazio de quem
se sente na orfandade.

Pois depois de **Conselheiro**
tivemos outro pastor
padre **Cícero** que pregou
fraternidade e amor
mas **para Frei Damião
não existe sucessor.**

Frei Damião de Bozzano
(perdão pelo desatino)
São Damião Brasileiro
São Damião Nordestino
a quem milhões de devotos

entregarão seu destino.

Sua **canonização**
já é um clamor humano
e o Brasil, país católico
apostólico, Romano
haverá de convencer
o austero Vaticano.

Sua santidade, o Papa
precisa compreender
que a canonização
é celestial dever
para um homem que **foi santo**
muito antes de morrer.

Entre **os deuses** que reinaram
no legendário sertão
estão em primeiro plano
o padre **Cícero** Romão
o legendário **Conselheiro**
e o nosso frei **Damião.**

Por isso Frei Damião
com Sé ou sem santa Sé
é um santo nordestino
pois há muito tempo é
um santo nos corações
dos nordestinos de fé.

CONCLUSÃO

Agora caros amigos
 Meu livro vou terminar
 Quem achar que está faltoso
 A mim queira desculpar
 Porque só Deus faz as coisas
 Sem nada mesmo faltar.
Minelvino Francisco da Silva

Concluir um trabalho acadêmico não é encerrar o debate sobre as questões levantadas e discutidas ao longo do texto. Concluir é, antes de qualquer coisa, constatar que se criou um espaço para que as incertezas do percurso possam ser aprofundadas pelos novos olhares que se debruçarão sobre um caminho que foi aberto. Talvez seja algo semelhante à trajetória de Moisés, que após quarenta anos, guiando o povo em sua travessia pelo deserto, rumo à Terra Prometida, só pôde vislumbrá-la ao longe, do alto de uma colina.

Quando iniciamos nossa pesquisa, propusemos duas questões que julgamos de grande importância para a compreensão da poesia de cordel no ciclo temático escolhido: 1) O ciclo místico-religioso – temática sempre presente nos folhetos de cordel – poderia ser explicado, como fenômeno recorrente, a partir de elementos de natureza psicossociais (como imposição do contexto na construção textual), que fazem com que este tema apareça na Literatura de Cordel desde seu início e permaneça ainda hoje, como um dos mais importantes ciclos temáticos dessa poesia? 2) Como se desenvolve o processo de autonomia/criatividade em um contexto sociocultural impositivo e normativo em níveis de construção textual e formal? Cremos que, ao longo do trabalho, essas duas questões foram respondidas. O contexto psicológico, social e cultural, fruto de um processo de hibridização, marcado desde sempre por uma forte religiosidade tridentina e ultramontanista, observável até hoje, impôs-se também nas formas de manifestação artística. Desse modo, tanto os efeitos do catolicismo tradicional, em sua junção ao catolicismo popular, quanto os efeitos da economia, da política, da geografia, enfim, do universo imediato do Nordeste, são motes preferenciais da poesia popular, que possui uma identificação visível com um povo e um espaço. A autonomia e a criatividade artísticas manifestam-se naquilo que o poeta faz com a tradição, mesmo seguindo padrões formais já consagrados – a sextilha, a métrica, a apresentação gráfica – na construção textual, ele pode subverter a ordem estabelecida, e brincar com as palavras, os ritmos, as crenças, os mitos e até com a natureza.

Ao concluir essa análise da permanência do ciclo místico-religioso na Literatura de Cordel, em níveis de construção textual, recordamos alguns fatos pitorescos na nossa relação com a poesia de cordel: a intensa atividade dos poetas de cordel na feira de Caruaru em fins da década de 60 e começo da década de 70 declamando os romances, histórias de heróis, santos e diabos, encantando o público adulto e causando espanto na meninada; e os desafios verbais (pelejas) entre Repentistas (poetas violeiros), que provocavam pequenas aglomerações nos locais onde se apresentavam. Esse contato quase diário com a poesia de cordel nos levou a perceber a sua importância como arte, meio de comunicação e registro histórico, pois muito daquilo que se originou na tradição oral poderia ter sido perdido, não fosse a LC, não fosse a insistência desses menestrelis em cantar o seu lugar e sua gente. Porém, uma lição que podemos tirar desse efeito cativante da poesia de cordel em seu público leitor-ouvinte é sua inextricável ligação com a história, a cultura e o psiquismo de nosso povo e de nosso lugar.

O que pudemos constatar, em nossa investigação sobre a Literatura de Cordel, a partir do ciclo temático escolhido, foi sua força aglutinadora, no tocante às manifestações da cultura que lhe serviram, e ainda servem de núcleo criativo. Seja no campo político, jornalístico, moral ou místico-religioso, a poesia de cordel opera dentro de um contexto em que a cultura é privilegiada como objeto da escritura. A narrativa do cordel está inexoravelmente atrelada a esse vivido próprio de uma região e de um povo, que transforma seu semelhante em herói – como nas poesias sobre os cangaceiros – e coloca seu universo místico, religioso, social e ideológico como mote dessa literatura, que mistura sonho e realidade em uma perspectiva sociocultural. Essa particularidade parece justificar a sobrevivência da LC em face das novas formas de comunicação e arte popular, desenvolvida ao longo do tempo, pois a poesia popular narrativa se impôs e completou mais de cem anos de existência, com direito a festa nos mais diversos centros culturais do país.

Para alcançar os objetivos propostos, contribuir de alguma forma com um novo olhar sobre a LC, a partir de uma hermenêutica que visa esclarecer a permanência do ciclo místico-religioso na LC, concluímos que a utilização de uma abordagem, que funde uma análise sociocultural aliada à psicanálise, psicossociologia e psicologia analítica, no exame da poesia de cordel, foi de grande eficácia, por destacar uma linguagem subjacente ao texto da poesia, em que se fundem o individual e o coletivo, e em que se revela a alma de uma região, representada retoricamente pela poesia de cordel. A utilização de um enfoque psicossocial –

que ressalta a dinâmica psíquica em interação com os fenômenos sociais – para o conhecimento das manifestações da cultura presentes na LC, mostrou-se capaz de fornecer elementos para uma outra leitura da poesia de cordel, reconhecendo sua importância, não apenas como criação artística, mas também como instrumento catártico, que possibilita a expressão do mundo interno do sujeito, em estreita sintonia com o mundo externo. Por conta de sua imensa diversidade temática, a LC pode abordar um amplo universo da vida do Sertão e Agreste nordestino e descrever, em suas poesias, uma forma de ser no mundo, característica dos homens e mulheres dessa região.

Nas poesias dedicadas ao cangaço, aos heróis dos romances de cavalaria, às crianças órfãs e às peripécias do diabo – sempre em consonância com o ciclo místico-religioso – podemos observar a atuação dos mecanismos psicológicos trabalhando ao lado das manifestações da cultura. O cangaceiro, o herói medieval, a criança órfã e o diabo – arquétipos no jargão junguiano – são, ao mesmo tempo, condensação e deslocamento de fantasias primitivas do povo sertanejo e agrestino. Em cada verso, o universo mítico e místico surge, desnudando o imaginário dos homens e mulheres de uma região, em que cada estrofe traz a marca de uma psicodinâmica individual e coletiva, sonhos da vida de vigília que permitem uma profunda vivência afetiva, misto de identificação, idealização e sublimação, cujos principais mecanismos psíquicos são o deslocamento e a condensação.

Hoje, é com grande prazer que vemos o sucesso, na grande mídia, de textos oriundos da LC servindo de inspiração para grandes produções no teatro, no cinema e na televisão, sem esquecer a música, em que muitos compositores foram buscar no cordel o mote para suas composições ou até mesmo musicando poemas. O teatro Armorial, as poesias de Klevison e Arievaldo que viraram especiais para TV, poesias tradicionais que foram adaptadas para o cinema – “Lisbela e o prisioneiro” e “O homem que desafiou o diabo” para citar só dois casos – a música de Alceu Valença, Zé Ramalho, Ednardo, Fagner, Mestre Ambrósio etc, são prova inconteste de que essa escritura, por tanto tempo tida como exótica ou subalterna, pelos meios acadêmicos, inscreve-se como uma importante forma de manifestação artística, que permanece viva, presente e forte, apesar de tudo, e em sintonia com os avanços tecnológicos, tanto para a produção dos folhetos (tudo computadorizado), quanto para a utilização de outros tipos de mídia, como a internet, o CD e o DVD.

Jesus Cristo, o verbo encarnado; Maria e todas as representações que aludem ao seu nome; São Jorge, São João Batista, São Daniel, São Francisco de Assis, São Frei Galvão,

Santo Antonio Conselheiro, Santa Beata Maria Araújo, Santo Padrinho Padre Cícero Romão Batista e Santo Frei Damião de Bozanno. São ícones da oralidade e religiosidade popular do sagrado, permanências da poesia de cordel, que se aliam aos antagonistas, diabos, bruxas e macumbeiras, para compor o universo mágico e místico-religioso que desenham o campo comum das vivências sacras da religiosidade popular.

Ao abordarmos a permanência do ciclo místico-religioso na LC, em níveis de construção textual, podemos afirmar que o texto, inexoravelmente imbricado no contexto, continua tão presente e atuante hoje como fora antigamente, e não apenas no ciclo temático abordado, pois a LC é muito maior que ciclos temáticos. É, como dizia Manoel Caboclo, poesia feita com as cordas do coração, simbolizando vida, sentimento, pulsação. E se o coração pára de bater, como parou o de Moisés nas fronteiras de Canaã, haverá sempre um Josué e um Calebe a guiar o povo, rumo à Terra Prometida.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia. *Histórias de cordéis e folhetos*. Campinas: Mercado de Letras/ALB, 2001.
- ALENCAR, José de. *O nosso cancioneiro*. Rio de Janeiro: Liv. São José, 1962.
- ALMEIDA, Horácio de. “Introdução à obra de Leandro Gomes de Barros”. In: *Literatura popular em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, [19--].
- ALVES, Rubem. *O que é religião*. 7. ed. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1984.
- ANDRADE, Mário de. O romanceiro de Lampião. In: *O baile das quatro artes*. São Paulo. Martins/MEC, 1963.
- APÓCRIFOS e pseudo-epígrafos da bíblia. Tradução Cláudio J. A. Rodrigues. São Paulo: Editora Cristã Novo Século, 2004.
- AYALA, Marcos; AYALA, Maria Ignez Novais. *Cultura popular no Brasil: perspectiva de análise*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. (Serie Princípios).
- BARROS, Leandro Gomes de. *Literatura popular em verso*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1976-1980. 3v. il. (Col. De textos da língua portuguesa, v.4)
- BATISTA, Francisco das Chagas. *Cantadores e poetas populares*. 2. ed. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.
- BATISTA, Sebastião Nunes. *Poética popular do Nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- BENJAMIN, Roberto. *Folkcomunicação no contexto de massa*. João Pessoa: Editora Universitária, 2000.
- BENJAMIN, Roberto. Breve notícia dos antecedentes franceses e ingleses da literatura de cordel nordestina. *Tempo Universitário*, Natal, v. 6, n.1, 171-188, 1980.
- BENTLEY, Eric. *O dramaturgo como pensador: um estudo da dramaturgia nos tempos modernos*. Trad. Ana Zelma Campos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- BÍBLIA de estudo Almeida. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1985.
- BÍBLIA na linguagem de hoje. Traduzida dos originais para o português pela Comissão de Tradução da Sociedade Bíblica do Brasil. 2. ed. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

BÍBLIA Sagrada: nova tradução na linguagem de hoje. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2005.

BÍBLIA Sagrada. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. Revista e corrigida São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BORGES, Juliano. *Considerações sobre o tema da religião no pensamento de Hume, Durkheim e Weber*. Disponível em <www.ifcs.ufrj.br/~enfoques/julho05/pdfs/julho2005_04.pdf>. Acesso em: abr. 2006.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1997.

CALAZANS, J. *Antônio Conselheiro e a escravidão*. Salvador: [s. n., 19--].

CAMPANHA DA FRATERNIDADE. Disponível em: <<http://salvemaria.sites.uol.com.br/cf.htm>>. Acesso em: 17 abr. 2006.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: “*O discurso e a cidade*”. São Paulo, Duas Cidades, 1993.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo, Vozes, 1989.

CARVALHO, Gilmar de. *Madeira matriz: cultura e memória*. São Paulo: Annablume, 1998.

CASCUDO, Câmara. *Vaqueiros e cantadores*. Porto Alegre: Globo, 1939.

CASCUDO, Câmara. *Literatura oral no Brasil*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia: 1984.

CASCUDO, Câmara *Cinco livros do povo*. 3. ed. João Pessoa: Editora Universitária 1994.

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

CHAVES, Lázaro Curvelo. *Messianismo*. Disponível em: <<http://www.portfolium.com.br/canudos>>. Acesso em: 23 set. 2006.

CLEMENTE, Marcos Edílson de Araújo. *Cangaço e cangaceiros: história e imagens do tempo de Lampião*. Disponível em: <<http://www.revistafenix.pro.br/PDF13/DOSSIE>>. Acesso em: 15 jul. 2007.

COLOMBRES, Adolfo. “Palavra y artificios: las literaturas ‘bárbaras’”. In: PIZARRO, Ana (Org.). *Palavra, literatura e cultura*. São Paulo: Memorial Editora da Unicamp, 1993. v. 1

CUNHA, Euclides da. *Os sertões* (campanha de Canudos). São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006.

DIEGUES JÚNIOR, Manuel. O Folclorista Sílvio Romero. In: ROMERO, S. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DUVIGNAUD, Jean. “A Festa”. In: SANTOS, M. Helena Varela; LUCAS, António M. Rollo (Org.). *Antropologia: paisagens, sábios e selvagens*, Porto, Porto Ed., 1982.
- DUVIGNAUD, Jean. *Festas e civilizações*. Fortaleza: Edições Universidade Federal do Ceará; Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1983.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 4. ed. Trad. Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1994.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. Trad. Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ELIADE, Mircea. *Tratado de história das religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ENRIQUEZ, Eugène. O fanatismo religioso e político. In: MACHADO, Marília Novais da Mata (Org.). *Psicossociologia: análise social e intervenção*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- ESPIRITO SANTO, Moisés. *A religião portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Assírio & Alvim, 1990.
- ESTEVES, Antônio R. Literatura e história: um diálogo produtivo. In: REIS, Livia de Freitas (Coord.). *Fronteiras do literário*. Niterói, EDUFF, 1977.
- FERNANDES, Rubem César. *Romarias da Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico: Século XXI*. Curitiba: Positivo Informática, 2004. Versão 5.0, 1 CDROM.
- FERREIRA, Jerusa Pires. *Cavalaria em Cordel: O passo da águas mortas*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FREYRE, Gilberto. “Nota Prévia”. In: LOPES, R. (Org.). *Literatura de cordel: antologia*. 3. ed. BNB: Fortaleza: 1994.
- FREUD, Sigmund. Psicologia de grupo e a análise do ego & Dois verbetes de enciclopédia. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. Uma neurose demoníaca do séc. XVII. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- FREUD, Sigmund. Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão (1927). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, Sigmund. Atos obsessivos e práticas religiosas (1907). In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Literatura popular em verso*. Tomo II. Rio de Janeiro, [19--]. p.85.

HAURÉLIO, Marco. *O ciclo do demônio logrado na literatura de cordel*. Disponível em: <<http://www.usinadaspalavras.com/ler>>. Acesso em: 2 set. 2006.

HOLANDA, Chico Buarque. Homenagem ao malandro. In: *Ópera do Malandro*. São Paulo: Círculo do Livro, 1979.

IGREJA online. Disponível em: <<http://www.cot.org.br/igreja/santa-brigida.php>>. Acesso em: 4 dez. 2007.

JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Trad. Dora Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, Carl Gustav. *Interpretação psicológica do dogma da Trindade*. Trad. Dom Mateus Ramalho Rocha. Petrópolis: Vozes, 1979.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da psicanálise*. 9. ed. Trad. Pedro Tamen. São Paulo: Liv. Martins Fontes, 1986.

CHAVES, Lázaro Curvelo. Messianismo. Disponível em: <<http://www.portfolium.com.br/canudos>>. Acesso em: 5 dez 2007.

LAMPIÃO, Virgulino Ferreira da Silva. Entrevista com Lampião, mar. 1926. Entrevistador: Otacílio Macedo. *Jornal "O Ceará"*, 17-18 mar. 1926. Disponível em: <<http://lord85.multiply.com/journal/item/112/112>>. Acesso em: dez 2007.

LIMA, Antonio C.F. *O Imaginário social na literatura de cordel: uma abordagem psicológica e sociocultural da poesia de Leandro Gomes de Barros*. 2002. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira)- Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2002.

LOURENÇO FILHO, M. B. *Juazeiro do Padre Cícero*. 4. ed. Brasília: Inep-MEC, 2002.

LIMA, Egídio de Oliveira. *Folhetos de cordel*. João Pessoa: Editora Universitária, 1978.

LINHARES, Francisco; BATISTA, Otacílio. Gêneros de poesia popular. *Jornal da Poesia*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/poesia>>. Acesso em: 4 jun. 2000.

LIVRO dos mortos. Disponível em: <<http://www.estudos-biblicos.com/egipto.html>>. Acesso em: 23 maio 2007.

LUYTEN, Joseph M. *O que é literatura de cordel*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

MAGALHÃES, Belmira Rita da Costa. Um diálogo entre a realidade e a arte: a estética lukacsiana e Graciliano Ramos. *Leitura: revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, Maceió*, n. 24, jul./dez. 1999.

MAGALHÃES, Celso de. *A poesia popular brasileira*. Rio de Janeiro. Divisão de Publicações, 1973.

MELO, Veríssimo de. “Literatura de Cordel: Visão histórica e aspectos principais”. In: LOPES, Ribamar (Org.). *Literatura de Cordel: antologia*. 2. ed. rev. Fortaleza: BNB, 1983.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil. *Jornal da Poesia*. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/poesia>>. Acesso em: 12 jan. 2000.

MISSE, Michel. Além do fato: a reinvenção do malandro. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 30 jan. 2005. Caderno A, p. 19.

MOURA, Clovis. Antonio Conselheiro: um abolicionista da plebe. In: *Olho da História*, n. 3. Disponível em: <<http://www.oohodahistoria.ufba.br/03moura.html>>. Acesso em: maio 2007.

MOTA, Leonardo. *Violeiros do Norte*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962.

NUNES, Pedro. *As relações estéticas no cinema eletrônico*. João Pessoa: EDUFPB, 1996.

OLAVO, Antônio. *O maior acervo virtual sobre a história de Canudos*. Disponível em: <<http://www.portfolium.com.br/canudos>>. Acesso em: 14 out. 2006.

PAGAN, Maria do Carmo. *Maria de Araújo, a beata de Juazeiro*. São Paulo: Paulinas, 1991.

PAPA se desculpas pela inquisição. *Diário de Pernambuco*, Recife, 16 jun. 2004. Disponível em: <http://www.pernambuco.com/diario/2004/06/16/mundo1_0.html>. Acesso em: 28 mar. 2007.

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Literatura popular em verso: antologia, estudos catálogos (I II)*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986.

REIS, Zenir Campos. Ciência e paciência: O Mestre Oswaldo Xidieh. *Revista Estudos Avançados*, v. 9, n. 23, 1995.

ROMERO, Sílvio. *Estudos sobre a poesia popular do Brasil*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

SEMOG, Éle. Poetas negros, movimentos negros e alguma vida. Disponível em: <<http://www.poesianarede.com.br>>. Acesso em: 10 jul. 2007.

SILVA, Cícero Wilson da. *Poesia sobre Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: Lira Nordestina, 2005.

SLATER, Candace. *A vida no barbante: a literatura de cordel no Brasil*. Trad. Octave Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

SOUSA, Manoel Matusalém de. *Cordel, fé e viola*. Petrópolis: Vozes, 1982.

TERRA, Ruth B. Lemos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do nordeste (1893 a 1930)*. São Paulo: Global, 1983.

TERRA, Ruth B. *O lugar do poeta*. Editor João Martins de Athayde. Recife, Fundação Joaquim Nabuco - Centro de Estudos Folclóricos, 1986. (Folclore, v. 169/170).

VILLARI, Rafael Andrés. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. *Psicología: ciência e profissão*, Brasília, ano 20, n. 2, 2000.

WALKER, Daniel. *Curiosidades sobre Pe. Cícero*. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros Editora, 2004.

WALKER, Daniel. *Biografia do Padre Cícero*. Juazeiro do Norte: Os Juazeiros Editora, 2004.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução de Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz Pochat e Maria Inês de Almeida. São Paulo: Hucitec, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a "literatura" medieval*. Trad. Amalio Pinheiro e Jerusa Pires Ferreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

2 – Literatura de Cordel

AMORIM, Severino. *Um réu inocente ou a defesa feita por Frei Damião*.

ANÔNIMO. *A vida de Frei Damião*.

BARROS, Cícero. *O mundo evangelizado*.

BARROS, Leandro Gomes de. A alma de uma sogra. In: *Literatura popular em verso*.

Fundação Casa De Rui Barbosa: Rio de Janeiro: [19--.]

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Peleja de Manoel Riachão com o Diabo*.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Suspiro de um sertanejo*. São Paulo: Ed. Luzeiro, [19--.]

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. A Orfã. In: *Literatura popular em verso*. Rio de Janeiro, [19--.]

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. Antonio Silvino no jury: debate de seu advogado. In: *Literatura popular em verso*. Tomo II. Rio de Janeiro: [19--.]

BATISTA, Abraão. *A macumbeira que foi fazer um despacho e despachou-se*. 1990.

BATISTA, Abraão. *Padre Cícero o cearense do século*.

BATISTA, Abraão. *O crente que vivia com uma burra em Xorozinho – CE*.

BATISTA, Abraão. *História do beato José Lourenço e o Boi Mansinho*

BATISTA, Abraão. *Proibição do Bispo do Crato contra Frei Damião e o porquê*.

BATISTA, Esmeralda. *Santíssima Trindade*.

BORGES, José Francisco. *A fundação da igreja e o papa do diabo*.

BORGES, José Francisco. *A moça que virou jumenta porque falou de Top Less com Frei Damião*.

BRAGA, Medeiros. *Um cordel para Conselheiro*.

CALDAS, João Bandeira. *A queimação dos panos ensangüentados da hóstia e depoimento do Pe. Antonio Vieira*.

CATOLÉ, José Antonio Torres. *O velho que enganou o diabo*.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Antonio Conselheiro: o Santo Guerreiro de Canudos*

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *O Missionário do Nordeste*. 1976.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. *Frei Damião: o missionário do nordeste*. 1976.

CEGO ADERALDO, Aderaldo Ferreira de Araújo. Guerra do Juazeiro. In: FILHO, LOURENÇO. Juazeiro do Padre Cícero. 4ªed. Brasília-DF: Inep-MEC, 2002.

FERNADES, Olegário. *Conselhos e Sermão de Frei Damião*.

FERNADES, Olegário. *A história do Protestante que bateu na Santa Nossa Senhora Aparecida*.

LOPES, Francisco; LOPES, Alexsandra. *O Messias*.

LUCENA, Antonio. *O pastor que virou bode*.

MONTEIRO, Manoel. *A vida do Padre Cícero: político ou padre? cangaceiro ou santo?*

MOREIRA JÚNIOR, Manoel. *Lampião e Padre Cícero num debate inteligente*.

PANELAS, Oliveira de. *Toda terra precisa de um santo*.

PAULINO, Sebastião; RINARÉ, Rouxinol. *O profeta Daniel e o sonho que o rei esqueceu*. 2004.

PEDRO, João. *Mandamentos do Padim Ciço*.

SILVA, Antonio Ferreira da. *A Profecia Sagrada do Frade Frei Damião*.

SILVA, Cícero Wilson da. *Poesia sobre Padre Cícero*. Juazeiro do Norte. Lira Nordestina, 2005.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *São Jorge: o santo guerreiro nascimento, vida e morte*.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Fim de um longo pontificado*.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Frei Damião: o último santo do sertão*.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Antônio Conselheiro: África de um sertanejo místico*. 2005.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Madastra Igreja Católica: a agonia de um monstro*.

SILVA, José Pereira. *Passados do meu Padrinho: beata Maria de Araújo, Juazeiro do Norte – CE*.

SILVA, Manoel Caboclo. *O homem que deu a luz ao Diabo, no dia que Frei Damião foi suspenso de pregar no Ceará*. 1975.

SILVA, Manoel Caboclo. *A visita dos romeiros como era antigamente.*

SILVA, Marcos Mairton da. *O advogado, o diabo e a bengala encantada.*

SILVA, Minelvino Francisco. *História de Antonio Conselheiro e a guerra de canudos.*

SILVA, Olegário Fernandes. *Conselhos e sermão de Frei Damião.*

SILVA, Silas. *A profecia de uma crente (que garantiu rasgar a Bíblia).*

SOBRINHO, José Saldanha Menezes. *Nascimento, vida e morte do Frade Frei Damião.* 1997.